

ÍNDICE

Introdução.....	3
1. Biografia de Graciliano Ramos.....	5
2. O modernismo brasileiro.....	9
2.1 Introdução à literatura modernista brasileira.....	9
2.2 A segunda fase modernista e o Regionalismo.....	10
3. Análise do romance <i>Vidas Secas</i>.....	13
3.1 Introdução.....	13
3.2 Estrutura.....	13
3.3 O foco narrativo.....	14
3.4 O espaço.....	14
3.5 O tempo.....	15
3.6 Análise das personagens.....	15
3.7 A linguagem e o estilo.....	17
3.8 Denúncia social.....	18
4. Proposta de tradução.....	21
5. Glossário.....	179
6. Características e dificuldades técnicas da tradução.....	181
Conclusão.....	185
Bibliografia.....	187

Introdução

Esta tese pretende analisar de maneira aprofundada o livro *Vidas Secas* uma das maiores obras de Graciliano Ramos, enfocando-se sobretudo sobre a tradução do livro com que Graciliano apresenta a sociedade nordestina da década do 30. O conjunto da tradução com os capítulos introdutivos oferece uma visão completa do trabalho do autor alagoano.

Graciliano Ramos e as suas obras foram o argumento principal de um curso de literatura que achei muito interessante, a figura do autor e o estudo das suas obras foram para mim uma inspiração na escolha do argumento da minha tese; decidi analisar o romance *Vidas Secas* porque a história apresentava perfeitamente a parte da sociedade brasileira que na minha opinião merecia uma pesquisa aprofundada.

A escolha de inserir a tradução do livro como assunto principal do inteiro trabalho foi para mim um desafio, um meio para melhorar as minhas capacidades linguísticas enfrentando-me com um trabalho complexo, útil e fascinante.

A tese organiza-se de maneira que os capítulos servem para contextualizar o trabalho de tradução porque achei fundamental sublinhar também todos os aspectos sociais e culturais complementares a elaboração do livro tornando a tese mais completa e elaborada.

Começa-se com a apresentação da vida do autor, do contexto literário e histórico nos quais se desenrola a criação do livro ou seja uma panorâmica geral sobre todos os acontecimentos que afeiteram a obra do nosso autor.

O primeiro capítulo resume a vida do autor, as datas de publicação de algumas das suas obras mais importantes, para mim é fundamental iniciar o trabalho com uma pequena biografia de Ramos porque a sua experiência de vida desde a infância influenciou o pensamento e a formação do literato tanto que alguns dos seus livros contêm dados autobiográficos.

O segundo capítulo apresenta a cena histórico-literária das primeiras décadas do 900. Esse contexto ajuda o leitor compreender a obra do romancista sertanejo porque foi próprio o movimento modernista que nasceu em Brasil em 1922 a inspirar todas as narrativas do autor nordestino. Em particular o regionalismo foi uma das temáticas principais de todos os autores da época, esse interesse pela sociedade e o regionalismo

consagra o romance *Vidas Secas* como uma das obras fundamentais para o modernismo mas também para todo o cenário da literatura brasileira até hoje.

O terceiro capítulo entra de verdade na história do romance, o seu objetivo é aprofundar todos os aspetos principais da obra, como a análise das personagens, da estrutura, da ambientação, dos recursos estilísticos adotados pelo autor. Essa análise em particular salienta as características que acomunam essa família sertaneja e a sua realidade com a sociedade nordestina da época que sofria terríveis injustiças e opressões.

A parte central do trabalho é ocupada pela tradução em italiano do romance. Trata-se da parte mais significativa da tese porque foi a tarefa que ocupou a maioria do tempo dedicado a essa tese. A tradução há ao lado o texto original na língua portuguesa e antes da tradução encontramos um pequeno dicionário com a explicação de algumas palavras típicas da região do sertão.

Antes das conclusões finais, há um capítulo onde explicam-se a dominante seguida durante a tradução e todas as dificuldades enfrentadas durante o trabalho. Foi muito importante denotar todos os obstáculos porque explicam ao leitor da tese as razões do tradutor, as escolhas necessárias para obter um texto final eficaz do ponto de vista do estilo e as complicações que se encontram durante a produção de uma tese que trata a tradução.

As considerações finais servem para resumir os aspectos mais interessantes do trabalho de elaboração da tese, salientando as características que constroem o mundo de Graciliano Ramos.

1. Biografia de Graciliano Ramos

Graciliano Ramos foi um romancista, cronista, contista, jornalista, político e memorialista brasileiro do século XX, conhecido no mundo por seus famosos livros entre os quais *Vidas secas*.

Graciliano Ramos de Oliveira nasceu no dia 27 de outubro de 1892, na cidade de Quebrângulo no estado de Alagoas. Primogênito dos dezesseis filhos de um senhor de engenho arruinado, Sebastião Ramos de Oliveira, então proprietário de uma modesta loja de tecidos, e Maria Amélia Ferro Ramos. Viveu a sua infância em diferentes cidades sempre na região do sertão, uma zona dominada pela pobreza e a aridez das secas.

Aos dois anos de idade, mudou-se para a cidade de Buíque, sob o município de Pernambuco, o pai liquidou a loja, juntou as economias e foi criar um gado na Fazenda Pintadinho, nesse mesmo estado. Nesta cidade teve os primeiros contatos com a educação, ele começou o processo de alfabetização em casa, com o pai, sob a pedagogia tradicional da palmatória; essa educação rígida, sem nenhum gesto carinhoso e recheada de admoestações e castigos, junto com a rigidez dos pais alimentou nele a ideia já desde pequeno de que todas as relações humanas são governadas pela violência.

Cresceu afastado das outras crianças, sem poder brincar, e esse seu isolamento foi tornando-o tímido e com sentimento de rejeição, dado que os familiares não tinham nada de afetuoso. Para complicar, tinha uma inflamação crônica nos olhos, que o obrigava a andar com bandagens e se isolar ainda mais.

As dificuldades derivada do prolongamento da seca em Buíque, fizeram voltar o pai de Graciliano Ramos para Alagoas, esta vez na cidade de Viçosa. Em 1900 toda a família vai para essa cidade, onde Graciliano Ramos passa parte de sua infância e adolescência, a crise econômica gerada pela queda no preço do açúcar não atingia a família Ramos visto que a loja de tecidos, ferragens e miudezas ia muito bem.

Em 1904 Graciliano publicou um pequeno conto para crianças, no jornal *O Dilúculo*, o ano seguinte mudou-se para Maceió onde frequentou o Colégio Quinze de Março.

Em 1906 redigiu o jornal *Echo Viçosense* que só teve dois números publicados, no mesmo ano publicou alguns sonetos na revista carioca *O Malho* sob o pseudônimo de Feliciano de Olivença.

Em 1909 começou colaborar com o “*Jornal de Alagoas*”, publicando o soneto *Cèptico* como Almeida Cunha e até 1913 publicou outros textos sob vários pseudônimos: Soares de Almeida Cunha e Lambda e no mesmo tempo colaborou regularmente também com a revista *O Malho*.

Em 1910 mudou-se para Palmeira dos Índios.

Quando esteve em 1914, pela primeira vez no Rio de Janeiro, à época Capital Federal, trabalhou como revisor nos jornais cariocas *Correio da Manhã*, *A tarde* e *O século*, e colaborou com o semanário fluminense *Paraíba do Sul* e para o *Jornal de Alagoas*; algumas destas crônicas revelavam já o seu humor sarcástico e uma visão crítica sobre si mesmo e sobre a sociedade em geral, uma demonstração de grande habilidade considerando que era um jovem autodidata, vindo do interior nordestino.

Em 1915 a causa da morte dos irmãos voltou para Palmeira dos Índios onde além da atividade de jornalista trabalhou também como comerciante e sempre no mesmo ano se casou com Maria Augusta de Barros.

Depois cinco anos a sua mulher faleceu por algumas complicações do parto e deixou Graciliano sozinho a crescer quatro filhos.

Em 1927 foi eleito prefeito da Palmeira dos Índios, depois dois anos renunciou ao cargo de prefeito e mudou-se novamente para a cidade de Maceió onde foi nomeado diretor da Imprensa Oficial de Alagoas. Nesta cidade conheceu a jovem Heloísa Leite de Medeiros e em 1928 os dois se casaram. O ano 1933 marcou um momento importante por Ramos, porque foi o ano da publicação da sua primeira obra literária “*Caetés*” pela casa editora Schimdt, um livro que já trazia consigo o pessimismo geral que caracteriza toda a sua literatura.

No ano seguinte, o ano da morte do seu pai, publicou um outro livro que intitulase *São Bernardo* pela casa editora Ariel.

Em 1936 acusado de ter conspirado na organização do levante comunista de novembro 1935, foi preso em Maceió e levado em Rio de Janeiro, neste período o país estava sob o regime de Getúlio Vargas que controlava toda a atividade política sobretudo àquele de matriz comunista. A acusação contra Graciliano Ramos não foi formalizada. Esteve preso até 1936, neste período passou através diferentes prisões. No agosto deste ano foi publicado o seu romance “*Angústia*”, o livro que no mesmo ano ganhou o prêmio Lima Barreto, um prêmio instituído pela Revista Acadêmica. Foi libertado e passou

trabalhar por alguns jornais de Rio de Janeiro, no mês de maio a *Revista Acadêmica* dedicou-lhe um número especial e recebeu o prêmio “literatura infantil” do Ministério da Educação com a obra “*A terra dos meninos pelados*”. Em 1938 publicou *Vidas Secas*, o seu romance mais conhecido e no ano seguinte foi nomeado Inspetor do ensino Secundário no Rio de Janeiro.

Em 1941 Ramos publicou uma série de crônicas sob o título “Quadros e costumes de Nordeste”, na revista *Cultura Política*, esta revista junto à revista *Ciência Política* eram os dois órgãos de propaganda da política de Getúlio Vargas. *Cultura Política* era uma revista não partidária cujo objetivo era destacar o que era propriamente brasileiro, Graciliano Ramos colaborou somente com esta revista provavelmente porque era uma revista intelectual, dado que a seu orientamento político era comunista e não apoiava o regime Vargas.

Em 1942 durante a festa pelo cinquentenário, recebe o prêmio Felipe de Oliveira por o alto valor do conjunto das suas obras e foi Felipe Frederico Smith o que foi encarregado do discurso.

Em 1944 lançou o seu romance infantil *Historias de Alexandre*, uma das obras menos conhecida e estudada que é muito importante na literatura brasileira porque trata-se de literatura infantil.

Em 1945 aderiu publicamente ao partido comunista brasileiro, sob o convite de Luís Carlos Prestes que era o secretário-geral do partido. No mesmo ano publicou *Infância*, um romance muito importante para compreender a figura do autor, porque trata-se de um livro parcialmente autobiográfico onde o escritor elabora alguns elementos da sua vida e os mistura com elementos de interesse social.

Em 1950 graças ao ótimo conhecimento da língua francesa traduziu o famoso romance de Albert Camus *A Peste*, Graciliano considerava o trabalho de tradutor como um trabalho secundário, só algo que ajuda economicamente. Sempre no mesmo ano morreu Marcio Ramos seu primeiro filho, o suicídio do filho foi um golpe terrível para Ramos que aumentou o abuso de cachaça, cigarros, café.

Em 1951 foi eleito Presidente de Associação brasileira dos escritores, um cargo prestigioso que confirmou a importância do autor no cenário da literatura brasileira. Em 1952 com a sua mulher Heloísa, fez uma viagem pela União Soviética, nesse período

Stalin estava no apogeu do seu poder. Dois meses depois desta viagem manifesta os primeiros sintomas do tumor e vai para Argentina onde internou-se para a cirurgia.

Em outubro do mesmo ano voltou para Rio de Janeiro gravemente doente. Em janeiro do 1953 a sua saúde piorou e as cinco da manhã do 20 março 1953 morreu. Depois da sua morte, a mulher Heloísa publicou *Memorias do Cárcere, Viagem, Linhas Tortas* (crônicas), *Viventes das Alagoas* (crônicas), *Alexandre e outros Heróis* (literatura infantojuvenil).

Em 1962 *Vidas Secas* recebeu o Prêmio da Fundação William Faulkner (EUA) como livro representativo da Literatura Brasileira Contemporânea.

2. O modernismo brasileiro

O modernismo brasileiro foi um movimento cultural que interessou diferentes disciplinas artísticas. A cidade de São Paulo foi o centro promotor das novas ideias, o lugar onde se encontrava o fermento dos jovens artistas que queriam uma inovação em todos os âmbitos culturais.

2.1 Introdução à literatura modernista brasileira

O modernismo literário brasileiro nasceu no final da segunda década do século XX, foi uma ruptura com a tradição que interessou diferentes manifestações artísticas. Um evento importante pela afirmação do modernismo foi a semana da Arte Moderna de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo, embora não tenha sido o início do movimento a Semana, que aconteceu entre o 13 e o 18 de fevereiro 1922, viu entre seus participantes os maiores nomes da cena literária e artística da época e sobretudo apresentou às características principais deste novo movimento. O modernismo brasileiro pode ser dividido em três fases principais: a primeira fase ou fase heroica, a segunda fase ou romance do 30 e a terça fase chamada geração de '45, para compreender a obra de Graciliano Ramos será necessário aprofundar as primeiras duas fases.

Com a Semana da Arte Moderna começou a chamada Primeira fase do Modernismo ou Fase Heroica (1922-1930), esta primeira fase caracteriza-se com uma renovação estética influenciada pelas vanguardas europeias como por exemplo o surrealismo, o cubismo e o futurismo. Os intelectuais da época se interessam ao cotidiano, a valorização de textos do passado e buscam uma linguagem que rompa com a tradição literária.

A segunda fase modernista chamada também Romance de 30 surge em meio a uma fase de importantes mudanças em diversos aspetos da sociedade brasileira e internacional. O quadro social e econômico que se apresentava no Brasil e no mundo inteiro no início da década do 1930 levou os artistas a tomar uma nova posição diante a realidade, portanto pode-se afirmar que o novo pensamento literário foi uma rápida resposta ao colapso econômico que se instalara no Brasil. A crise econômica provocada pela quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929 com a conseguinte crise do café, o nazi fascismo na Europa e o combate ao socialismo foram as causas principais duma crise global que não interessou somente o Brasil.

O 1930 foi um ano importante também para a revolução que interessou o país neste ano, a insatisfação da classe média, dos trabalhadores urbanos e também da elite do Norte e do Sul que não aprovava as escolhas promovida pelo Estado em campo econômico formaram o conjunto de fatores que provocou a revolução que mudou completamente o país. Essa situação levou ao poder Getúlio Vargas que na primeira fase do seu governo interessou-se em promover alguns avanços sociais como a criação de uma legislação trabalhista e o incentivo a industrialização do país.

Os intelectuais brasileiros diante esta nova condição político-social começaram refletir acerca da história do país e a condição do povo brasileiro.

2.2 A segunda fase modernista e o Regionalismo

A literatura brasileira que havia mudado em 1922 com o início do movimento modernista, captou essas inquietações sociais e a partir da década do 30 deu origem a uma nova fase modernista que foi o desenvolvimento da primeira.

A Geração de 30, movida pela situação social, econômica e histórica de então, deu novos rumos à literatura, passando a tomar consciência do seu lugar na sociedade e colocando sua arte a serviço das causas a que aderira.

A data de 1930 marca a renovação do gênero do romance no Brasil, ou seja, traz novas características na prosa, mas já em 1926 durante um congresso em Recife os escritores do Nordeste decidiram fazer uma prosa regional, é dessa manifestação cultural e outros similares que surgirá o romance do 30.

A prosa de 1930 é neorrealista porque conserva algumas características do realismo-naturalismo do século anterior. Depois das recentes crises sociais, econômicas, a implantação do regime do Estado Novo e as consequências da Primeira Guerra mundial a literatura quer observar e representar a realidade. Os escritores olhavam criticamente a realidade brasileira concentrando-se sobre a relação entre os homens e entre o homem e a sociedade. Como a literatura privilegia a prosa para analisar ou denunciar a realidade, a forma de escritura utilizada pelos escritores foi o romance.

A produção dessa fase pode ser dividida em três diferentes tipos de prosa:

- Regionalista: o tema é o regionalismo do nordeste, a seca, a miséria, o descaso dos políticos nessa zona.
- Urbana: retrata a vida nas grandes cidades, o homem urbano, os problemas sociais, o homem e a sua relação com a sociedade.

- Intimista: tem como tema o mundo interior e indagação psicológica, foi influenciada pela teoria psicanalista de Freud.

Esses romances foram fundamentais para a conscientização crítica e social do leitor brasileiro, trata-se de romances de matriz antifascista e anticapitalista que através um olhar crítico referem-se às questões sociais bastante graves como a desigualdade social, a vida dos retirantes, a escravidão, o coronelismo, resumindo todos os problemas sociopolíticos que se sobrepunham à situação natural das diferentes regiões. Com eles encontramos formas de compreensão de homens que pertencem às diversas faixas sociais brasileiras narrando o cotidiano de forma detalhada e complexa.

Os críticos referem-se a esses livros com diferentes nomes como Romance do 30 porque se referem ao início dessa nova literatura, romance neorrealista em relação à modernização do movimento literário do XIX século ou romance regionalista porque argumenta a vida do homem que vive fora da metrópole e vive o Brasil regional.

O aspecto regional desses tipos de romances é muito importante porque é dentro dessa categoria que encontramos o romance de Graciliano Ramos. O nordeste brasileiro constituiu e ainda hoje constitui o exemplo de aquelas áreas subdesenvolvidas onde encontramos todos os problemas econômico-social que afligiam o país naquela época: a desigualdade na distribuição das terras, a manutenção dos latifúndios, a falta de política pública mínima, tudo o que é necessário para representar personagens que personificam um motivo suficiente para suscitar indignação e crítica e denúncia. O chamado regionalismo nordestino é o fio que conduziu a maior parte das obras literárias brasileiras na década do 30 que cria uma voz que critica e denuncia os dramas, as tensões a que está submetida aquela região e o seu povo. De maneira geral o regionalismo é uma expressão literária que valoriza as peculiaridades locais tanto no aspecto geográfico quanto naquele cultural. O regionalismo serve como instrumento de afirmação regional ou nacional, crítica social, investigação psicológica do nativo da região.

No plano político a sua origem pode-se identificar com a insatisfação frente às principais forças políticas nordestinas que tinham participado ao governo apoiando as oligarquias da produção do café levando à decadência da economia açucareira; desse modo o nordeste brasileiro oferecia muito pouco ambos pelo estado e pela sua povoação. Como consequência da grande crise que começou no início da década dos anos 20 e

perdurou até o craque da bolsa de Nova Iorque, oposição ao poder central tornou-se um território fértil para a revolução do 30.

Havia uma forte participação na atividade política que se opunha à submissão das regiões frente ao governo central e o conjunto das diferentes perspectivas encontrou no Estado Novo um período de intensas transformações políticas e sociais em que cada dia se buscavam elementos que pudessem criar uma identidade da nação e do povo brasileiro. De fato com essa nova forma de governo surge uma vontade de começar um processo de formação de uma identidade própria brasileira a partir da observação da realidade do país de maneira que o homem possa reconhecer-se nas suas potencialidades e necessidades.

3. Análise do romance *Vidas Secas*

3.1 Introdução

Vidas Secas é um romance publicado em 1938 que retrata a vida de uma família de retirantes sertanejos obrigada a mudar-se para buscar áreas menos áridas. Eles são uma família que procura um lugar para viver, estão em busca de uma vida melhor. A obra pertence à segunda fase modernista, ou melhor regionalista, e pela crítica é uma das obras mais importante do autor. Podemos dizer que Graciliano Ramos contribuiu com a suas obras a ampliar a literatura regionalista que começa a partir dos anos 30, um movimento que se interessa de retratar o povo brasileiro com o ponto do vista do pobre, o desafortunado através uma obra engajada. Entre o grupo de autores da literatura nordestina Graciliano Ramos é o melhor em representar aquela ruptura com a estrutura da literatura tradicional mas também com a dominação política e social sem ter conta do alto nível artístico de toda a sua produção.

O título do romance antecipa dois dos seus aspetos essenciais, *vidas* remete-se aos indivíduos protagonistas da narrativa, *secas* aponta tanto a condição natural quanto a falta da perspectiva das personagens.

A obra apresenta principalmente três movimentos da família: o livro começa com a retirada da família sertaneja que viaja pela catinga seca, tudo descrito no capítulo *Mudança*, a permanência da família numa nova fazenda e termina com uma nova retirada da família no último capítulo *Fuga*. O primeiro e o último capítulo descrevem a mesma situação, a retirada da família que busca um lugar mais propício para viver, esta é exatamente a realidade do retirante nordestino. Todo o romance ocorre entre duas situações idênticas, de maneira que o fim encontrando-se com o início fecha a história num círculo.

3.2 Estrutura

Vidas Secas em substância é uma narrativa curta porque contém treze capítulos que parecem independentes, ao principio cada um fora publicado como contos mas a causa das temáticas comuns que ligavam todas as histórias o autor decidiu junta-los. Os retirantes não podem continuar a viver no espaço que ocupavam, portanto são obrigados a retirar-se para outros lugares, essa vida nômade da família sertaneja é a causa principal

da fragmentação da estrutura do livro que não tem uma linearidade temporal. Esta fragmentação reflete-se também na apresentação da família, cada um das personagens é o protagonista de um dos capítulos iniciais, essa escolha mostra também o afastamento que existe entre as personagens, de fato eles vivem juntos mas cada um em completa solidão.

3.3 O foco narrativo

O narrador é o narrador onisciente que revela a alma das personagens através seus monólogos interiores. A escolha do foco narrativo em terceira pessoa é emblemática porque nenhum dos outros romances do autor tem esse recurso narrativo. Trata-se na realidade de uma necessidade narrativa porque o autor queria manter a verossimilhança da história, mas também porque queria colocar o leitor em contato direto com as personagens, como se fosse o narrador o elemento que os liga.

A onisciência, não é usada somente para apresentar o ambiente e a história, serve também como instrumento de análise psicológica, instrumento para conhecer a alma dos protagonistas. Como romance que pretende denunciar uma realidade social regionalista, *Vidas Secas* tinha que distanciar-se de maneira realista, pretender que a visão daquele acontecimento não fosse subjetiva e a narração em terceira pessoa caracteriza-se por um afastamento do narrador.

O autor utilizou também o discurso indireto livre, forma híbrida em que os sentimentos das personagens se mesclam com a voz do narrador onisciente, essa foi a solução para que a voz dos retirantes conseguisse participar da narração sem que tivessem a responsabilidade de conduzir a narrativa dado que nenhum das personagens parece ter a capacidade de tornar-se narrador.

3.4 O espaço

A narrativa é ambientada no sertão, uma região nordestina marcada pelas chuvas escassas, essa falta de chuva soma-se a uma política governamental que não se preocupa com investimentos no âmbito econômico-social neste lugar tão pobre. O espaço físico é marcado por uma paisagem natural e hostil: um solo inóspito, clima árido, e rios secos, do outro lado têm um espaço social caracterizado por personagens que tem dinheiro ou poder político: o soldado amarelo, o dono da fazenda, ambos símbolos da importância do

capitalismo, e o fiscal da prefeitura, símbolo de um governo que não se interessa ao estado das pessoas pobres.

Ao longo da obra há dois recortes espaciais: o mundo rural e o mundo urbano. Fabiano consegue, apesar da sua condição de “escravo”, dominar o ambiente rural porque é um ambiente que ele conhece e vive desde pequeno. Ele conhece a sua profissão, sabe trabalhar bem e essa consciência lhe dá uma sensação de utilidade porque trabalhando como vaqueiro na sua solidão ele sente-se de uma certa maneira digno. Na cidade porém Fabiano vive em cada nova experiência o sentimento de inadequação, os capítulos festa e cadeia ilustram bem esse sentimento de humilhação que Fabiano sente cada vez que se relaciona a cidade e aos seus habitantes.

3.5 O tempo

O tempo da narrativa medeia duas secas, a primeira que traz a família para a fazenda e a segunda que a leva para o Sul. Ao longo da narrativa, mesmo encontrando algumas indicações cronológicas, não há adjetivos que permitam identificar com precisão o tempo em que acontecem os fatos narrados, podemos somente afirmar com segurança que os acontecimentos vividos pela família se desenrolam entre duas secas, individuado um tempo que pode-se definir sobretudo psicológico e circular.

O tempo psicológico que se individualiza na obra enfatiza as dimensões mental e emocional das personagens.

A circularidade se reconhece sem dúvida porque Vidas secas começa por uma fuga e acaba com outra, de fato no início da leitura tem-se a impressão de que Fabiano e a sua família fogem a seca e o último capítulo intitula-se fuga e descreve uma cena semelhante.

3.6 Análise das personagens

Fabiano é um nordestino pobre, marido de Sinhá Vitória, pai de dois filhos. Ele procura trabalho desesperadamente, tem dificuldades linguísticas mas é consciente de ser um homem bruto com dificuldade de se expressar. A causa desta incapacidade comunicativa se isola, assumindo atitudes parecida as aquelas animais. Ao longo de toda a narrativa, Fabiano oscila entre a condição de homem e a de animal. No final quando mantém a capacidade de sonhar, imaginando uma vida melhor no futuro, parece

demonstrar que o que há nele de humano supera a tendência à animalização que a opressão insiste lhe impor.

Sinha Vitória a mulher de Fabiano é uma lutadora, uma sonhadora, é ela que embora a miséria em que vive com a sua família trabalha muito e sustém psicologicamente o marido nos momentos de dificuldade. É a mais inteligente e se ocupa de controlar as contas.

O menino mais novo tem como ídolo seu pai. O menino sonha em conseguir fazer tudo o que o pai faz porque esta é a única profissão que tem como referência dado que nunca esteve em contato com uma realidade diferente daquela do vaqueiro. Não sabe o que é a escola e não tem nome, assim como o menino mais velho.

O menino mais velho é curioso, ao longo da narração tenta apreender o significado da palavra inferno (que é uma palavra comum ao falante da língua portuguesa) perguntando à sua mãe o seu significado, mas infelizmente não obtém resposta, apenas um cocorote. No decorrer da história se nota que não falando com frequência em voz alta, procura um vocabulário esquisito, reproduzindo os sons emitidos pela natureza ou conversando com a cachorra Baleia.

Baleia é considerada um ser humano como os outros membros da família. A sua personagem tem sentimentos, como se fosse humana. Quando consegue caçar algo para comer não pensa apenas em si mesma, mas na família inteira, tendo a responsabilidade de ajudar os outros. Ela para os meninos é uma figura mais importante do que os próprios pais.

O soldado amarelo é um corrupto, oportunista trata-se do símbolo de repressão e do autoritarismo pelo qual é comandado, apresenta a força do governo Vargas porém não é forte sozinho é o estado que lhe confere o poder necessário para submeter as pessoas. Aparece na historia como um policial arbitrário que após uma discussão num jogo de cartas é responsável pela prisão e humilhação do pai da família sertaneja, que se sente impotente perante o mundo, sem possibilidade de mudar as situações que lhe ocorrem. Ele é o culpado da humilhação de Fabiano que não acaba apenas humilhado mas vencido, consciente da sua situação animalizada dentro de uma sociedade em que os mais fortes sempre vencem.

O dono da fazenda na qual Fabiano trabalha como vaqueiro também pode ser considerado uma representação da injustiça e opressão do capitalismo. A sua obsessão pelo trabalho o deixa cego para qualquer valor humano.

Tomás da Bolandeira nunca aparece longo o conto, a sua presença é somente nas evocações de Fabiano e Sinha Vitoria. Ele é a figura que faz de modelo a toda a família sertaneja. A família de migrantes tem como ideal o paradigma verbal de Tomás da bolandeira porque ele representa a consciência e sem educação a família não tem sequer recursos verbais para defender-se das ofensas e humilhações que sofrem. A família caminha num triste movimento cíclico de solidão, eles são o símbolo de um povo abandonado pelas autoridades, uma sociedade que viaja na desesperança porque a única alternativa é a fuga tanto de si mesmos como do sertão ameaçador.

3.7 A linguagem e o estilo

O autor para reproduzir na linguagem a mesma secura do ambiente utiliza poucos adjetivos, períodos curtos e frases concisas. A linguagem das personagens é gutural, gestual, cheia de sons estranhos, onomatopeias e monossílabas, uma fala que parece-se a uma linguagem primitiva e ancestral. Esta falta de diálogo símbolo da incapacidade de se expressar é apresentada também com a tautologia ou seja o vício de explicar o significado de uma palavra com a palavra mesma como por exemplo “festa é festa” ou “inferno é inferno”.

O autor narra a história em uma espécie de estilo cinematográfico porque o narrador volta ao passado como se fosse um *flashback*, este recurso narrativo que chama-se analepse costuma ser utilizado pelo autor durante os monólogos interiores dos diferentes protagonistas, trata-se então de um instrumento para a investigação da alma do ser humano.

Um outro recurso narrativo muito importante ao longo do romance é a metáfora visto que a obra apresenta muitas metáforas sobretudo para fundir o ser humano com o animal. A “animalização” do pai da família sertaneja é descrita pelo autor também com o recurso da figura do zoomorfismo ou seja aproximar o comportamento humano àquele animal. A figura que descreve a situação contrária aquela que acabamos de descrever é a prosepeia ou seja a humanização dos animais e da paisagem, este recurso encontra-se muitas vezes quando o narrador fala da cachorra Baleia que parece ser mais humano do

que os membros da família. Quanto às escolhas linguísticas, é possível perceber a utilização de um vocabulário ligado ao sertão nordestino. Palavras como: “aió”, “pederneira”, “alpercatas”, são utilizadas para fixar a narrativa que se passa no sertão. Tais escolhas conferem verossimilhança ao texto regional e possibilitam a reconstrução da realidade de forma ficcional.

3.8 Denúncia social

A partir de *Vidas Secas* o escritor alagoano narra a história do povo sertanejo, tentando buscar uma identidade regional através um discurso popular, social e político. O pensamento de Fabiano interpreta o pensamento de um intelectual nordestino da época. Foi possível para o autor contar a história da família de Fabiano, porque ele mesmo viu a pobreza, a seca, a opressão do governo.

Em *vidas secas* Graciliano Ramos é o eu comunicante, ele é o responsável pela criação da história, as escolhas estilísticas, as ideias apresentadas. Na obra então Ramos escondido detrás o papel do narrador e dos outros personagens o nosso autor pode comunicar a suas ideias, a falta de atenção para as famílias do nordeste, pode mostrar as dificuldades que enfrentam os pobres sertanejos como ele mesmo fez durante a sua vida, pode demonstrar o abuso do poder, mostra a importância da linguagem pelos serem humanos. Próprio a linguagem é uma questão principal porque porque é a possibilidade das pessoas de se defender, sem ela os seres humanos podem ser relacionados aos animais.

Desta maneira protegido pelas figuras do livro denuncia a luta de uma família sertaneja para sobreviver e acusa a ditadura dos abusos sofridos pelos nordestinos.

Graciliano Ramos é um dos poucos escritores brasileiros cuja literatura é crítica da realidade mas também da própria literatura. O autor compartilhava o mesmo pensamento dos outros escritores de esquerda – denunciar a questão do subdesenvolvimento da nação, aproximando a figura do intelectual aos problemas da massa. A diferença é que Graciliano Ramos parte dessas ideias e as incorporam aos seus romances como aspecto problemático, percebendo o proletário como uma figura que necessita ser estudada e compreendida.

Em sua obra, a literatura constrói-se como um questionamento contínuo e entre as diferentes perguntas sobre a sociedade ele se questiona também sobre o poder da literatura de representar o mundo.

4. Proposta de tradução do romance *Vidas Secas*

Vite secche

Capítulo I- Mudanças

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três leguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o bau de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aio a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás. Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

- Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo.

A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O vôo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos.

- Anda, excomungado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário - e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.

Tinham deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés.

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. Sinhá Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto.

Capitolo I – Cambiamenti

Nella pianura tinta di rossa i *juazeiros* si estendevano in due grandi macchie verdi. Gli sventurati avevano camminato tutto il giorno, erano stanchi e affamati.

Solitamente camminavano poco, ma dato che si erano già riposati abbastanza sulla spiaggetta del fiume in secca, il viaggio era continuato per ben altre tre leghe. Da ore cercavano una zona all'ombra. Attraverso i rami spogli della *catanga*, si intravidero in lontananza le foglie dei *juazeiros*.

Vi si incamminarono, trascinandosi lentamente, Donna Vittoria con il figlio minore in braccio appoggiato sul fianco e il baule di lamiera sopra la testa, Fabiano, cupo, tutto storto, con la bisaccia a tracolla che pendeva assicurata al cinturone da una piccola corda e il fucile in spalla. Il figlio maggiore e la cagnetta Baleia camminavano dietro. I *juazeiros* si avvicinarono, si allontanarono nuovamente e poi sparirono. Il bambino più grande scoppiò a piangere e si sedette a terra.

- Cammina, figlio di un diavolo, gli gridò il padre

Non ottenendo alcuna risposta, lo picchiò con il fodero del coltello. Ma il piccolo sgambettò via, poi si calmò, si stese a terra e chiuse gli occhi. Fabiano gli diede ancora qualche colpo e poi aspettò che si alzasse. E siccome il bimbo non si muoveva, si guardò intorno, contrariato, imprecando al suolo.

La *catanga* si estendeva in un timido rosso spruzzato di macchie bianche che erano scheletri. Gli *urubus* volavano in alti cerchi neri in prossimità di animali moribondi.

- Cammina, sciagurato.

Il ragazzino non si scompose e Fabiano ebbe voglia di ucciderlo. Aveva il cuore stanco, voleva poter incolpare qualcuno della sua sfortuna. La siccità gli sembrava qualcosa di inevitabile e la testardaggine del figlio lo irritava. In realtà non poteva incolpare questo piccolo intoppo, ma il suo capriccio rendeva la marcia più difficile e il vaccaro aveva bisogno di arrivare, anche se non sapeva bene dove. Avevano abbandonato i sentieri, pieni di spine e sassolini, erano ormai ore che camminavano sulle rive del fiume, il fango secco pieno di crepe che bruciava i piedi.

L'idea di abbandonare il figlio in quella pianura si fece strada nella mente del *sertanejo*. Pensò agli *urubus*, alle carcasse, si grattò la barba ispida e sporca, si guardò intorno, indeciso. Donna Vittoria con il labbro proteso indicò una direzione imprecisa e emettendo alcuni suoni gutturali affermò che erano vicini.

Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acocorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados no estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a Sinha Vitoria, pos o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. Sinha Vitoria aprovou esse arranjo, lancou de nova interjeicao gutural, designou os juazeiros invisíveis. E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silencio grande.

Ausente do companheiro, a cachorra Baleia tomou a frente do grupo. Arqueada, as costelas a mostra, corria ofegando, a lingua fora da boca. E de quando em quando se detinha, esperando as pessoas, que se retardavam. Ainda na vespera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, a beira de uma poca: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pes, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. Agora, enquanto parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver sobre o bau de folha a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal. Fabiano também as vezes sentia falta dela, mas logo a recordação chegava. Tinha andado a procurar raízes, a toa: o resto da farinha acabara, não se ouvia um berro de res perdida na catanga. Sinha Vitoria, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, com os pes apalhetados, numa atitude ridícula. Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo.. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas. O louro aboiava, tangendo um gado inexistente, e latia arremedando a cachorra.

As manchas dos juazeiros tornaram a aparecer, Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos. As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. Os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam.

Fabiano ripose il coltello dentro il fodero, lo assicurò al cinturone, si accovacciò e prese il polso del figlio, quest'ultimo si raccoglieva su sé stesso, portandosi le ginocchia al petto, freddo come un cadavere. In quel momento la rabbia sparì e Fabiano provò pena. Era impossibile abbandonare quell'angioletto alle bestie del bosco. Consegnò il fucile alla moglie, si mise il figlio in spalla, si alzò e prese le piccole braccia che gli ricadevano molli sul petto, magre come due stecchini. Donna Vittoria approvò il gesto, emise nuovamente un suono gutturale e indicò i *juazeiros* invisibili.

Il viaggio proseguì più lentamente, più trascinato, in un profondo silenzio.

Senza il suo compagno, la cagnetta Baleia prese la testa del gruppo. Curva, con le costole in mostra, correva ansimando con la lingua di fuori. E di quando in quando si fermava per aspettare il gruppo che era rimasto indietro.

Al tramonto, erano ancora in sei, contando il pappagallo. Povero, era morto nella spiaggia del fiume dove si erano riposati, in riva ad una pozza: la fame ormai attanagliava i *retirantes* e nelle vicinanze non c'era ombra di cibo. Baleia aveva mangiato le zampe, la testa e le ossa dell'amico e non se ne ricordava più. Adesso quando si fermava, scrutava il paesaggio familiare con occhi brillanti, era strano non vedere sopra il baule di lamiera la gabbia del pappagallo che a stento si reggeva in equilibrio. Anche Fabiano a volte ne sentiva la mancanza ma subito dopo si ricordava l'accaduto. Era andato alla ricerca di qualche radice, la farina era finita e nel bosco non si vedeva l'ombra di animale commestibile. Donna Vittoria, che bruciava seduta a terra, le mani incrociate a sostegno delle ginocchia ossute, pensava a episodi passati slegati tra loro: ricevimenti di matrimonio, pascoli di mucche, novene, tutto confuso. La svegliò un grido acuto, si era trovata la verità davanti agli occhi e il pappagallo, che avanzava furioso, con le zampe goffe, atteggiato in una posa ridicola. In un baleno decise di usarlo come cibo e si giustificò dicendo a se stessa che tanto era muto e inutile. Non poteva non essere muto. Di solito la famiglia parlava poco. E dopo quel dramma, se ne stavano in silenzio, solo di rado scambiavano qualche parola. Il pappagallo cantava, incitando il bestiame inesistente e latrava canzonando la cagnetta. Le macchie formate dai *juazeiros* comparvero nuovamente, Fabiano affrettò il passo, dimenticandosi della fame, della stanchezza e delle ferite. I suoi sandali avevano le soles rotte, la stoffa gli aveva procurato tra le dita delle ferite molto dolorose. I talloni duri come degli zoccoli si fendevano e sanguinavano.

Num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força. Deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram uma ladeira, chegaram aos juazeiros. Fazia tempo que não viam sombra. Sinhá Vitória acomodou os filhos, que arriaram como trouxas, cobriu-os com molambos. O menino mais velho, passada a vertigem que o derrubara, encolhido sobre folhas secas, a cabeça encostada a uma raiz, adormecia, acordava. E quando abria os olhos, distinguia vagamente um monte próximo, algumas pedras, um carro de bois. A cachorra Baleia foi enroscar-se junto dele.

Estavam no pátio de uma fazenda sem vida, o curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido. Fabiano procurou em vão perceber um toque de chocalho.

Avizinhou-se da casa, bateu, tentou forçar a porta. Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral. Trepou-se no murão do canto, examinou a catinga, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus. Desceu, empurrou a porta da cozinha. Voltou desanimado, ficou um instante no copiar, fazendo tenção de hospedar ali a família. Mas chegando aos juazeiros, encontrou os meninos adormecidos e não quis acordá-los. Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira.

Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as ventas, sentiu cheiro de preás, farejou um minuto, localizou-os no morro próximo e saiu correndo. Fabiano seguiu-a com a vista e espantou-se uma sombra passava por cima do monte. Tocou o braço da mulher, apontou o céu, ficaram os dois algum tempo aguentando a claridade do sol. Enxugaram as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente.

Alla curva del sentiero avvistò lo spigolo di uno steccato e lo invase la speranza di poter trovare del cibo, desiderò di mettersi a cantare. La voce gli salì la gola, roca, terribile. Si zittì per risparmiare le forze.

Lasciarono le rive del fiume, costeggiarono lo steccato, risalirono un pendio e giunsero ai *juazeiros*. Era da molto che non vedevano traccia d'ombra.

Donna Vittoria sistemò i figli che si addormentarono stanchi, li coprì con degli stracci logori. Il figlio maggiore passato quel senso di vertigine che lo disturbava, raccolto sopra un mucchio di foglie secche, la testa appoggiata su una radice si addormentava e svegliava. E una volta aperti gli occhi riusciva a distinguere solo vagamente il pendio lì vicino, alcune pietre e un carro di buoi. La cagnetta Baleia andò a coricarsi accanto a lui.

Si trovavano nel patio di una fazenda senza vita, la stalla deserta, lo stabbio degli ovini a pezzi e deserto, la casa del vaccaro chiusa. Tutto lasciava presagire uno stato di abbandono. Di sicuro il bestiame era diminuito e gli abitanti scappati. Fabiano cercò invano di udire il suono di un campanaccio. Si avvicinò alla casa, bussò e tentò di forzare la serratura. Trovando resistenza passò da una piccola recinzione piena di piante morte, fece il giro dell'aia, arrivò al terreno in fondo, vide un recinto vuoto, un bosco di *catingueiras* avvizzite, un *pé de turco* e il prolungamento del recinto della stalla. Si arrampicò sul muretto di recinzione, esaminò la *catanga* dove si ammassavano le carcasse e la tristezza nera degli *urubus*. Scese, spinse la porta della cucina. Tornò scoraggiato, si fermò un attimo sotto la veranda con la speranza di poter ospitare lì la famiglia. Ma raggiungendo i *juazeiros* trovò i bambini addormentati e non volle svegliarli. Andò a raccogliere rametti e riportò dal recinto delle capre una bracciata di rami secchi, mezza mangiata dalle termiti, strappò delle radici di *macambira* e sistemò il tutto per accendere un falò.

A questo punto Baleia drizzò le orecchie, aprì bene le narici, fiutò la traccia d una preda, annusò un po' e la localizzò sul colle vicino, se ne andò correndo.

Fabiano la seguì con lo sguardo e si spaventò vedendo un'ombra che camminava in cima al colle. Toccò il braccio della moglie, guardò il cielo, i due restarono per un po' a fissarlo sopportando la luce del sole. Si asciugarono le lacrime, si accovacciarono vicino ai figli, sospirando si rannicchiarono temendo che le nuvole si fossero dissolte vinte dall'azzurro del cielo, quell'azzurro che li abbagliava e li faceva impazzire.

Entrava dia e saía dia. As noites cobriam a terra de chofre. A tampa anilada baixava, escurecia, quebrada apenas pelas vermelhidões do poente.

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de Sinha Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram a fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava.

Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou sonho. Sinha Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo.

Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiaría a morte do grupo. E Fabiano queria viver. Olhou o céu com resolução. A nuvem tinha crescido, agora cobria o morro inteiro. Fabiano pisou com segurança, esquecendo as rachaduras' que lhe estragavam os dedos e os calcanhares.

Sinha Vitória remexeu no baú, os meninos foram quebrar uma haste de alecrim para fazer um espeto. Baleia, o ouvido atento, o traseiro em repouso e as pernas da frente erguidas, vigiava, aguardando a parte que lhe iria tocar, provavelmente os ossos do bicho e talvez o couro.

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo. Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu. O poente cobria-se de cirros - e uma alegria doída enchia o coração de Fabiano.

Pensou na família, sentiu fome. Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de seu Tomás. Agora, deitado, apertava a barriga e batia os dentes. Que fim teria levado a bolandeira de seu Tomás?

Olhou o céu de novo. Os cirros acumulavam-se, a lua surgiu, grande e branca. Certamente ia chover.

Arrivava un nuovo giorno e se ne chiudeva un altro. Le notti avvolgevano la terra all'improvviso.

La calotta color indaco, si abbassò, si oscurò, rotta a malapena dal rossore che proveniva da ponente.

Piccoli, sperduti nel deserto bruciato, i fuggitivi si strinsero, condividendo le loro disgrazie, le loro paure. Il cuore di Fabiano batté insieme a quello di Donna Vittoria, un abbraccio stanco rese vicini gli stracci che li coprivano. Resisterono alla stanchezza, si allontanarono imbarazzati, senza il coraggio di affrontare di nuovo la luce dura, timorosi di perdere la speranza che li alimentava.

Si stavano per appisolare ma furono svegliati da Baleia che portava in bocca una preda. Si alzarono tutti urlando. Il figlio maggiore si stropicciò gli occhi, allontanando il sonno. Donna Vittoria baciava il musetto di Baleia e siccome il muso era insanguinato, ne approfittava e leccava il sangue. Quella caccia era meschina ma allontanava la morte dal gruppo. E Fabiano voleva vivere. Guardò il cielo con decisione. La nuvola si era ingrandita e ora copriva l'intera collina. Fabiano camminò con sicurezza, dimenticando le ferite che gli danneggiavano le dita e i talloni.

Donna Vittoria frugò dentro il baule, i bambini andarono a rompere il fusto di rosmarino per farne uno spiedo. Baleia con le orecchie dritte, riposandosi stesa con le zampe dritte davanti a sé, vigilava aspettando la parte che le sarebbe toccata, probabilmente le ossa dell'animale e forse la pelle.

Fabiano prese la bisaccia, scese verso riva e si incamminò verso il fiume secco, pensando che nell'abbeveratoio degli animali ci fosse un po' di fango. Scavò la sabbia con le unghie, sperò che l'acqua risalisse in superficie e stendendosi per terra bevve a lungo. Saziato, cadde a pancia all'aria, guardando le stelle, ce n'erano molte più di cinque di stelle in cielo. Il ponente si copriva di nuvole e una folle allegria riempiva il cuore di Fabiano.

Pensò alla famiglia e sentì i morsi della fame. Camminando, si muoveva come una macchina, non era molto diverso dalla Macina del Signor Tommaso. Adesso sdraiato, si stringeva la pancia e batteva i denti. Che fine avrebbe fatto la Macina del Signor Tommaso?

Guardò di nuovo il cielo. Le nuvole si addensarono, sorse la luna, grande e bianca. Di sicuro sarebbe piovuto.

Seu Tomás fugira também, com a seca, a bolandeira estava parada. E ele, Fabiano, era como a bolandeira. Não sabia porquê, mas era. Uma, duas, três, havia mais de cinco estrelas no céu. A lua estava cercada de um halo cor de leite. Ia chover. Bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a . solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, Sinha Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde.

Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, com sede. Lembrou-se do preá morto. Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se, lento, para não derramar a água salobra. Subiu a ladeira. A aragem morna acudia os xiquexiques e os mandacarus. Uma palpitação nova. Sentiu um arrepio na catinga, uma ressurreição de garranchos e folhas secas.

Chegou. Pôs a cuia no chão, escorou-a com pedras, matou a sede da família. Em seguida acocorou-se, remexeu o aió, tirou o fuzil, acendeu as raízes de macambira, soprou-as, inchando as bochechas cavadas. Uma labareda tremeu, elevou-se, tingiu-lhe o rosto queimado, a barba ruiva, os olhos azuis. Minutos depois o preá torcia-se e chiava no espeto de alecrim.

Eram todos felizes. Sinha Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de sinhá Vitória remoçaria, as nádegas bambas de Sinha Vitória engrossariam, a roupa encarnada de Sinha Vitória provocaria a inveja das outras caboclas.

A lua crescia, a sombra leitosa crescia, as estrelas foram esmorecendo naquela brancura que enchia a noite. Uma, duas, três, agora havia poucas estrelas no céu. Ali perto a nuvem escurecia o morro.

A fazenda renasceria e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo.

Os troços minguidos ajuntavam-se no chão: a espingarda de pederneira, o aió, a cuia de água o baú de folha pintada. A fogueira estalava. O preá chiava em cima das brasas.

Uma ressurreição. As cores da saúde voltariam a cara triste de Sinha Vitória. Os meninos se espojariam na terra fofa do chiqueiro das cabras. Chocalhos tilintariam pelos arredores.

Anche il Signor Tommaso era fuggito, a causa della siccità, la macina era ferma. E lui Fabiano era come la macina. Non sapeva perché, ma lo era. Uno, due, tre, c'erano più di cinque stelle in cielo. La luna era attorniata da un alone bianco latte. Avrebbe piovuto. La *catinga* sarebbe risorta. Il bestiame sarebbe tornato alla stalla e lui Fabiano, sarebbe diventato il vaccaro di quella fazenda morta. Campanacci che sbatacchiano avrebbero animato la solitudine. I bambini, in carne, con le guance rosee, avrebbero giocato nel recinto della capre, Donna Vittoria avrebbe indossato vestiti con ricami vistosi. Le mucche avrebbero popolato la stalla. E la *catinga* sarebbe diventata tutta verde.

Si ricordò dei figli, la moglie e la cagnolina che erano lassù, sotto un *juazeiro* e avevano sete. Si ricordò dell'animale morto. Riempì la bisaccia, si alzò, si allontanò con passo lento per non far cadere l'acqua salata. Risalì il pendio. La leggera brezza cullava i *xiquexiques* e i *mandacarus*. Una nuovo battito. Sentì un brivido nella *catinga*, una resurrezione di rami e foglie secche.

Arrivò. Pose la bisaccia a terra, la coprì con alcune pietre, placò la sete della famiglia. Dopo di che si accucciò, rimestò il fuoco, depose il fucile, accese le radici di *macambira*, ci soffiò sopra, gonfiando le gote scavate. Una fiamma tremò, si alzò, gli illuminò il viso bruciato, la barba ruvida, gli occhi azzurri. Dopo alcuni minuti la preda girava e fumava nello spiedo di rosmarino.

Erano tutti felici, Donna Vittoria avrebbe indossato vestiti ricamati. Il suo viso ora avvizzito sarebbe rinato, la natiche flosce di Donna Vittoria sarebbero diventate grosse, i ricchi vestiti avrebbero destato l'invidia delle altre *caboclas*.

La luna saliva, l'ombra di latte cresceva, le stelle quasi sparivano in quel bianco che riempiva la notte. Una, due, tre, ora c'erano poche stelle nel cielo. Lì vicino una nuvola nascondeva il colle.

La fazenda sarebbe rinata, e lui Fabiano, sarebbe stato il vaccaro o per meglio dire sarebbe stato padrone di quel mondo.

Gli esigui tronchi si accumulavano a terra, il fucile di felce, la bisaccia, il baule di lamiera. Il falò si stabilizzava. La preda fumava sopra alla brace.

Una resurrezione. I colori della salute sarebbero tornati sul viso triste di Donna Vittoria. I bambini avrebbero rotolato sulla terra soffice del recinto delle capre. Campanacci avrebbero tintinnato nei dintorni.

A catinga ficaria verde. Baleia agitava o rabo, olhando as brasas. E como não podia ocupar-se daquelas coisas, esperava com paciência a hora de mastigar os ossos. Depois iria dormir.

La *catunga* sarebbe diventata verde. Baleia agitava la coda, osservando la brace. E dato che non poteva occuparsi di quelle cose, aspettava con pazienza l'ora di rosicchiare gli ossi. Dopo sarebbe andata a dormire.

Capítulo II - Fabiano

Fabiano curou no rasto a bicheira da novilha raposa. Levava no aió um frasco de creolina, e se houvesse achado o animal, teria feito o curativo ordinário. Não o encontrou, mas supôs distinguir as pisadas dele na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte.

Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se com a consciência tranquila e marchou para casa. Chegou-se a beira do rio. A areia fofa cansava-o, mas ali, na lama seca, as alpercatas dele faziam chape-chape, os badalos dos chocalhos que lhe pesavam no ombro, pendurados em correias, batiam surdos. A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário.

Chape-chape. Os três pares de alpercatas batiam na lama rachada, seca e branca por cima, preta e mole por baixo. A lama da beira do rio, calcada pelas alpercatas, balançava. A cachorra Baleia corria na frente, o focinho arregaçado, procurando na catinga a novilha raposa.

Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos - e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera.

Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Capítulo II – Fabiano

Fabiano avrebbe curato la ferita del cucciolo di volpe lungo il cammino. Portava nella bisaccia un vasetto di creolina, e se avesse trovato l'animale, avrebbe usato il solito rimedio. Non lo trovò, ma pensò di aver trovato le sue orme sulla sabbia, si abbassò, incrociò due bastoncini sul suolo e pregò. Se l'animale non fosse morto sarebbe tornato alla stalla da quanto aveva pregato.

Dopo aver compiuto il suo dovere, Fabiano si alzò con la coscienza pulita e tornò a casa. Si avvicinò all'argine del fiume. La sabbia morbida lo faceva stancare ma lì sul fango secco i sandali battevano, i battacchi dei campanacci che gli pesavano sulle spalle, attaccati alla cinta, suonavano sordi. La testa inclinata, la schiena ricurva, agitava le braccia ora a destra ora a sinistra. Quei movimenti erano inutili, ma lui, suo padre, suo nonno e altri antenati si erano abituati a percorrere i sentieri allontanando il *mato* con le mani. E i figli già cominciavano a imitare quei gesti noti.

Ciaf ciaf. Le tre paia di sandali battevano sul fango screpolato, bianco e secco sopra, nero e molle sotto. Il fango dell'argine del fiume, calpestato dai sandali, oscillava.

Baleia la cagnolina correva davanti, il musetto attento, cercando nella *catìnga* il cucciolo di volpe.

Fabiano camminava soddisfatto. Sì signore, si era sistemato. Era arrivato in quel luogo con la famiglia che stava morendo di stenti, mangiavano radici. Era caduto affaticato sotto un *juazeiro* che si trovava alla fine del cortile e solo successivamente si era accorto che la casa era deserta. Lui, la moglie e i figli si erano abituati alla piccola stanza scura, sembravano ratti e i ricordi delle sofferenze passate svanivano.

Pestò con passo fermo il suolo dissestato, prese il coltello e con questo si pulì le unghie. Tirò fuori dalla bisaccia un pezzo di tabacco, lo prese e fece una sigaretta con la paglia di mais, la accese e si mise a fumare tranquillo.

- Fabiano, sei un uomo disse a voce alta.

Si trattenne dato che i bambini erano lì vicino, di sicuro si sarebbero spaventati sentendolo parlare da solo. E pensandoci bene lui non era un uomo, ma solo una capra che lavorava badando le cose degli altri. Rosso, bruciato, aveva gli occhi azzurri, la barba e i capelli ispidi; ma dato che viveva su una terra che non gli apparteneva, accudiva animali non suoi, si scopriva il capo, si intimidiva al cospetto dei bianchi e si pensava una capra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

- Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.

Chegara naquela situação medonha - e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

- Um bicho, Fabiano.

Era. Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovoada.

E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrão aceitara-o, entregara-lhe as marcas de ferro.

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, Sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra. Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco. Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia!

Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim senhor, hóspede que demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite.

Deu estalos com os dedos. A cachorra Baleia, aos saltos, veio lambe-lhe as mãos grossas e cabeludas. Fabiano recebeu a carícia, enterneceu-se

- Você é um bicho, Baleia

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra.

Si guardò attorno, temendo che qualcun altro oltre i bambini avesse sentito quella frase imprudente. Si corresse dicendo:

- Sei un animale Fabiano

Questo per lui era motivo d'orgoglio. Sì signore, un animale, capace di vincere le difficoltà.

Era arrivato in quelle condizioni spaventose, e ora era lì forte, quasi grasso che fumava la sua sigaretta di paglia.

Un animale, Fabiano.

Lo era. Aveva preso possesso della casa perché non aveva nemmeno un posto dove essere seppellito, aveva trascorso alcuni giorni masticando radici de *imbu* e semi di *mucunha*. Aveva visto la tempesta.

E con essa anche il *fazendeiro* che lo aveva mandato via. Fabiano aveva fatto finta di non capire, aveva offerto i suoi servigi, borbottando, stringendo le spalle, sorridendo afflitto. Il suo obiettivo era restare. E il padrone lo aveva accettato, gli aveva consegnato i ferri del mestiere.

Adesso Fabiano era vaccaro e nessuno lo avrebbe sottratto a quel ruolo. Sembrava un animale, si metteva a dormire come un animale, ma stava coltivando le radici che si era piantato. Scrutò gli alberi che lo circondavano. Era più forte di tutto quello, era come le *cantingueiras* e le *baraúnas*. Lui, Donna Vittoria i due figli e la cagnolina erano legati alla terra.

Ciaf ciaf. I sandali battevano sul suolo dissestato. Era sfiancato, le gambe arcuate, le braccia si muovevano scoordinate, sembrava una scimmia.

Si rattristò. Considerarsi stabile in una terra non sua! Uno sbaglio. Il suo destino era quello di vagare per il mondo, andare in lungo e in largo, a caso, come un ebreo errante. Un vagabondo sospinto dalla siccità. Si trovava lì di passaggio, era un ospite. Sì signore, un ospite che si fermava a lungo e prendeva confidenza con la casa, la stalla, il recinto delle capre, l'albero di *juazeiro* che li aveva ospitati per una notte.

Schiocò le dita. Baleia, venne a lambirgli le grandi mani villose. Fabiano si fece accarezzare e si intenerì:

- Sei un animale, Baleia.

Viveva lontano dagli uomini, si trovava bene solo con gli animali. I suoi piedi callosi rompevano le spine e non sentivano il calore della terra.

Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. As vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua.com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.

Uma das crianças aproximou-se, perguntou-lhe qualquer coisa. Fabiano parou, franziu a testa, esperou de boca aberta a repetição da pergunta. Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. Se continuasse assim, metido com o que não era da conta dele, como iria acabar? Repeliu-o, vexado:

- Esses capetas têm ideias ...

Não completou o pensamento, mas achou que aquilo estava errado. Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miúdo, enfezado, a camisinha encardida e rota acompanhando o pai no serviço do campo, interrogando-o de balde. Chamou os filhos, falou de coisas imediatas, procurou interessá-los. Bateu palmas

- Ecô! ecô!

A cachorra Baleia saiu correndo entre os alastrados e quipás, farejando a novilha raposa. Depois de alguns minutos voltou desanimada, triste, o rabo murcho. Fabiano consolou-a, afagou-a. Queria apenas dar um ensinamento aos meninos. Era bom eles saberem que deviam proceder assim.

Alargou o passo, deixou a lama seca da beira do rio, chegou à ladeira que levava ao pátio. Ia inquieto, uma sombra no olho azulado. Era como se na sua vida houvesse aparecido um buraco. Necessitava falar com a mulher, afastar aquela perturbação, encher os cestos, dar pedaços de mandacaru ao gado. Felizmente a novilha estava curada com reza. Se morresse, não seria por culpa dele.

- Ecô! ecô!

Una volta in sella diventava un tutt'uno con il cavallo, si fondeva a lui. E parlava una lingua cantata, monosillabica e gutturale, che il suo compagno capiva. A piedi non si trovava bene. Pendeva tutto da un lato, ora dall'altro, con le gambe storte, tutto gobbo e brutto. A volte usava con le persone la stessa lingua che usava con le bestie – esclamazioni, onomatopie. A dire il vero parlava poco. Ammirava le parole lunghe e difficili che usava la gente di città, tentava di riprodurne alcune, invano, ma sapeva che erano inutili e forse anche pericolose.

Uno dei figli gli si avvicinò e gli chiese qualcosa. Fabiano si fermò, si accigliò e aspettò a bocca aperta che ripetesse la domanda. Non capendo quello che voleva il figlio lo riprese. Il bambino era molto curioso, molto intuitivo. Se avesse continuato così, curioso riguardo a cose che non erano alla sua portata, come sarebbe finito? Lo respinse, infastidito:

- Questi diavoli sanno pensare....

Non finì il pensiero, ma trovò che fosse sbagliato. Tentò di ricordare la sua infanzia. Si vide piccolo, degradato, la camicetta macchiata e rotta mentre accompagnava il padre al lavoro in campagna, interrogandolo, invano. Chiamò i figli, parlò loro di lavori manuali, cercò di interessarli. Batté le mani:

- Ecô! Ecô!

Baleia uscì correndo tra gli *alastrados* e *quipaís*, fiutando il cucciolo di volpe. Dopo alcuni minuti tornò sconsolata, triste, il musetto corrugato. Fabiano la consolò, la coccolò. Voleva solo dare una lezione ai figli. Era meglio sapessero che dovevano andare avanti così.

Allungò il passo, lasciò il fango secco dell'argine del fiume, arrivò al pendio che portava al cortile. Camminava inquieto, un'ombra negli occhi azzurri. Era come se nella sua vita fosse apparso un buco. Aveva bisogno di parlare con la moglie, allontanare quel turbamento, sistemare i tasselli, dare da mangiare al bestiame. Fortunatamente il cucciolo era stato curato con le preghiere. Se fosse morto, non sarebbe stata colpa sua.

- Ecô! Ecô!

Baleia voou de novo entre as macambiras, inutilmente. As crianças divertiram-se, animaram-se, e o espírito de Fabiano se destoldou. Aquilo é que estava certo. Baleia não podia achar a novilha num banco de macambira, mas era conveniente que os meninos se acostumassem ao exercício fácil - bater palmas, expandir-se em gritaria, seguindo os movimentos do animal. A cachorra tornou a voltar, a língua pendurada, arquejando. Fabiano tomou a frente do grupo, satisfeito com a lição, pensando na égua que ia montar, uma égua que não fora ferrada nem levava sela. Haveria na catinga um barulho medonho.

Agora queria entender-se com Sinha Vitória a respeito da educação dos pequenos. Certamente ela não era culpada. Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as panelas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando com o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos. E eles estavam perguntadores, insuportáveis. Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.

- Está aí.

Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito.

Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da bolandeira. Porquê? Só se era porque lia demais.

Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: - "seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros." Pois viera a seca, o pobre do velho, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole. Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar verão puxado.

Certamente aquela sabedoria inspirava respeito. Quando seu Tomás da bolandeira passava, amarelo, sisudo, corcunda, montado num cavalo cego, pé aqui, pé acolá, Fabiano e outros semelhantes descobriam-se. E seu Tomás respondia tocando na beira do chapéu de palha, virava-se para um lado e para outro, abrindo muito as pernas calçadas em botas pretas com remendos vermelhos.

Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, o convenciam-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo.

Baleia volò di nuovo tra i *macambiras*, inutilmente. I bambini si stavano divertendo, si animavano e Fabiano si schiarì le idee. Quello era sicuro. Baleia non sarebbe riuscita ad individuare la volpe in un banco di *macambira*, ma era utile che i bambini si abituassero al facile gesto – battere le mani, urlare forte, seguendo i movimenti degli animali. La cagnolina tornò, la lingua penzoloni, ansimando. Fabiano si mise alla testa del gruppo, soddisfatto dell'insegnamento, pensando alla cavalla che avrebbe montato, una cavalla che non era stata ferrata e non portava la sella. Ci sarebbe stato poco rumore nella *catanga*.

Adesso voleva confrontarsi con Donna Vittoria riguardo l'educazione dei piccoli. Ovviamente lei non aveva colpe. Faceva le faccende di casa, annaffiava i garofani e i vasi delle spezie, andando all'abbeveratoio con il vaso vuoto e tornando con quest'ultimo pieno, lasciava i figli liberi nel porcile, infangati come porci. E loro facevano domande in continuazione, insopportabili. Fabiano stava bene nella sua ignoranza. Aveva il diritto di conoscere? Ce l'aveva? No, non ce l'aveva.

- È lì.

Se avesse imparato qualcosa avrebbe sentito il bisogno di imparare ancora e non sarebbe mai stato soddisfatto.

Si ricordò del Signor Tommaso della macina. Tra gli uomini del *sertão* il Signor Tommaso era il più colto. Perché? Solo perché leggeva troppo. Fabiano stesso aveva detto più volte: “ Signor Tommaso, lei non si regola! A cosa servono tante carte? Quando arriverà la disgrazia, lei sarà circondato da sterpi come gli altri.” Poi era arrivata la siccità! E il povero uomo così buono e così colto, aveva perso tutto, andava così. Forse aveva già reso l'anima a Dio, le persone come lui non potevano sopportare un estate così calda.

Sicuramente quella conoscenza ispirava rispetto. Quando il Signor Tommaso passava, rosso, in carne, gobbo, montando un cavallo cieco, piede qui, piede là. Fabiano e altri come lui si toglievano il cappello. E il Signor Tommaso rispondeva toccandosi la tesa del cappello di paglia, si spostava da un lato e dall'altro, aprendo molto le gambe con gli stivali neri con finiture rosse. Nei momenti di follia Fabiano voleva imitarlo: usava parole difficili, troncando tutte le parti finali, si convinceva che stava migliorando. Sciocchezze. Si vedeva perfettamente che un soggetto come lui non era nato per parlare correttamente.

Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam?

Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, o Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?

Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse. Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse.

Sinha Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa arrumada, dormiriam bem debaixo de um pau.

Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo - anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar.

Ele marchando para casa, trepando a ladeira, espalhando seixos com as alpercatas ela se avizinhandando a galope, com vontade de matá-lo.

Virou o rosto para fugir à curiosidade dos filhos, benzeu-se. Não queria morrer. Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. Não queria morrer.

Il Signor Tommaso della macina, parlava bene, si rovinava la vista leggendo libri e giornali ma non sapeva comandare: chiedeva. Una stranezza un uomo fatto per essere cortese. Perfino il popolo gli rimproverava quella qualità. Ma tutti gli ubbidivano. Ah! Chi ha detto che non gli obbedivano?

Gli altri bianchi erano diversi. Il suo attuale padrone, ad esempio, gridava senza contegno. Non veniva quasi mai alla fazenda, ci metteva piede solo per criticare tutto. Il bestiame aumentava, il lavoro andava bene ma il proprietario rimproverava il vaccaro. Normalità. Lo riprendeva perché poteva farlo e Fabiano ascoltava i rimproveri con il cappello di pelle sotto il braccio, chiedeva scusa e prometteva di rimediare. Mentalmente si riprometteva di non cambiare nulla, perché andava tutto bene così e il padrone voleva solo dimostrare la sua autorità, gridare che era lui il capo. Chi aveva dubbi in proposito? Fabiano era uno strumento della fazenda, un utensile, sarebbe stato mandato via quando meno se lo aspettava. Quando fu assunto, ricevette un cavallo da soma, gambali, farsetto, proteggi petto, stivali di pelle grezza, ma una volta andato via avrebbe lasciato tutto al vaccaro che lo avrebbe sostituito.

Donna Vittoria voleva un letto uguale a quello del Signor Tommaso della macina. Stupidaggini. *Cambembes* come loro potevano permettersi tanti lussi? Erano lì di passaggio. In qualsiasi momento il padrone poteva buttarli fuori, e loro sarebbero andati per il mondo, senza proferir parola, non avevano nemmeno un mezzo per portare via i loro averi. Vivevano di stracci rattoppati, dormivano bene anche sotto un albero. Guardò la *catinga* rossa, che il tramonto rendeva tale. Se fosse arrivata la siccità non sarebbe rimasta nessuna zona verde. Gli si accapponò la pelle. Sarebbe arrivata, di sicuro. Era sempre stato così, da quel che si ricordava. E prima di capire, prima della sua nascita, succedeva lo stesso, anni buoni alternati ad anni cattivi. La sfortuna era nel cammino, forse era vicina. Non valeva la pena lavorare.

Stava tornando a casa, si stava arrampicando sul pendio, i sandali che sparpagliavano piccoli sassi – si stava avvicinando al galoppo con l'intenzione di ucciderlo.

Girò il volto per nascondersi dalla curiosità dei figli, si segnò. Non voleva morire. Voleva ancora girare il mondo, vedere terre, conoscere gente importante come il Signor Tommaso della macina. Era un destino sfortunato, ma Fabiano voleva combatterlo, sentirsi le forze per lottare e vincere. Non voleva morire.

Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem.

- Um homem, Fabiano.

Coçou o queixo cabeludo, parou, reacendeu o cigarro. Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia.

Mas depois? Fabiano tinha a certeza de que não se acabaria tão cedo. Passara dias sem comer, apertando o cinturão, encolhendo o estômago. Viveria muitos anos, viveria um século,. Mas se morresse de fome ou nas pontas de um touro, deixaria filhos robustos, que gerariam outros filhos. Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru.

Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Se não calejassem, teriam o fim de seu Tomás da bolandeira. Coitado. Para que lhe servira tanto, livro, tanto jornal? Morreria por causa do, estômago doente e das pernas fracas.

Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito. .. Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Tomás da bolandeira é que devia ter lido isso. Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos.

Agora tinham obrigação de comportar-se como gente da laia deles.

Alcançou o pátio, enxergou a casa baixa e escura, de telhas pretas, deixou atrás os juazeiros, as pedras onde se jogavam cobras mortas, o carro de bois. As alpercatas dos pequenos batiam no chão branco e liso. A cachorra Baleia trotava arquejando, a boca aberta.

Aquela hora Sinha Vitória devia estar na cozinha, acocorada junto à trempe, a saia de ramagens entalada entre as coxas, preparando a janta. Fabiano sentiu vontade de comer. Depois da comida, falaria com Sinha Vitória a respeito da educação dos meninos.

Era nascosto nel bosco come un armadillo. Duro, pigro come un armadillo. Ma un giorno sarebbe uscito dal nascondiglio, avrebbe camminato a testa alta e sarebbe diventato un uomo.

- Un uomo, Fabiano.

Si grattò il mento barbuto, si fermò e riaccese la sigaretta. No, probabilmente non sarebbe diventato un uomo, sarebbe rimasto così per tutta la sua vita, capra. Comandato dai bianchi, quasi come un oggetto in una fazenda che non gli apparteneva.

E poi? Fabiano era certo che non sarebbe finita così presto. Sarebbero passati giorni senza cibo, stringendo la cinghia, stringendo lo stomaco. Avrebbe vissuto molti anni, sarebbe campato un secolo. Ma se fosse morto di fame o incornato da un toro, avrebbe lasciato dei figli robusti che avrebbero dato vita ad altri figli.

Tutto secco nei dintorni. E il capo anche quello era secco, esigente e ladro, spinoso come un ramo di *mandacaru*. Era indispensabile indirizzare i suoi figli sulla buona strada, accertarsi che fossero capaci di tagliare *mandacaru* per nutrire il bestiame, riparare recinzione e ammansire cavalli selvaggi. Dovevano essere forti, diventare come armadilli. Se non si fossero fatti una corazza avrebbero fatto la fine del Signor Tommaso della macina. Povero. A cosa gli era servito leggere così tanti libri e giornali? Era morto a causa di dolori di stomaco e con le gambe debilitate. Forse un giorno la siccità sarebbe scomparsa e tutto sarebbe andato bene? Sarebbe successo? Non lo sapeva. Il signor Tommaso della macina avrebbe dovuto leggerlo. Libri che parlavano di quel pericolo, i bambini avrebbero potuto chiedere, parlare, soddisfare i loro capricci. Adesso erano obbligati a comportarsi come le persone del loro stesso cetto sociale.

Arrivò sul patio, vide la casa bassa e scura di mattoni neri, lasciandosi alle spalle i *juazeiros*, le pietre dove giocavano con i serpenti morti, lo stabbio dei buoi. I sandali dei piccoli calpestavano il suolo bianco e liscio. Baleia trottava tutta curva, con la bocca aperta.

A quell'ora Donna Vittoria avrebbe dovuto trovarsi in cucina, accovacciata vicino al fuoco, la gonna di stracci incastrata in mezzo alle cosce, preparando il pranzo. Fabiano sentì il desiderio di mangiare. Dopo pranzo, avrebbe parlato con Donna Vittoria dell'educazione dei figli.

Capítulo III - Cadeia

Fabiano tinha ido à feira da cidade comprar mantimentos. Precisava sal, farinha, feijão e rapaduras. Sinha Vitória pedira além disso uma garrafa de querosene e um corte de chita vermelha. Mas o querosene de seu Inácio estava misturado com água, e a chita da amostra era cara demais.

Fabiano percorreu as lojas, escolhendo o pano regateando um tostão em côvado, receoso de ser enganado. Andava irresoluto, uma longa desconfiança dava-lhe gestos oblíquos. A tarde puxou o dinheiro, meio tentado, e logo se arrependeu, certo de que todos os caixeiros furtavam no preço e na medida: amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à bodega de seu Inácio, onde guardara os picuás.

Aí certificou-se novamente de que o querosene estava batizado e decidiu beber uma pinga, pois sentia calor. Seu Inácio trouxe a garrafa de aguardente. Fabiano virou o copo de um trago, cuspiu, limpou os beiços à manga, contraiu o rosto. Ia jurar que a cachaça tinha água. Por que seria que seu Inácio botava água em tudo? perguntou mentalmente. Animou-se e interrogou o bodegueiro:

- Por que é que vossemecê bota água em tudo?

Seu Inácio fingiu não ouvir. E Fabiano foi sentar-se na calçada, resolvido a conversar. O vocabulário dele era pequeno, mas em horas de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de seu Tomás da bolandeira. Pobre de seu Tomás. Um homem tão direito sumir-se como cambembe, andar por este mundo de trouxa nas costas. Seu Tomás era pessoa de consideração e votava. Quem diria?

Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano: - Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro? Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira:

- Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer Enfim, contanto, etc. É conforme.

Capitolo III Carcere

Fabiano era andato al mercato in città per comprare alcune provviste. Aveva bisogno di sale, farina, fagioli e *rapaduras*. Donna Vittoria oltre a queste aveva chiesto una tanica di cherosene e un taglio di stoffa indiana rossa. Ma il cherosene del Signor Ignazio era annacquato e il campione d'indiana era troppo costoso. Fabiano girò i negozi, scelse il tessuto e cercò di contrattare il prezzo, con il timore di essere imbrogliato. Camminava titubante, un senso di sconforto gli conferiva un'andatura goffa/gobba. Alla sera tirò fuori il denaro, quasi del tutto convinto, ma subito se ne pentì sicuro del fatto che tutti i cassieri ne approfittassero imbrogliando sul prezzo e la quantità: sistemò le note sul fazzoletto, le mise in tasca, si diresse alla bottega del Signor Ignazio, dove aveva lasciato i *picuas*.

Lì controllò ancora una volta che il cherosene non fosse annacquato e decise di bere un bicchierino di cachaça, perché aveva caldo. Il Signor Ignazio servì il bicchierino di grappa. Fabiano bevve tutto in un sorso, inghiottì, si pulì la bocca con la manica, contrasse il viso. Avrebbe potuto giurare che la cachaça era annacquata. Perché il Signor Ignazio metteva acqua dappertutto? Si chiese tra sé e sé. Prese coraggio e chiese al negoziante:

- Perché mette acqua dappertutto?

Il Signor Ignazio finse di non sentire. E Fabiano andò a sedersi sul marciapiede, deciso a chiacchierare. Aveva un vocabolario limitato, ma quando intraprendeva una conversazione si arricchiva con alcune espressioni del Signor Tommaso della macina. Povero Signor Tommaso. Un uomo così onesto sparire come un disgraziato, camminare per questo mondo con un fardello sulle spalle. Il Signor Tommaso era una persona distinta e aveva diritto di voto. Cosa avrebbe detto?

A questo punto un soldato giallo si avvicinò e batté sulla spalla di Fabiano:

- Come va, compagno? Andiamo a giocare a sette e mezzo là dentro?

Fabiano osservò l'uniforme con rispetto e balbettò, cercando le parole del Signor Tommaso

- Così sia! Andiamo o non andiamo. Cosa dire allora, a condizione che ecc. Va bene.

Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. Atravessaram a bodega, a corredor, desembocaram numa sala onde vários tipos jogavam cartas em cima de uma esteira.

- Desafasta, ordenou o polícia. Aqui tem gente.

- Espera aí, paisano, gritou o amarelo.

Fabiano, as orelhas ardendo, não se virou. Foi pedir a seu Inácio os troços que ele havia guardado, vestiu o gibão, passou as correias dos alforjes no ombro, ganhou a rua.

Debaixo do jatobá do quadro taramelou com Sinha Rita louceira, sem se atrever a voltar para casa. Que desculpa iria apresentar a Sinha Vitória? Forjava uma explicação difícil. Perdera o embrulho da fazenda, pagara na botica uma garrafada para Sinha Rita louceira. Atrapalhava-se tinha imaginação fraca e não sabia mentir. Nas invenções com que pretendia justificar-se a figura de Sinha Rita aparecia sempre, e isto o desgostava. Arruinaria uma história sem ela, diria que haviam furtado o cobre da chita. Pois não era? Os parceiros o tinham pelado no trinta-e-um. Mas não devia mencionar o jogo. Contaria simplesmente que o lenço das notas ficara no bolso do gibão e levava sumiço. Falaria assim: "Comprei os mantimentos. Botei o gibão e os alforjes na bodega de seu Inácio. Encontrei um soldado amarelo" Não, não encontrara ninguém. Atrapalhava-se de novo. Sentia desejo de referir-se ao soldado, um conhecido velho, amigo de infância. A mulher se incharia com a notícia. Talvez não se inchasse. Era atilada, notaria a pabulagem. Pois estava acabado. O dinheiro fugira do bolso do gibão, na venda de seu Inácio. Natural.

Repetia que era natural quando alguém lhe deu um empurrão, atirou-o contra o jatobá.

Si alzò e seguì il soldato giallo, colui che rappresentava le autorità e dava ordini. Fabiano aveva sempre obbedito. Aveva muscoli e cervello, ma rifletteva poco, desiderava poco e obbediva.

Attraversarono la bottega, il corridoio, sbucarono in una sala dove varie persone giocavano a carte sopra una stuoia.

- Avvicinati, ordinò il poliziotto. Siamo arrivati.

I giocatori si strinsero, i due uomini si sedettero, il soldato giallo prese il mazzo. Ma per sua sfortuna in poco tempo si mise nei guai. E così anche Fabiano si cacciò nei guai. Donna Vittoria giustamente si sarebbe infuriata.

- Ben fatto

Si alzò furioso, uscì dalla sala, accigliato.

- Aspetta lì compaesano, gridò il soldato giallo.

Fabiano con le orecchie in fiamme non si girò. Andò a chiedere al Signor Ignazio la roba che aveva comprato, si mise il farsetto, si mise in spalla le cinghie degli *alforjes*, si incamminò.

Sotto la *jatobá* sullo spiazzo parlò con Donna Rita, la piattaia senza azzardarsi a tornare a casa. Che scusa si sarebbe inventato per Donna Vittoria? Doveva inventarsi una giustificazione ben articolata. Aveva perso il pacco della fazenda, aveva pagato alla bottega una bottiglia per la piattaia Donna Rita. Si stava ingarbugliando, aveva una scarsa immaginazione e non sapeva mentire. Nelle bugie con le quali pensava di giustificarsi, appariva sempre la figura di Donna Rita e questo non gli piaceva. Avrebbe rovinato la storia senza di lei, avrebbe detto che gli avevano rubato i soldi per l'indiana. In fin dei conti non era la verità? I compagni lo avevano spennato giocando a carte. Ma non doveva nominare il gioco. Avrebbe raccontato semplicemente che i soldi erano rimasti in tasca del farsetto e poi erano spariti. Avrebbe detto così: "Ho comprato le provviste ma ho lasciato il farsetto e gli *alforjes* nella bottega del Signor Ignazio. Ho incontrato un soldato giallo." No, non aveva incontrato nessuno. A volte voleva fare riferimento al soldato, un conoscente, un amico d'infanzia. La moglie ne sarebbe stata orgogliosa. O forse no. Era scrupolosa, si sarebbe accorta della menzogna. E così era finito. I soldi erano scappati da soli dalla tasca, nel negozio del Signor Ignazio. Ovvio. Ripeteva tra sé che era tranquillo quando qualcuno gli diede uno spintone e lo fece sbattere sul *jatobá*.

A feira se desmanchava; escurecia; o homem da iluminação, trepando numa escada, acendia os lampiões. A estrela papa-ceia branqueou por cima da torre da igreja; o doutor juiz de direito foi brilhar na porta da farmácia; o cobrador da prefeitura passou coxeando, com talões de recibos debaixo do braço; a carroça de lixo rolou na praça recolhendo cascas de frutas; seu vigário saiu de casa e abriu o guarda-chuva por causa do sereno; Sinha Rita louceira retirou-se.

Fabiano estremeceu. Chegaria a fazenda noite fechada. Entretido com o diabo do jogo, tonto de aguardente, deixara o tempo correr. E não levava o querosene, ia-se alumiar durante a semana com pedaços de facheiro. Aprumou-se, disposto a viajar.

Outro empurrão desequilibrou-o. Voltou-se e viu ali perto o soldado amarelo, que o desafiava, a cara enferrujada, uma ruga na testa. Mexeu-se para sacudir o chapéu de couro nas ventas do agressor. Com uma pancada certa do chapéu de couro, aquele tico de gente ia ao barro. Olhou as coisas e as pessoas em roda e moderou a indignação. Na catinga ele as vezes cantava de galo, mas na rua encolhia-se.

- Vossemecê não tem direito de provocar os que estão quietos.

- Desafasta, bradou o polícia.

E insultou Fabiano, porque ele tinha deixado a bodega sem se despedir.

- Lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar os seus possuídos no jogo? Engasgou-se. A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reiuna em cima da alpercata do vaqueiro.

- Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente.

O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá.

- Toca pra frente, berrou o cabo.

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu.

Ripeteva tra sé che era tranquillo quando qualcuno gli diede uno spintone e lo fece sbattere sul *jatobá*. Il mercato si stava svuotando, si stava facendo buio, l'uomo addetto all'illuminazione, arrampicandosi su una scala, accendeva il lampione. La stella maggiore si illuminò sopra il campanile della Chiesa; il dottore giudice di diritto brillava sulla porta della farmacia; l'esattore della prefettura passò zoppicando, con il libro delle tasse sotto il braccio; la carrozza dei rifiuti passò per la piazza raccogliendo bucce di frutta; il sacerdote uscì di casa e aprì l'ombrello per via del cielo sereno; la piattaia Donna Rita si ritirò.

Fabiano rabbrivì. Sarebbe arrivato alla fazenda a notte inoltrata. Intrattenuto dal diavolo del gioco, intontito dalla grappa, avrebbe lasciato passare un po' di tempo. E non aveva preso il cherosene, la settimana seguente avrebbe illuminato la casa con fasci di legna. Si sbrigò con l'intenzione di mettersi in viaggio. Un altro spintone gli fece perdere l'equilibrio. Si voltò e vide lì vicino il soldato giallo che lo sfidava, il viso contratto, una ruga gli solcava la fronte. Si rimestò per muovere il cappello di pelle verso il suo aggressore. Con un colpo di cappello di pelle, quel genere di persone cadevano a terra. Si guardò intorno e moderò l'indignazione. Nella *catanga* a volte faceva lo spavaldo ma per la strada si faceva piccolo piccolo.

- Lei non ha il diritto di provocare chi non sta facendo nulla di male
- Avvicinati, gridò l'agente.

E insultò Fabiano perché aveva lasciato la bottega senza accomiarsi.

- Frottole, balbettò il *matuto*. Ho forse colpe se voi avete buttato i vostri soldi al banco da gioco?

Si soffocò. L'agente camminò un attimo lì intorno, desideroso di continuare la conversazione. Non trovando alcun pretesto, si avvicinò e mise il tacco dello stivale sopra il sandalo del vaccaro.

- Questo non si fa ragazzo protestò Fabiano. Sono tranquillo. Vedi come è molle e caldo il mio piede.

L'altro continuò a pestare con forza. Fabiano si spazientì e offese sua madre. Lì il soldato fischiò e in pochi secondi il distacco della città circondava il *jatobá*.

- Mani sopra la testa, gridò il capo.

Fabiano si mosse disorientato, entrò nella cella, sentì senza capire una terribile accusa e non si difese.

- Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano.

Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando - Hum! hum! Porque tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente um fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir.

- Bem, bem.

Passou as mãos nas costas e no peito, sentiu-se moído, os olhos azulados brilharam como olhos de gato. Tinham-no realmente surrado e prendido. Mas era um caso tão esquisito que instantes depois balançava a cabeça, duvidando, apesar das machucaduras. Ora, o soldado amarelo ... Sim, havia um amarelo, criatura desgraçada que ele, Fabiano, desmancharia com um tabefe. Não tinha desmanchado por causa dos homens que mandavam. Cuspiu, com desprezo:

- Safado, mofino, escarro de gente.

Por mor de uma peste daquela, maltratava-se um pai de família. Pensou na mulher, nos filhos e e figura. na cachorrinha. Engatinhando, procurou os alforjes, que haviam caído no chão, certificou-se de que os objetos comprados na feira estavam todos ali. Podia ter-se perdido alguma coisa na confusão. Lembrou-se de uma fazenda vista na última das lojas que visitara. Bonita, encorpada, larga, vermelha e com ramagens, exatamente o que Sinha Vitória desejava. Encolhendo um tostão em côvado, por sovinice, acabava o dia daquele jeito. Tornou a mexer nos alforjes. Sinha Vitória devia estar desassossegada com a demora dele. A casa no escuro, os meninos em redor do fogo, a cachorra Baleia vigiando. Com certeza haviam fechado a porta da frente.

Estirou as pernas, encostou as carnes doídas ao muro. Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito?

- È sicuro, disse il capo. Faccia al muro compaesano.

Fabiano cadde in ginocchio, la lamina di un coltello gli batté più volte sul petto, altre sulle costole. Dopo aprirono una porta, gli diedero uno spintone che lo scagliò contro le sbarre della cella. La chiave tintinnò sulla serratura e Fabiano si alzò intontito, barcollò, e si sedette in un angolo, ringhiando.

- Hum hum.

Perché si erano comportati così? Era quello che non capiva. La gente per bene, sì signore, non si faceva arrestare. All'improvviso un battibecco senza motivo. Era talmente turbato che non credeva a quella disgrazia. Gli era caduto tutto addosso, all'improvviso come un condannato. Così un uomo non poteva opporre resistenza.

- Bene, bene.

Si passò le mani sulle costole e il petto, si sentì pesto, gli occhi azzurri brillarono come quelli di un gatto. Lo avevano davvero pestato e incarcerato. Ma era una faccenda talmente strana che dopo alcuni istanti scosse la testa, dubitando, nonostante le ferite.

Ora, il soldato giallo... Sì, c'era un soldato giallo, uno disgraziato, che lui Fabiano, avrebbe fatto a pezzi. Non lo aveva fatto per via degli uomini al comando. Sputò, con disprezzo:

- Mascalzone, disgraziato, rifiuto della società.

A causa di una cosa simile, si maltrattava un padre di famiglia. Pensò alla moglie, ai figli e alla cagnolina. Gattinando, cercò gli *alforjes*, che erano caduti a terra, si accertò che tutte le cose comprate al mercato fossero ancora lì. Avrebbe potuto perdere qualcosa nella confusione. Si ricordò di un tessuto visto nell'ultimo negozio dove era andato. Bella, resistente, grande, rossa e con stracci, proprio quello che desiderava donna Vittoria. Cercando di contrattare il prezzo, per spilorceria, aveva terminato il giorno in quella maniera.

Tornò ad occuparsi degli *alforjes*. Donna Vittoria si sarebbe preoccupata a causa del suo ritardo. A casa nell'oscurità, i bambini attorno al fuoco, Baleia che vigilava, di sicuro avevano chiuso la porta di casa.

Si sgranchì le gambe, addossò le parti doloranti al muro. Se gli avessero dato tempo, avrebbe spiegato tutto per bene. Ma preso alla sprovvista, lo avevano mandato in confusione. Chi non sarebbe rimasto attonito di fronte a un fatto così inaspettato?

Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira com outro. Não era senão isso.

Então porque um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas. as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações:

- "Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita." Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?

- An!

E, por mais que forcejasse, não se convenciu de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza. Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? Os outros presos remexeram-se, o carcereiro chegou à grade, e Fabiano acalmou-se:

- Bem, bem. Não há nada não.

Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia. Fossem perguntar a seu Tomás da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as ventas. Seu Tomás da bolandeira contaria aquela história. Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada. Só queria voltar para junto de Sinha Vitória, deitar-se na cama de varas. Porque vinham bulir com um homem que só queria descansar? Deviam bulir com outros.

- An!

Estava tudo errado.

- An!

Tinham lá coragem? Imaginou o soldado amarelo atirando-se a um cangaceiro na catinga. Tinha graça. Não dava um caldo.

Lembrou-se da casa velha onde morava, da cozinha, da panela que chiava na trempe de pedras. Sinha Vitória punha sal na comida. Abriu os alforjes novamente: a trouxa de sal não se tinha perdido. Bem. Sinha Vitória provava o caldo na quenga de coco.

Non riusciva a capacitarsi della malvagità con cui lo avevano trattato. Era stato un errore, probabilmente il soldato giallo lo aveva confuso con qualcun altro. E allora per quale motivo un attaccabrighe spudorato si era irritato, sbattendo in prigione una capra, e pestandola di botte? Sapeva perfettamente che funzionava così, si era abituato a tutti i tipi di violenza, di ingiustizia. E ai conoscenti che dormivano per strada e sopportavano frustate con liane di bue, dava consolazione:

- Abbiate pazienza. Soccombere al governo non è un'offesa.

Ma adesso stringeva i denti e soffiava. Meritava una punizione?

- An.

E per quanto ci pensasse, non riusciva a convincersi che il soldato giallo rappresentasse lo Stato. Lo stato, una cosa così lontana e perfetta, non poteva sbagliare. Il soldato giallo era lì vicino, al di là delle sbarre, era debole e cattivo, giocava seduto sulle stuoie con i *matutos* e dopo li provocava. Lo Stato non poteva permettere una così grande nefandezza.

A cosa servivano i soldati gialli? Diede un calcio al muro, gridò furioso. A cosa servivano i soldi gialli? Gli altri carcerati si ridestarono, il carceriere giunse alle sbarre e Fabiano si calmò:

- Bene, bene. Non è successo niente.

C'erano molte cose. Lui non poteva spiegarle, ma c'erano. Se fossero andati a chiedere al Signor Tommaso della macina, che leggeva libri e sapeva dove tenevano la *ventas*. Il signor Tommaso della macina glielo avrebbe detto. Lui, Fabiano un brutto, non contava niente. Voleva solo tornare da Donna Vittoria e sdraiarsi sul letto di legno. Perché erano andati a molestare un uomo che voleva solo riposarsi? Dovevano disturbare gli altri.

- An

- Era tutto sbagliato.

- An

Là erano stati coraggiosi? Immaginò il soldato avvicinarsi a un *cangaceiro* nella *catanga*. Era stato graziato. *Não dava um caldo*. Donna Vittoria metteva il sale nel cibo. Aprì un'altra volta gli alforjes, non aveva perso il contenitore del sale. Bene. Donna Vittoria faceva il brodo nel guscio della noce di cocco.

E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente. Naquela viagem arrastada, em tempo de seca braba, quando estavam todos morrendo de fome, a cadelinha tinha trazido para eles um preá. Ia envelhecendo, coitada. Sinha Vitória, inquieta, com certeza fora muitas vezes escutar na porta da frente. O galo batia as asas, os bichos bodejavam no chiqueiro, os chocalhos das vacas tiniam. Se não fosse isso ... An! Em que estava pensando? Meteu os olhos pela grade da rua. Chi? que pretume! O lampião da esquina se apagara, provavelmente o homem da escada só botara nele meio quarteirão de querosene. Pobre de Sinha Vitória, cheia de cuidados, na escuridão. Os meninos sentados perto do lume, a panela chiando na trempe de pedras, Baleia atenta, o candeeiro de folha pendurado na ponta de uma vara que saía da parede.

Estava tão cansado, tão machucado, que ia quase adormecendo no meio daquela desgraça. Havia ali um bêbedo tresvariando em voz alta e alguns homens agachados em redor de um fogo que enchia o cárcere de fumaça. Discutiam e queixavam-se da lenha molhada.

Fabiano cochilava, a cabeça pesada inclinava-se para o peito e levantava-se. Devia ter comprado o querosene de seu Inácio. A mulher e os meninos aguentando fumaça nos olhos. Acordou sobressaltado. Pois não estava misturando as pessoas, desatinando? Talvez fosse efeito da cachaça. Não era: tinha bebido um copo, tanto assim, quatro dedos. Se lhe dessem tempo, contaria o que se passara.

Ouviu o falatório desconexo do bêbedo, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais - aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?

Se não fosse aquilo ... Nem sabia. O fio da ideia cresceu, engrossou - e partiu-se. Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos ... nunca vira uma escola.

E Fabiano se arrabbiava a causa sua, dei figli, di Baleia che era come una di famiglia, saggia come le persone. In quel viaggio strascicato durante una siccità barbara, quando stavano tutti morendo di fame, la piccolina aveva portato loro una preda. Stava invecchiando, povera. Donna Vittoria, inquieta, di sicuro era uscita molte volte. Il gallo sbatteva le ali, gli animali grugnivano nel porcile, i campanacci delle mucche tintinnavano. Se non fosse stato per questo.... An! A cosa stava pensando? Rivolse lo sguardo alla grata che dava sulla strada. Chi? Che oscurità! Il lampione d'angolo si era spento, probabilmente l'uomo della scala ci aveva messo solo mezzo quarto di cherosene.

Povera Donna Vittoria, così preoccupata, nell'oscurità. I bambini seduti vicino al fuoco, la pentola fischiando sopra il fuoco di pietre, Baleia attenta, il lampadario appeso a una trave che fuoriusciva dalla parete. Era così stanco, così malmesso, che si stava quasi addormentando nel bel mezzo di quella disgrazia. Lì c'era un ubriaco che vaneggiava a voce alta che riempiva la cella di fumo. Discutevano.

Fabiano sonnecchiava, la testa pesante si inclinava sul petto e si rialzava. Avrebbe dovuto comprare il cherosene del Signor Ignazio. La moglie e i bambini. Sopportando fumo negli occhi.

Si svegliò di soprassalto.

Forse era l'effetto della cachaça. Non aveva bevuto nemmeno un solo bicchiere, tanto così, quattro dita. Se gli avessero dato tempo, avrebbe raccontato quello che era successo.

Sentì il discorso sconnesso dell'ubriaco, cadde in una dolorosa indecisione. Anche lui diceva parole senza senso, parlava a vanvera. Ma si arrabiò al paragone, diede dei pugni alla parete. Era un brutto, sì signore, non aveva mai studiato, non si sapeva spiegare. Era stato incarcerato per questo? Perché? Allora si mette un uomo in prigione perché non sa spiegarsi? Che male faceva la sua ignoranza? Viveva lavorando come uno schiavo. Sgorgava l'abbeveratoio, sistemava le recinzioni curava gli animali.

Tutto in ordine, potevano vedere. Aveva colpa di essere ignorante. Che colpa aveva?

Se non fosse per quello.....Non sapeva. Il filo dell'idea crebbe, si ingrossò e si divise. Era difficile pensare. Viveva così a contatto con gli animali... non aveva mai visto una scuola.

Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos.

Enfim, contanto ... Seu Tomás daria informações. Fossem perguntar a ele. Homem bom, seu Tomás da bolandeira, homem aprendido. Cada qual como Deus o fez. Ele, Fabiano, era aquilo mesmo, um bruto.

O que desejava ... An! Esquecia-se. Agora se recordava da viagem que tinha feito pelo sertão a cair de fome. As pernas dos meninos eram finas como bilros, Sinha Vitória tropicava debaixo do baú de trens. Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade.

Fabiano também não sabia falar. As vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse ... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas.

Bateu na cabeça, apertou-a. Que faziam aqueles sujeitos acorados em torno do fogo? Que dizia aquele bêbedo que se esgoelava como um doido, gastando fôlego à toa? Sentiu vontade de gritar, de anunciar muito alto que eles não prestavam para nada. Ouviu uma voz fina. Alguém no xadrez das mulheres chorava e arrenegava as pulgas. Rapariga da vida, certamente de porta aberta. Essa também não prestava para nada. Fabiano queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. Ele, os homens acorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para aguentar facão. Era o que ele queria dizer.

E havia também aquele fogo-corredor que ia e vinha no espírito dele. Sim, havia aquilo. Como era? Precisava descansar. Estava com a testa doendo, provavelmente em consequência de uma pancada de cabo de facão. E doía-lhe a cabeça toda, parecia-lhe que tinha fogo por dentro, parecia-lhe que tinha nos miolos uma panela fervendo.

Pobre de Sinha Vitória, inquieta e sossegando os meninos. Baleia vigiando, perto da trempe. Se não fossem eles ...

Per questo non riusciva a difendersi, a mettere le cose a posto. Il diavolo di quella storia gli entrava e usciva dalla testa. Era per far ammalare un cristiano. Se glielo avessero insegnato, avrebbe trovato il modo di capirla. Impossibile, sapeva trattare solo con gli animali. Infine, era così. Il Signor Tommaso avrebbe dato le informazioni. Fossero andati da lui a chiedere. Un uomo buono, il Signor Tommaso della macina, un uomo colto. Così come il signore l'aveva fatto. Lui Fabiano era un ignorante.

Quello che voleva... An! Se lo era dimenticato. Ora rammentava il viaggio che aveva fatto nel sertão, a morire di fame. Le gambe dei figli erano magre come stecchini, Donna Vittoria zoppicava sotto il peso del baule di lamiera. Avevano mangiato il pappagallo in riva al fiume, perché era muto. Per necessità.

Anche Fabiano non sapeva parlare. A volte si lanciava in qualche parolone, per scherzo. Vedeva chiaramente che era una bestemmia. Non riusciva a mettere in ordine i suoi pensieri. Se ci fosse riuscito ... Ah! Se ci fosse riuscito avrebbe attaccato i soldati gialli che frustano gli indifesi.

Si battè un colpo in testa, la strinse. Cosa ci facevano quei tizi attorno al fuoco? Cosa stava dicendo quell'ubriaco che urlava come un pazzo, dicendo cose a caso? Sentì il bisogno di gridare, di dire a voce alta che loro non valevano niente. Sentì una vocina. Qualcuna tra le donne là fuori piangeva e malediceva i pidocchi. Ragazze di città, di sicuro di larghe vedute. Anche quella non valeva niente. Fabiano voleva gridare a tutta la città, dire al giudice, al delegato, al vicario e ai collaboratori della prefettura che lì dentro nessuno valeva qualcosa. Lui, gli uomini accucciati, l'ubriaco, la donna dei pidocchi, tutto era un peccato, serviva solo a prendere frustate. Era quello che voleva dire.

E aveva quel fuoco che gli accendeva lo spirito che andava e veniva. Sì, c'era. Com'era? Aveva bisogno di riposare. Aveva mal di testa, probabilmente a causa delle percosse subite. E gli faceva male. Gli sembrava che la testa stesse andando a fuoco, gli sembrava che il cervello bollisse come una pentola sul fuoco.

Povera Donna Vittoria, inquieta che tenta di assicurare i bambini. Baleia che controlla vicino al fuoco. Se non fosse per loro...

Agora Fabiano conseguia arranjar as ideias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao murão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aqueles cambões pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como onça e faria uma asneira. Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo. Não. O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a ideia que lhe fervia na cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos, havia a cachorrinha.

Fabiano gritou, assustando o bêbedo, os tipos que abanavam o fogo, o carcereiro e a mulher que se queixava das pulgas. Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los? Sinha Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.

Ora Fabiano riusciva a vedere tutto chiaramente. Quello che lo consolava era la famiglia. Viveva come un cucciolo legato a catena al muretto, che veniva marchiato. Se non fosse stato per quello, il soldato giallo non gli avrebbe pestato il piede. Quello che gli scaldava il cuore era il ricordo dei figli e la moglie. Senza quei sandali pesanti, non avrebbe radrizzato la schiena, sarebbe uscito di lì come una furia e avrebbe fatto una stupidaggine. Avrebbe preso una spada e avrebbe pestato il piede al soldato giallo. No. Il soldato giallo era un disgraziato che non meritava uno schiaffo. Avrebbe ucciso il suo comandante. Sarebbe entrato a far parte di una banda di banditi e avrebbe fatto strage tra le fila degli uomini che davano ordini al soldato giallo. Non sarebbe rimasto così per sempre. Era quella l'idea che gli frullava in testa. Ma aveva una moglie, dei figli e una cagnolina.

Fabiano gridò, spaventando l'ubriaco, gli uomini che circondavano il fuoco e la donna che si grattava per via dei pidocchi. Aveva quel peso sulla coscienza. Doveva continuare a provarlo? Donna Vittoria dormiva male su quel letto di legno. I bambini erano ignoranti, come il padre. Quando sarebbero cresciuti, avrebbero guardato le cose per un padrone insensibile, sarebbero stati calpestati, maltrattati, percossi da un soldato giallo.

Capítulo IV - Sinha Vitoria

Acocorada junto às pedras que serviam de trempe, a saia de ramagens entalada entre as coxas, Sinha Vitória soprava o fogo. Uma nuvem de cinza voou dos tições e cobriu-lhe a cara, a fumaça inundou-lhe os olhos, o rosário de contas brancas e azuis desprendeceu-se do cabeção e bateu na panela. Sinha Vitória limpou as lágrimas com as costas das mãos, encarquilhou as pálpebras, meteu o rosário no seio e continuou a soprar com vontade, enchendo muito as bochechas. Labaredas lamberam as achas de angico, esmoreceram, tornaram a levantar-se e espalharam-se entre as pedras. Sinha Vitória apurou o espinhaço e agitou o abano. Uma chuva de faíscas mergulhou num banho luminoso a cachorra Baleia, que se enroscava no calor e cochilava embalada pelas emanções da comida.

Sentindo a deslocação do ar e a crepitação dos gravetos, Baleia despertou, retirou-se prudentemente, receosa de sapear o pêlo, e ficou observando maravilhada as estrelinhas vermelhas que se apagavam antes de tocar o chão. Aprovou com um movimento de cauda aquele fenômeno e desejou expressar a sua admiração à dona. Chegou-se a ela em saltos curtos, ofegando, ergueu-se nas pernas traseiras, imitando gente. Mas Sinha Vitória não queria saber de elogios.

- Arreda!

Deu um pontapé na cachorra, que se afastou humilhada e com sentimentos revolucionários.

Sinha Vitória tinha amanhecido nos seus azeites. Fora de propósito, dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não esperava semelhante desatino, apenas grunhira:

- "Hum! hum!"

E amunhecara, porque realmente mulher é bicho difícil de entender, deitara-se na rede e pegara no sono. Sinha Vitória andara para cima e para baixo, procurando em que desabafar.

Como achasse tudo em ordem, queixara-se da vida. E agora vingava-se em Baleia, dando-lhe um pontapé. Avizinhou-se da janela baixa da cozinha, viu os meninos, entretidos no barreiro, sujos de lama, fabricando bois de barro, que secavam ao sol, sob o pé de turco, e não encontrou motivo para repreendê-los.

Capitolo IV – Donna Vittoria

Accovacciata in cima alle pietre che fungevano da base al focolare, la gonna di stracci incastrata in mezzo alle cosce, Donna Vittoria soffiava sul fuoco. Una nuvola di cenere volò dai tizzoni e le ricoprì il volto, il fumo le inondò gli occhi, il rosario dai grani bianchi e azzurri si staccò dal collo e andò a sbattere sulla pentola. Donna Vittoria si pulì le lacrime con i palmi delle mani, increspò le palpebre, si rimise il rosario tra i seni e continuò a soffiare con forza, gonfiando le gote.

Alcune fiamme lambivano le tavole di *angico*, si affievolivano tornavano ad alzarsi e si espandevano tra le pietre. Donna Vittoria raddrizzò la schiena e agitò la ventola. Una pioggia di scintille immerse Baleia in un bagno luminoso, mentre sonnecchiava cullata dai profumi della cena.

Sentendo lo spostamento d'aria e il crepitio dei ramoscelli secchi, Baleia si svegliò, si scansò prudentemente, timorosa di bruciarsi il pelo e rimase ad ammirare meravigliata le stelline rosse che si spegnevano prima di toccare il suolo. Approvò con un movimento di coda quel fenomeno e desiderò poter esprimere la sua ammirazione alla padrona. Si avvicinò con piccoli saltelli, ansimando, si alzò sulle zampe posteriori, imitando una persona. Ma Donna Vittoria non ne voleva sapere di complimenti:

- Stai indietro.

Diede un calcio alla cagnolina che si allontanò umiliata e con la voglia di rivoltarsi.

Donna Vittoria si era svegliata di cattivo umore. Senza rendersene conto aveva detto al marito alcune cose sconvenienti riguardo al letto in legno. Fabiano, che non si aspettava una cosa del genere, aveva grugnito:

- Hum, Hum!

E si spaventò, perché la moglie era veramente difficile da capire, si stese sulla rete e si abbandonò al sonno. Donna Vittoria camminava avanti e indietro, cercando qualcosa da fare. Come se fosse tutto già in ordine, si lagnò della vita. E adesso se la rifaceva con Baleia, dandole un calcio. Si avvicinò alla finestrella bassa della cucina, vide i bambini, che giocavano nel porcile, sporchi di fango, che facevano buoi di fango, che poi seccavano al sole, sopra il *pé de turco* e non trovò un motivo per rimproverarli.

Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas.

Fazia mais de um ano que falava nisso ao marido. Fabiano a princípio concordara com ela, mastigara cálculos, tudo errado. Tanto para o couro, tanto para a armação. Bem. Poderiam adquirir o móvel necessário economizando na roupa e no querosene. SinhaVitória respondera que isso era impossível, porque eles vestiam mal, as crianças andavam nuas, e recolhiam-se todos ao anoitecer. Para bem dizer, não se acendiam candeeiros na casa. Tinham discutido, procurando cortar outras despesas. Como não se entendessem, Sinha Vitória aludira, bastante azeda, ao dinheiro gasto pelo marido na feira, com jogo e cachaça. Ressentido, Fabiano condenara os sapatos de verniz que ela usava nas festas, caros e inúteis. Calçada naquilo, trôpega, mexia-se como um papagaio, era ridícula. Sinha Vitória ofendera-se gravemente com a comparação, e se não fosse o respeito que Fabiano lhe inspirava, teria despropositado. Efetivamente os sapatos apertavam-lhe os dedos, faziam-lhe calos. Equilibrava-se mal, tropeçava, manquejava, trepada nos saltos de meio palmo. Devia ser ridícula, mas a opinião de Fabiano entristecera-a muito. Desfeitas essas nuvens, curtidos os dissabores, a cama de novo lhe aparecera no horizonte acanhado.

Agora pensava nela de mau humor. Julgava-a inatingível e misturava-a às obrigações da casa. Foi a sala, passou por baixo do punho da rede onde Fabiano roncava, tirou do caritó o cachimbo e uma pele de fumo, saiu para o copiar. O chocalho da vaca laranja tilintou para os lados do rio. Fabiano era capaz de se ter esquecido de curar a vaca laranja. Quis acordá-lo e perguntar, mas distraiu-se olhando os xiquexiques e os mandacarus que avultavam na campina.

Um mormaço levantava-se da terra queimada. Estremeceu lembrando-se da seca, o rosto moreno desbotou, os olhos pretos arregalaram-se. Diligenciou afastar a recordação, temendo que ela virasse realidade. Rezou baixinho uma ave-maria, já tranquila, a atenção desviada para um buraco que havia na cerca do chiqueiro das cabras. Esfarelou a pele de fumo entre as palmas das mãos grossas, encheu o cachimbo de barro, foi consertar a cerca. Voltou, circulou a casa atravessando o cercadinho do oitão, entrou na cozinha.

- É capaz de Fabiano ter-se esquecido da vaca laranja.

Pensò ancora una volta al letto in legno e mentalmente inveì contro Fabiano. Dormivano su quel letto, ormai si erano abituati, ma sarebbe stato più piacevole dormire su un letto con il materasso in pelle, come gli altri.

Era da più di un anno che ne parlava con il marito. Fabiano all'inizio era d'accordo con lei, aveva fatto qualche calcolo, tutto sbagliato. Tanto per la pelle quanto per il materasso. Bene. Avrebbero potuto prendere il mobile economizzando sui vestiti e sul cherosene. Donna Vittoria aveva risposto che non era possibile, già vestivano di stracci, i bambini giravano senza vestiti, e si riunivano tutti all'imbrunire. Per meglio dire, non si accendevano candelabri in casa. Avevano discusso, cercando di tagliare altre spese. Come se non riuscissero a capirsi, Donna Vittoria si era lamentata, abbastanza acida, per via del denaro sprecato dal marito al mercato, al gioco e a bere cachaça. Risentito, Fabiano le aveva rinfacciato l'uso di scarpe di vernice che usava nei giorni di festa, costose e inutili. Con quelle ai piedi, zoppa, si muoveva come un pappagallo, era ridicola. Donna Vittoria si era offesa a morte, al paragone e se non fosse stato per il rispetto che nutriva per il marito, sarebbe andata in escandescenza. Effettivamente le scarpe le stringevano le dita, le facevano venire le vesciche. Non aveva equilibrio, zoppicava, costretta nei tacchi alti mezzo palmo. Doveva essere ridicola, ma l'opinione di Fabiano la rattristava molto. Sparite le nuvole, spariti i dissapori, il letto le sembrava una cosa da niente.

Adesso ci pensava di cattivo umore. Era un desiderio impossibile da realizzare e si mischiava al pensiero delle faccende di casa.

Andò nella sala, passò sotto il pugno di Fabiano che russava sulla rete, prese dal *carito* la pipa e un pezzo di fumo, uscì sulla veranda. Il campanaccio della mucca fulva risuonò agli argini del fiume. Fabiano doveva essersi dimenticato di occuparsi di quella mucca. Voleva svegliarlo e chiedergli ma si distrasse guardando gli *xiquexiques* e i *mandacarus* che stagiavano sulla campagna.

Un mormorio si levò dalla terra bruciata. Rabbrivì ricordandosi la siccità, il viso nero sbiadì, gli occhi neri si abituarono. Cercò di allontanare il ricordo, temendo diventasse realtà. Recitò a voce bassa una Ave Maria, già più tranquilla, l'attenzione richiamata da un buco che c'era nella recinzione dello stabbio delle capre. Sfarinò il pezzo di fumo con le grosse mani, riempì la pipa di fango, andò ad aggiustare la recinzione. Tornò, fece il giro della casa attraversando il piccolo recinto di ottone, entrò in cucina.

- È possibile che Fabiano si sia dimenticato della mucca fulva.

Agachou-se, atçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro. Jogou longe uma cusparada, que passou por cima da janela e foi cair no terreiro. Preparou-se para cuspir novamente. Por uma extravagante associação, relacionou esse ato com a lembrança da cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro, a cama seria comprada antes do fim do ano. Encheu a boca de saliva, inclinou-se - e não conseguiu o que esperava. Fez várias tentativas, inutilmente. O resultado foi secar a garganta. Ergueu-se desapontada. Besteira, aquilo não valia.

Aproximou-se do canto onde o pote se erguia numa forquilha de três pontas, bebeu um caneco de água. Água salobra.

- Iche!

Isto lhe sugeriu duas imagens quase simultâneas, que se confundiram e neutralizaram: panelas e bebedouros. Encostou o fura-bolos à testa, indecisa. Em que estava pensando? Olhou o chão, concentrada, procurando recordar-se, viu os pés chatos, largos, os dedos separados. De repente as duas idéias voltaram: o bebedouro secava, a panela não tinha sido temperada.

Foi levantar o testo, recebeu na cara vermelha uma baforada de vapor. Não é que ia deixando a comida esturrar? Pôs água nela e remexeu-a com a quenga preta de coco. Em seguida provou o caldo. Inosso, nem parecia bóia de cristão. Chegou-se ao jirau onde se guardavam cumbugos e mantas de carne, abriu a mochila de sal, tirou um punhado, jogou-o na panela.

Agora pensava no bebedouro, onde havia um líquido escuro que bicho enjeitava. Só tinha medo da seca.

Olhou de novo os pés espalmados. Efetivamente não se acostumava a calçar sapatos, mas o remoque de Fabiano molestara-a. Pés de papagaio. Isso mesmo, sem dúvida, matuto anda assim. Para que fazer vergonha à gente? Arreliava-se com a comparação.

Pobre do papagaio. Viajar com ela, na gaiola que balançava em cima do baú de folha. Gaguejava: - "Meu louro." Era o que sabia dizer. Fora isso, aboiava arremedando Fabiano e latia como Baleia. Coitado. Sinha Vitória nem queria lembrar-se daquilo. Esquecera a vida antiga, era como se tivesse nascido depois que chegara à fazenda.

Si chinò, attizzò il fuoco, prese della brace con la paletta, accese la pipa, si mise a succhiare la canna di *taquiri* piena di tartaro. Lasciò andare uno sbuffo di fumo, che passò sopra la finestra e andò a finire sul porcile. Si preparò per sputare fumo di nuovo. Per una stravagante associazione, paragonò questa azione al desiderio del letto nuovo. Se lo sputo fosse arrivato al porcile, avrebbero comprato il letto prima della fine dell'anno. Si riempì la bocca di saliva, si inclinò e non riuscì a fare quello che sperava. Fece diversi tentativi, inutilmente. Il risultato fu che le si seccò la gola. Si raddrizzò, con disappunto, imprecò, quello non valeva.

Si avvicinò all'angolo dove si ergeva l'orcio, in una forca a tre denti, bevve un sorso d'acqua. Acqua salubre.

- Iche.

Questo le suggerì due immagini quasi simultanee, che si confondevano e neutralizzavano: pentole e abbeveratoio. Avvicinò il buco alla testa, indecisa. A cosa stava pensando? Guardò a terra, concentrata, cercando di ricordare, vide i piedi sciatti, grandi, le dita distanti. All'improvviso i pensieri tornarono: l'abbeveratoio si seccava, la pentola non era stata temperata. Andò ad alzare il coperchio, uno sbuffo di vapore le colpì il viso rosso. Non è che la cena si stava bruciando? Ci mise dell'acqua e la rimescolò con la buccia nera del cocco. In seguito assaggiò il brodo, senza gusto, non sembrava nemmeno commestibile. Si avvicinò alla mensola dove tenevano le spezie e pezzi di carne, aprì il sacco del sale, ne prese un pugno e lo mise nella pentola.

Adesso pensava all'abbeveratoio, dove c'era un liquido scuro che nemmeno gli animali bevevano. Aveva solo paura della siccità.

Si guardò di nuovo i piedi piatti. Effettivamente non si era abituata a portare le scarpe, ma il rimbrotto di Fabiano la disturbava. Piedi a pappagallo. Proprio così, senza alcun dubbio, il *matuto* camminava così. Perché farla vergognare? La stuzzicava con quel paragone.

Povero pappagallo. Aveva viaggiato con lei, nella gabbia che oscillava sul baule di lamiera. Balbettava: "il mio pappagallo". Era l'unica cosa che sapeva dire. Oltre questo cantava come Fabiano e abbaiava come Baleia. Povero. Donna Vittoria non voleva ricordare nemmeno quello. Si era dimenticata della vita che faceva prima, era come se fosse nata dopo esser arrivata alla fazenda.

A referência aos sapatos abriu-lhe uma ferida - e a viagem reaparecera. As alpercatas dela tinham sido gastas nas pedras. Cansada, meio morta de fome, carregava o filho mais novo, o baú e a gaiola do papagaio. Fabiano era ruim.

- Mal-agradecido.

Olhou os pés novamente. Pobre do louro. Na beira do rio matara-o por necessidade, para sustento da família. Naquele momento ele estava zangado, fitava na cachorrinha as pupilas sérias e caminhava aos tombos, como os matutos em dias de festa. Para que Fabiano fora despertar-lhe aquela recordação?

Chegou à porta, olhou as folhas amarelas das catingueiras. Suspirou. Deus não havia de permitir outra desgraça. Agitou a cabeça e procurou ocupações para entreter-se. Tomou a cuia grande, encaminhou-se ao barreiro, encheu de água o caco das galinhas, endireitou o poleiro. Em seguida foi ao quintalzinho regar os craveiros e as panelas de losna. E botou os filhos para dentro de casa, que tinham barro até nas meninas dos olhos. Repreendeu-os:

- Safadinhos! porcos! sujos como...

Deteve-se. Ia dizer que eles estavam sujos como papagaios.

Os pequenos fugiram, foram enrolar-se na esteira da sala, por baixo do caritó, e Sinha Vitória voltou para junto da trempe, reacendeu o cachimbo. A panela chiava; um vento morno e empoeirado sacudia as teias de aranha e as cortinas de pucumã do teto; Baleia, sob o jirau, coçava-se com os dentes e pegava moscas. Ouviam-se distintamente os roncoss de Fabiano, compassados, e o ritmo deles influiu nas idéias de Sinha Vitória. Fabiano roncava com segurança. Provavelmente não havia perigo, a seca devia estar longe.

Outra vez Sinha Vitória pôs-se a sonhar com a cama de lastro de couro. Mas o sonho se ligava à recordação do papagaio, e foi-lhe preciso um grande esforço para isolar o objeto de seu desejo.

Tudo ali era estável, seguro. O sono de Fabiano, o fogo que estalava, o toque dos chocalhos, até o zumbido das moscas davam-lhe sensação de firmeza e repouso. Tinha de passar a vida inteira dormindo em varas? Bem no meio do catre havia um nó, um calombo grosso na madeira. E ela se encolhia num canto, o marido no outro, não podiam estirar-se no centro. A princípio não se incomodara. Bamba, moída de trabalhos, deitar-se-ia em pregos.

Il ricordo delle scarpe le apriva una ferita – e il viaggio riapparve. Stanca, mezza morta di stenti, portava il figlio piccolo, il baule e la gabbia del pappagallo. Fabiano era cattivo.

- Irriconoscente

Si guardò di nuovo i piedi. Povero pappagallo. Lo avevano ucciso per necessità sulle rive del fiume, per sostenere la famiglia. In quel momento era scoccante, si burlava della cagnolina, le pupille serie e non si reggeva in piedi, come i *matutos* nei giorni di festa. Perché Fabiano gli aveva riportato alla mente quei ricordi?

Arrivò alla porta, guardò le foglie rosse della *catigueiras*. Sospirò. Dio non poteva permettere un'altra disgrazia. Scosse la testa e cercò di impegnarsi a fare qualcosa per svagarsi. Prese una sacca grande, si diresse al porcile, riempì d'acqua l'abbeveratoio delle galline, raddrizzò la struttura del pollaio. Poi andò nel patio ad annaffiare i garofani e i vasi di spezie. Mandò i figli in casa, avevano fango anche sugli occhi. Li riprese:

- Disgraziati! Porci! Sporchi come...

Si trattenne. Stava per dire che erano sporchi come pappagalli. I bambini scapparono, andarono a rotolarsi nella stuoia della sala, sotto il *carito*, e Donna Vittoria si avvicinò al falò. Riaccese il camino. La pentola bolliva, un vento terribile e polveroso scuoteva le ragnatele e le tende polverose del tetto; Baleia sotto il porta utensili, si grattava con i denti e prendeva le mosche.

Si sentiva distintamente il russare di Fabiano, compassato, il suo ritmo influenzò le idee di Donna Vittoria. Fabiano russava con sicurezza. Probabilmente non c'era pericolo, la siccità doveva essere lontana.

Ancora una volta Donna Vittoria si mise a sognare il letto con il materasso di pelle. Ma il sogno si legava al ricordo del pappagallo e le fu necessario un grande sforzo per pensare solo all'oggetto del desiderio.

Tutto lì era stabile, sicuro. Il sonno di Fabiano, il fuoco che ardeva, il suono dei campanacci, anche il ronzare delle mosche le davano la sensazione di sicurezza e riposo. Avrebbe dovuto passare il resto della sua vita dormendo in assi di legno? Nel bel mezzo dell'asse c'era un nodo, un grande nodo sul legno. E lei si raccoglieva in un angolo, il marito nell'altro, non potevano stare in mezzo. All'inizio non la disturbava. Stanca, affaticata dal lavoro, andava a coricarsi e dormiva come un sasso.

Viera, porém, um começo de prosperidade. Corriam, engordavam. Não possuíam nada: se retirassem, levariam a roupa, a espingarda, o baú de folha e troças miúdos. Mas iam vivendo, na graça de Deus, o patrão confiava neles - e eram quase felizes. Só faltava uma cama. Era o que aperreava Sinha Vitória. Como já não se estazava em serviços pesados, gastava um pedaço da noite parafusando. E o costume de encafuar-se ao escurecer não estava certo, que ninguém é galinha.

Nesse ponto as idéias de Sinha Vitória seguiram outro caminho, que pouco depois foi desembocar no primeiro. Não era que a raposa tinha passado no rabo a galinha pedrês? Logo a pedrês, a mais gorda. Decidiu armar um mundéu perto do poleiro. Encolerizou-se. A raposa pagaria a galinha pedrês.

- Ladrona.

Pouco a pouco a zanga se transferiu. Os roncões de Fabiano eram insuportáveis. Não havia homem que roncasse tanto. Era bom levantar-se e procurar uma vara para substituir aquele pau amaldiçoado que não deixava uma pessoa virar-se. Porque não tinham removido aquela vara incômoda? Suspirou. Não conseguiam tomar resolução. Paciência. Era melhor esquecer o nó e pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Seu Tomás tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alisado a enxó, com as juntas abertas a formão, tudo embutido direito, e um couro cru em cima, bem esticado e bem pregado. Ali podia um cristão estirar os ossos.

Se vendesse as galinhas e a marrã? Infelizmente a excomungada raposa tinha comido a pedrês, a mais gorda. Precisava dar uma lição à raposa. Ia armar o mundéu junto do poleiro e quebrar o espinhaço daquela sem-vergonha.

Ergueu-se, foi a camarinha procurar qualquer coisa, voltou desanimada e esquecida. Onde tinha a cabeça?

Sentou-se na janela baixa da cozinha, desgostosa. Venderia as galinhas e a marrã, deixaria de comprar querosene. Inútil consultar Fabiano, que sempre se entusiasmava, arrumava projetos. Esfriava logo - e ela franzia a testa, espantada; certa de que o marido se satisfazia com a idéia de possuir uma cama. Sinha Vitória desejava uma cama real, de couro e sucupira, igual à de seu Tomás da bolandeira.

Aveva visto la possibilità di una certa prosperità. Correivano, si ingrassavano. Non avevano nulla: se fossero andati via, avrebbero portato con loro i vestiti, il fucile, il baule di lamiera e piccoli rametti. Ma continuavano a vivere per Grazia di Dio, il padrone aveva fiducia in loro – erano quasi felici. Mancava solo il letto. Era quello che infastidiva Donna Vittoria. E siccome durante il giorno non si stancava svolgendo lavori pesanti, passava una parte della notte a pensare. E l'abitudine di rincasare all'imbrunire non andava bene, dato che non erano galline.

A questo punto le idee di Donna Vittoria presero una strada differente, che poco dopo portò ancora una volta all'oggetto del desiderio. La volpe si era presa la gallina *pedres*? Proprio quella, la più grassa. Decise di mettere una trappola vicino al pollaio. Si arrabbiò. La volpe avrebbe pagato per la gallina *pedres*

- Ladra

Poco a poco la rabbia si trasferì altrove. Il russare di Fabiano era insopportabile. Non c'era un uomo sulla faccia della terra che russasse così. Era meglio alzarsi e cercare un asse di legno per sostituire quel maledetto che non lasciava girare le persone. Perché non avevano rimosso quel legno scomodo? Sospirò. Non erano riusciti a trovare una soluzione. Pazienza. Era meglio dimenticare il nodo e pensare ad un letto uguale a quello del Signor Tommaso della macina. Il signor Tommaso aveva un vero letto, fatto dal carpentiere, legno di *sucupira* levigato a mano, con le giunture fatte con lo scalpello, tutto ben imbottito, con pelle grezza sopra, ben steso e ben saldato. Lì un povero cristo poteva sgranchirsi le ossa.

E se avesse venduto le galline e la porchetta? Sfortunatamente quella maledetta volpe aveva mangiato la *pedres*, quella grassa. Doveva dare una lezione alla volpe. Avrebbe posizionato una trappola vicino al pollaio e le avrebbe rotto la schiena senza vergogna.

Si alzò, andò nella cameretta a cercare qualsiasi cosa, tornò scoraggiata, aveva dimenticato cosa cercare. Dove aveva la testa?

Si sedette alla finestra in basso della cucina, disgustata. Avrebbe venduto le galline e la porchetta, avrebbe smesso di comprare cherosene. Inutile consultare Fabiano, che sempre subito si animava, faceva progetti. Subito dopo perdeva speranza – e lei scuoteva la testa, stupita; sicura che all'uomo bastasse solo l'idea di avere un letto. Donna Vittoria voleva un letto vero, di pelle e *sucupira*, uguale a quello del Signor Tommaso.

Capítulo V - O Menino Mais Novo

A ideia surgiu-lhe na tarde em que Fabiano botou os arreios na égua alazã e entrou a amansá-la. Não era propriamente idéia: era o desejo vago de realizar qualquer ação notável que espantasse o irmão e a cachorra Baleia.

Naquele momento Fabiano lhe causava grande admiração. Metido nos couros, de perneiras, gibão e guarda-peito, era a criatura mais importante do mundo. As rosetas das esporas dele tilintavam no pátio; as abas do chapéu, jogado para trás, preso debaixo do queixo pela correia, aumentavam-lhe o rosto queimado, faziam-lhe um círculo enorme em torno da cabeça.

O animal estava selado, os estribos amarrados na garupa, e Sinha Vitória subjugava-o agarrando-lhe os beiços. O vaqueiro apertou a cilha e posse a andar em redor, fiscalizando os arranjos, lento. Sem se apressar, livrou-se de um coice : virou o corpo, os cascos da égua passaram-lhe rente ao peito, raspando o gibão. Em seguida

Fabiano subiu ao copiar, saltou na sela, a mulher recuou - e foi um redemoinho na catinga.

Trepado na porteira do curral, o menino mais novo torcia as mãos suadas, estirava-se para ver a nuvem de poeira que toldava as imburanas. Ficou assim uma eternidade, cheio de alegria e medo, até que a égua voltou e começou a pular furiosamente no pátio, como se tivesse o diabo no corpo. De repente a cilha reventou e houve um desmoronamento. O pequeno deu um grito, ia tombar da porteira. Mas sossegou logo. Fabiano tinha caído em pé e recolhia-se banzeiro e cambaio, os arreios no braço. Os estribos, soltos na carreira desesperada, batiam um no outro, as rosetas das esporas tiniam.

Sinha Vitória cachimbava tranqüila no banco do copiar, catando lêndeas no filho mais velho. Não se conformando com semelhante indiferença depois da façanha do pai, o menino foi acordar Baleia, que preguiçava, a barriguinha vermelha descoberta, sem-vergonha. A cachorra abriu um olho, encostou a cabeça à pedra de amolar, bocejou e pegou no sono de novo.

Julgou-a estúpida e egoísta, deixou-a, indignado, foi puxar a manga do vestido da mãe, desejando comunicar-se com ela. Sinha Vitória soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o pirralho insistisse, deu-lhe um cascudo.

Capitolo V – Il figlio minore

Un pomeriggio gli venne un'idea quando Fabiano mise la bardatura alla cavalla saura e entrò per domarla. Non era esattamente un'idea: era un vago desiderio di riuscire a fare una qualsiasi cosa degna di nota che potesse stupire suo fratello e Baleia.

In quel preciso momento Fabiano suscitava in lui una grande ammirazione. Bardato con gambali, farsetto e proteggi busto di pelle, era la creatura più importante del mondo. Le rosette degli speroni tintinnavano nel cortile; la tesa del cappello, gettato all'indietro, tenuto fermo con una cinghia sotto il mento, lasciava che i raggi bruciassero ancor di più il suo viso, e gli formava un enorme cerchio intorno alla testa.

L'animale era sellato, le staffe legate alla schiena, e Donna Vittoria lo domava afferrando le redini. Il vaccaro strinse la cinghia e lo incitò a camminare in tondo, controllando l'andatura, lento. Senza alcuna fretta, evitò una scalciata: girò il corpo, gli zoccoli della giumenta gli sfiorarono il petto, strisciandogli il farsetto. Subito dopo Fabiano salì sulla veranda, saltò in sella, e la moglie indietreggiò – e fu un fulmine nella catinga.

Arroccato sulla porta della stalla, il ragazzo più giovane si strofinava le mani sudate, si sporgeva per vedere la nuvola di polvere che offuscava le *Imburanas*. Restò così per quella che sembrò un'eternità, pieno di gioia e paura, fino a quando la giumenta tornò ad imbizzarrirsi nel cortile, come se avesse il diavolo in corpo. All'improvviso il sottopancia si sganciò e ci fu uno scossone. Il piccolo urlò perché stava cadendo dal cancello. Ma presto si calmò. Fabiano era caduto in piedi e se ne stava lì sconcolato e con le gambe storte, con la bardatura in mano. Le staffe, a terra all'interno del recinto, battevano una sull'altra, le rosette degli speroni tintinnavano.

Donna Vittoria fumava la pipa tranquilla sul banco della veranda, togliendo delle uova di pidocchio dal bambino più grande. Non riuscendo a capacitarsi di una simile indifferenza dopo l'impresa di suo padre, il ragazzo andò a svegliare Baleia, che stava poltendo, la pancia rosa scoperta, senza vergogna. La cagnolina aprì un occhio, volse la testa a causa del disturbo, sbadigliò e ricominciò a dormire.

La giudicò stupida ed egoista, la lasciò, indignato, andò a tirare la manica del vestito della madre, volendo chiedere a lei. Donna Vittoria si lasciò scappare un verso di fastidio, e dato che il marmocchio insisteva, gli diede un colpo.

Retirou-se zangado, encostou-se num esteio do alpendre, achando o mundo todo ruim e insensato. Dirigiu-se ao chiqueiro, onde os bichos bodejavam, fungando, erguendo os focinhos franzidos. Aquilo era tão engraçado que o egoísmo de Baleia e o mau humor de Sinha Vitória desapareceram. A admiração a Fabiano é que ia ficando maior.

Esqueceu desentendimentos e grosserias, um entusiasmo verdadeiro encheu-lhe a alma pequenina. Apesar de ter medo do pai, chegou-se a ele devagar, esfregou-se nas perneiras, tocou as abas do gibão. As perneiras, o gibão, o guarda-peito, as esporas e o barbicacho do chapéu maravilhavam-no.

Fabiano desviou-o desatento, entrou na sala e foi despojar-se daquela grandeza. O menino deitou-se na esteira, enrolou-se e fechou os olhos. Fabiano era terrível. No chão, despidos os couros, reduzia-se bastante, mas no lombo da égua alazã era terrível.

Dormiu e sonhou. Um pé-de-vento cobria de poeira a folhagem das imburanas, Sinha Vitória catava piolhos no filho mais velho. Baleia descansava a cabeça na pedra de amolar.

No dia seguinte essas imagens se varreram completamente. Os juazeiros do fim do pátio estavam escuros, destoavam das outras árvores. Por que seria? Aproximou-se do chiqueiro das cabras, viu o bode velho fazendo um barulho feio com as ventas arregaçadas, lembrou-se do acontecimento da véspera.

Encaminhou-se aos juazeiros, curvado, espiando os rastos da égua alazã.

A hora do almoço Sinha Vitória repreendeu-o:

- Este capeta anda leso.

Ergueu-se, deixou a cozinha, foi contemplar as perneiras, o guarda-peito e o gibão pendurados num torno da sala. Daí marchou para o chiqueiro - e o projeto nasceu.

Arredou-se, fez tenção de entender-se com alguém, mas ignorava o que pretendia dizer. A égua alazã e o bode misturavam-se, ele e o pai misturavam-se também.

Rodeou o chiqueiro, mexendo-se como um urubu, arremedando Fabiano.

A necessidade de consultar o irmão apareceu e desapareceu.

Indietreggiò arrabbiato, si appoggiò a un pilastro del portico, pensando che tutto il mondo fosse cattivo e sciocco. Si diresse al porcile, dove gli animali belavano, grugnavano, alzando i musetti corrugati. Era una scena così buffa che l'egoismo di Baleia e il malumore di Donna Vittoria erano scomparsi. L'ammirazione per Fabiano era il sentimento più forte che provava.

Dimenticò incomprensioni e parolacce, un vero entusiasmo riempì la sua piccola anima. Nonostante avesse paura del padre, si avvicinò a lui lentamente, toccò le falde del farsetto. Gambali, farsetto, proteggi petto, gli speroni e la cavezza del cappello lo stupivano.

Fabiano lo evitò disattento, entrò nella stanza e andò a spogliarsi di quella grandezza.

Il ragazzo si stese sul tappeto, si rannicchiò e chiuse gli occhi. Fabiano era terribile. Sul pavimento, toltosi i bardamenti, diventava più piccolo, ma sul dorso della giumenta saura era terribile.

Dormì e sognò. Una raffica di vento copriva di polvere il fogliame di *imburanas*, Donna Vittoria stava togliendo le uova di pidocchio dai capelli del figlio maggiore. Baleia si riposava con la testa appoggiata sopra la pietra che serviva ad affilare i coltelli.

Il giorno dopo queste immagini furono completamente spazzate via. I *juazeiros* posti alla fine del cortile erano bui, stonavano rispetto gli altri alberi. Per quale motivo?

Si avvicinò al recinto delle capre, vide il vecchio caprone che faceva un rumore strano con le narici allargate, si ricordò dell'episodio della sera prima. Si diresse verso i *juazeiros*, ricurvo, seguendo le tracce della giumenta saura.

All'ora di pranzo Donna Vittoria lo rimproverò:

- Questo diavolo, cammina ferito.

Si alzò, lasciò la cucina, stava contemplando i gambali, il proteggi petto e il farsetto appesi ad un tornio della stanza. Da lì marciò verso il porcile - e così gli venne un'idea.

Si allontanò, voleva parlare con qualcuno, ma non sapeva quello che voleva dire. La giumenta saura e il caprone si sovrapponevano, come anche lui e suo padre si confondevano.

Girò intorno al porcile, muovendosi come un avvoltoio, imitando Fabiano.

La voglia di parlare con il fratello andava e veniva.

O outro iria rir-se, mamar dele, avisar Sinhá Vitória. Teve medo do riso e da manguação. Se falasse naquilo, Sinhá Vitória lhe puxaria as orelhas.

Evidentemente ele não era Fabiano. Mas se fosse? Precisava mostrar que podia ser Fabiano. Conversando, talvez conseguisse explicar-se.

Pôs-se a caminhar, banzeiro, até que o irmão e Baleia levaram as cabras ao bebedouro. A porteira abriu-se, um fartum espalhou-se pelos arredores, os chocalhos soaram, a camiSinha de algodão atravessou o pátio, contornou as pedras onde se atiravam cobras mortas, passou os juazeiros, desceu a ladeira, alcançou a margem do rio.

Agora as cabras se empurravam metendo os focinhos na água, os cornos entrechocavam-se. Baleia, atarefada, latia correndo.

Trepado na ribanceira, o coração aos baques, o menino mais novo esperava que o bode chegasse ao bebedouro. Certamente aquilo era arriscado, mas parecia-lhe que ali em cima tinha crescido e podia virar Fabiano.

Sentou-se indeciso. O bode ia saltar e derrubá-lo.

Ergueu-se, afastou-se, quase livre da tentação, viu um bando de periquitos que voava sobre as catingueiras. Desejou possuir um deles, amarrá-lo com uma embira, dar-lhe comida. Sumiram-se todos chiando, e o pequeno ficou triste, espiando o céu cheio de nuvens brancas. Algumas eram carneirinhos, mas desmanchavam-se e tornavam-se bichos diferentes. Duas grandes se juntaram - e uma tinha a figura da égua alazã, a outra representava Fabiano.

Baixou os olhos encandeados, esfregou-os, aproximou-se novamente da ribanceira, distinguiu a massa confusa do rebanho, ouviu as pancadas dos chifres. Se o bode já tivesse bebido, ele experimentaria decepção. Examinou as pernas finas, a camiSinha encardida e rasgada. Enxergara viventes no céu, considerava-se protegido, convencencia-se de que forças misteriosas iam ampará-lo. Boiaria no ar, como um periquito.

L'altro avrebbe riso, si sarebbe preso gioco di lui, avrebbe avvertito Donna Vittoria. Aveva paura delle risate e delle prese in giro. Se avesse spifferato tutto, Donna Vittoria gli avrebbe tirato le orecchie.

Certo non era Fabiano. Ma se lo fosse stato? Aveva bisogno di dimostrare che poteva essere Fabiano. Forse parlando, sarebbe riuscito a spiegarsi.

Cominciò a camminare, triste, fino a quando il fratello e Baleia portarono le capre all'abbeveratoio. Il cancello si aprì, una puzza si diffuse nell'aria circostante, i campanacci suonavano, una camicetta di cotone attraversò tutto il cortile, girò intorno alla pietre dove gettavano serpenti morti, passò i *juazeiros*, scese lungo il pendio e raggiunse la riva del fiume.

Ora le capre si spingevano per mettere i loro musì in acqua, le corna si scontravano. Baleia, indaffarata, abbaiava correndo.

Arroccato sull'argine, il cuore che batteva a mille, il figlio minore aspettava che il caprone giungesse all'abbeveratoio. Sicuramente quell'impresa era pericolosa, ma gli sembrava che lassù in quel posto fosse cresciuto e quindi sarebbe potuto diventare Fabiano.

Si sedette indeciso. La capra avrebbe saltato e di conseguenza lo avrebbe disarcionato.

Si alzò, si allontanò, gli era quasi passata la tentazione di provare, vide uno stormo di parrocchetti che sorvolava le *catingueiras*. Avrebbe voluto averne uno, legarlo con un laccetto, dargli da mangiare. Sparirono stridendo, e il piccolo ne rimase deluso, spiando il cielo pieno di nuvole bianche. Alcune erano pecore, ma poi si disfacevano e diventavano animali diversi. Due di quelle grandi si unirono - e venne fuori la sagoma della giumenta saura, mentre l'altra rappresentava Fabiano.

Abbassò gli occhi abbagliati, li strofinò, si avvicinò ancora una volta al pendio, distinse la massa confusa del gregge, sentì i colpi secchi delle corna. Se il caprone si fosse già dissetato, ne sarebbe rimasto veramente deluso. Esaminò le sue gambette magre e la camicetta grigia e strappata. Vedeva esseri viventi lassù nel cielo, si sentiva protetto e si convinse che alcune forze misteriose lo avrebbero sostenuto. Avrebbe gracchiato nell'aria come un parrocchetto.

Pôs-se a berrar, imitando as cabras, chamando o irmão e a cachorra. Não obtendo resultado, indignou-se. Ia mostrar aos dois uma proeza, voltariam para casa espantados.

Aí o bode se avizinhou e meteu o focinho na água. O menino despenhou-se da ribanceira, escanchou-se no espinhaço dele.

Mergulhou no pelame fofo, escorregou, tentou em vão segurar-se com os calcanhares, foi atirado para a frente, voltou, achou-se montado na garupa do animal, que saltava demais e provavelmente se distanciava do bebedouro. Inclinou-se para um lado, mas fortemente sacudido, retomou a posição vertical, entrou a dançar desengonçado, as pernas abertas, os braços inúteis. Outra vez impelido para a frente, deu um salto mortal, passou por cima da cabeça do bode, aumentou o rasgão da camisa numa das pontas e estirou-se na areia. Ficou ali estatelado, quietinho, um zunzum nos ouvidos, percebendo vagamente que escapara sem honra da aventura.

Viu as nuvens que se desmanchavam no céu azul, embirrou com elas.

Interessou-se pelo vôo dos urubus. Debaxo dos couros, Fabiano andava banzeiro, pesado, direitinho um urubu.

Sentou-se, apalpou as juntas doídas. Fora sacolejado violentamente, parecia-lhe que os ossos estavam deslocados.

Olhou com raiva o irmão e a cachorra. Deviam tê-lo prevenido. Não descobriu neles nenhum sinal de solidariedade : o irmão ria como um doido, Baleia, séria, desaprovava tudo aquilo. Achou-se abandonado e mesquinho, exposto a quedas, coices e marradas.

Ergueu-se, arrastou-se com desânimo até a cerca do bebedouro, encostou-se a ela, o rosto virado para a água barrenta, o coração esmorecido. Meteu os dedos finos pelo rasgão, coçou o peito magro. O tropel das cabras perdeu-se na ladeira, a cachorrinha ladrou longe. Como estariam as nuvens? Provavelmente algumas se transformavam em carneirinhos, outras eram como bichos desconhecidos.

Lembrou-se de Fabiano e procurou esquecê-lo. Com certeza Fabiano e Sinha Vitória iam castigá-lo por causa do acidente. Levantou os olhos tímidos. A lua tinha aparecido, engrossava, acompanhada por uma estrelinha quase invisível. Aquela hora os Periquitos descansavam na vazante, nas touceiras secas de milho. Se possuísse um daqueles periquitos, seria feliz.

Iniziò a belare, imitando le capre, chiamando suo fratello e la cagnetta. Non ottenne alcun risultato, si arrabbiò. Avrebbe mostrato a quei due una vera prodezza, sarebbero tornati a casa stupiti.

Si immerse nella morbida pelliccia, scivolò, cercò invano di sostenersi con i talloni, fu sbalzato via in avanti, tornò, credeva di essere montato in groppa dell'animale, che saltava troppo e probabilmente si stava allontanando dall'abbeveratoio. Si inclinò lateralmente, ma dopo un forte scossone, riprese la posizione verticale, cominciò a traballare, le gambe aperte, le braccia inutili. Ancora una volta sbalzato in avanti, fece una capriola, passò sopra la testa del caprone, allargò lo strappo che aveva sulla maglia, e finì steso sulla sabbia. Rimase lì sdraiato, in silenzio, un ronzio nelle orecchie, realizzando solo vagamente che era uscito da quella situazione senza onore.

Vide le nuvole che si dipanavano nel cielo blu, si focalizzò su di loro. Si interessò al volo degli avvoltoi. Sotto i bardamenti di pelle, Fabiano camminava triste, pesante, dritto come un avvoltoio.

Guardò in cagnesco il fratello e la cagnolina. Dovevano impedirglielo. Non trovò in loro alcun segno di solidarietà: il fratello rideva come un matto, Baleia, seria, disapprovava l'impresa. Si ritrovò solo e abbandonato, esposto a cadute, calci e pugni.

Si alzò, si trascinò senza voglia vicino all'abbeveratoio, si appoggiò lì, il viso rivolto all'acqua fangosa, con il cuore vacillante. Infilò le dita sottili sullo strappo, si graffiò il petto magrolino. Il rumore delle capre si perse nella collina, la cagnolina fece un lungo latrato. Come sarebbero state le nuvole? Probabilmente alcune sarebbero diventate agnelli mentre altre degli animali sconosciuti.

Si ricordò di Fabiano e cercò di cancellare il ricordo. Di sicuro Fabiano e Donna Vittoria lo avrebbero punito a causa dell'incidente. Alzò gli occhi timidi. La luna era apparsa, si ingrandiva, accompagnata da una stellina quasi invisibile. A quell'ora i pappagallini si riposavano nella bassa marea, sulle piante secche di grano. Se fosse stato il proprietario di uno di quei pappagalli sarebbe stato felice.

Baixou a cabeça, tornou a olhar a poça escura que o gado esvaziara. Uns riachos miúdos marejavam na areia como artérias abertas de animais. Recordou-se das cabras abatidas a mão de pilão, penduradas de cabeça para baixo num caibro do copiar, sangrando.

Retirou-se. A humilhação atenuou-se pouco a pouco e morreu. Precisava entrar em casa, jantar, dormir. E precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano, matar cabras a mão de pilão, trazer uma faca de ponta à cintura. Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru.

Subiu a ladeira, chegou-se a casa devagar, entortando as pernas, banzeiro.

Quando fosse homem, caminharia assim, pesado, cambaio, importante, as rosetas das esporas tilintando. Saltaria no lombo de um cavalo brabo e voaria na catanga como pé-de-vento, levantando poeira. Ao regressar, apear-se-ia num pulo e andaria no pátio assim torto, de perneiras, gibão, guarda-peito e chapéu de couro com barbicacho. O menino mais velho e Baleia ficariam admirados.

Abbassò la testa, tornò a guardare la pozza scura che il bestiame aveva svuotato. Alcuni rigagnoli mareggiavano sulla sabbia come arterie aperte di animali morti. Si ricordò delle capre macellate a suon di machete, appese a testa in giù in una trave della veranda, sanguinanti.

Si ritirò. L'umiliazione andò via via attenuandosi e si dileguò. Doveva tornare a casa, cenare, dormire. E doveva crescere, diventare grande come Fabiano, uccidere capre a mano con il pestello, portare un coltello in vita. Sarebbe cresciuto, avrebbe riposato in un letto di bastoni, avrebbe fumato sigarette di paglia, avrebbe indossato scarpe di cuoio grezzo.

Salì il pendio, e si avviò verso casa lentamente, piegando le gambe, triste.

Quando sarebbe diventato un uomo, avrebbe camminato così, pesante, con le gambe storte, e soprattutto, con le rosette degli speroni che tintinnavano. Sarebbe montato al volo sul dorso di un cavallo imbizzarrito e sarebbe volato via nella catinga come un fulmine, sollevando la polvere. Al suo rientro, avrebbe fatto un salto di qualità e sarebbe andato avanti nel cortile così storto, gambali, farsetto, proteggi busto, e cappello di cuoio con le falde. Il fratello maggiore e Baleia lo avrebbero ammirato.

Capítulo VI - O Menino Mais Velho

Deu-se aquilo porque Sinha Vitória não conversou um instante com o menino mais velho. Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. Estranhando "a linguagem de Sinha Terta, pediu informações. Sinha Vitória, distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigisse uma descrição, encolheu os ombros.

O menino foi à sala interrogar o pai, encontrou-o sentado no chão, com as pernas abertas, desenrolando um meio de sola.

- Bota o pé aqui.

A ordem se cumpriu e Fabiano tomou medida da alpercata : deu um traço com a ponta da faca atrás do calcanhar, outro adiante do dedo grande. Riscou em seguida a forma do calçado e bateu palmas

- Arreda.

O pequeno afastou-se um pouco, mas ficou por ali rondando e timidamente arriscou a pergunta. Não obteve resposta, voltou à cozinha, foi pendurar-se à saia da mãe:

- Como é?

Sinha Vitória falou em espetos quentes e fogueiras.

- A senhora viu?

Aí Sinha Vitória se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote.

O menino saiu indignado com a injustiça, atravessou o terreiro, escondeu-se debaixo das catingueiras murchas, à beira da lagoa vazia.

A cachorra Baleia acompanhou-o naquela hora difícil. Repousava junto à trempe, cochilando no calor, à espera de um osso. Provavelmente não o receberia, mas acreditava nos ossos, e o torpor que a embalava era doce. Mexia-se de longe em longe, punha na dona as pupilas negras onde a confiança brilhava. Admitia a existência de um osso graúdo na panela, e ninguém lhe tirava esta certeza, nenhuma inquietação lhe perturbava os desejos moderados. As vezes recebia pontapés sem motivo. Os pontapés estavam previstos e não dissipavam a imagem do osso.

Capitolo VI – Il figlio maggiore

Tutto era successo perché Donna Vittoria non aveva mai parlato un momento con il figlio maggiore. Non aveva mai sentito parlare di inferno. Trovando strano il linguaggio di Donna Terta, aveva chiesto informazioni. Donna Vittoria, distratta, accennò vagamente ad un luogo molto cattivo, e quando il figlio chiese una descrizione, si strinse nelle spalle.

Il ragazzo andò in camera per interrogare il padre, lo trovò seduto sul pavimento, con le gambe divaricate, che srotolava una mezza suola.

- Appoggia qui il piede...

Il ragazzo fece quello che gli era stato chiesto e Fabiano prese la misura del sandalo: fece un segno con la punta del coltello dietro il tallone, un altro in vista dell'alluce. Poi tracciò la forma della calzatura e batté le mani.

- Allontanati.

Il piccolo si allontanò un pochino, ma si aggirò lì intorno e timidamente azzardò una domanda. Non ci fu risposta, tornò di nuovo in cucina, tirò la gonna di sua madre:

- Com'è?

Donna Vittoria parlò di forconi infuocati e fiamme calde.

- Tu l'hai visto?

A questa affermazione la madre si scoccò, lo trovò insolente e gli diede uno schiaffo.

Il ragazzo lasciò la cucina indignato per l'ingiustizia subita, attraversò il cortile, si nascose sotto le *catigueiras* secche, in riva allo stagno vuoto.

La cagnolina Baleia lo accompagnò in quel momento difficile. Riposava vicino al treppiedi, sonnecchiando al caldo, in attesa di un osso. Probabilmente non lo avrebbe ricevuto, ma ci credeva e il torpore che la scuoteva era dolce. Si spostò via via più lontano, fissò la padrona con gli occhi neri che brillavano di speranza. Sapeva che c'era un osso dentro la pentola, e nessuno le avrebbe tolto questa certezza, nessuna inquietudine disturbava i suoi desideri. A volte le davano calci senza alcun motivo. Aveva già tenuto conto della possibilità di essere cacciata via a calci ma ciò non le faceva perdere la speranza di ricevere un osso.

Naquele dia a voz estridente de Sinha Vitória e o cascudo no menino mais velho arrancaram Baleia da modorra e deram-lhe a suspeita de que as coisas não iam bem. Foi esconder-se num canto, por detrás do pilão, fazendo-se miúda entre cumbugos e cestos. Um minuto depois levantou o focinho e procurou orientar-se. O vento morno que soprava da lagoa fixou-lhe a resolução: esgueirou-se ao longo da parede, transpôs a janela baixa da cozinha, atravessou o terreiro, passou pelo pé de turco, topou a camarada, chorando, muito infeliz, à sombra das catingueiras. Tentou minorar-lhe o padecimento saltando em roda e balançando a cauda. Não podia sentir dor excessiva. E como nunca se impacientava, continuou a pular, ofegante, chamando a atenção do amigo. Afinal convenceu-o de que o procedimento dele era inútil.

O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender.

Todos o abandonavam, a cadelinha era o único vivente que lhe mostrava simpatia. Afagou-a com os dedos magros e sujos, e o animal encolheu-se para sentir bem o contato agradável, experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do borralho.

Continuou a acariciá-la, aproximou do focinho dela a cara enlameada, olhou bem no fundo os olhos tranqüilos.

Estivera metido no barreiro com o irmão, fazendo bichos de barro, lambuzando-se. Deixara o brinquedo e fora interrogar Sinha Vitória. Um desastre. A culpada era Sinha Terta, que na véspera, depois de curar com reza a espinhela de Fabiano, soltara uma palavra esquisita, chiando, o canudo do cachimbo preso nas gengivas banguelas. Ele tinha querido que a palavra virasse coisa o ficara desapontado quando a mãe se referira a um lugar ruim, com espetos e fogueiras. Por isso rezingara, esperando que ela fizesse o inferno transformar-se.

Quel giorno la voce stridula di Donna Vittoria e lo schiaffo ricevuto dal ragazzo più grande avevano tolto Baleia da quel torpore e le avevano fatto sospettare che le cose non andassero per niente bene. Si nascose in un angolo, dietro il pilone, facendosi piccola piccola tra cestini e spezie. Un minuto dopo sollevò il musetto e cercò di orientarsi. Il vento caldo che soffiava dal laghetto le portò la soluzione: strisciò lungo la parete, attraversò la finestra della cucina che stava in basso, attraversò il cortile, passò per il *pé de turco*, si imbatté nel compagno, che piangeva, era molto infelice, all'ombra delle *catingueiras*. Non poteva avere troppo male. E dato che era molto paziente, continuava a saltare, ansimando, cercando di attirare l'attenzione del suo amico. Dopo tutto riuscì a convincerlo che era inutile comportarsi così.

Il piccolo si sedette, accomodò sulle sue gambe il musetto della cagnolina, cominciò a raccontargli una storia a bassa voce. Aveva un vocabolario talmente ridotto che era quasi come quello del pappagallo morto durante la siccità. Si avvaleva, di esclamazioni e gesti, e Baleia rispondeva scuotendo la coda, con la lingua, con movimenti facili da capire.

Tutti lo abbandonavano, la cagnolina era l'unico essere vivente che gli dimostrava affetto. La accarezzò con le dita magre e sporche, l'animale si raccolse per sentire meglio quel contatto piacevole, provò una sensazione simile a quella che le dava la polvere delle braci.

Continuò ad accarezzarla, si avvicinò al suo musetto infangato, guardò nel profondo quegli occhi tranquilli.

Era rimasto a giocare nel porcile con il fratello, costruendo animali di fango, sporcandosi tutto. Aveva smesso di giocare ed era andato ad interrogare Donna Vittoria. Un disastro. La colpevole era Donna Terta, che all'imbrunire, dopo aver curato con una preghiera la spinarella di Fabiano, aveva pronunciato una parola strana, stridendo, con la pipa in bocca, tenuta tra le gengive sdentate. Aveva voluto sapere cosa rappresentava quella parola ma era rimasto deluso quando la madre aveva fatto riferimento ad un brutto luogo, fatto di fiamme e fuochi. Così aveva brontolato, sperando che lei avrebbe fatto in modo che l'immagine dell'inferno cambiasse.

Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro - mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda. Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na catanga, moitas o capões de mato, impenetráveis bancos de macambira - e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente.

Esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados - figura. entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se. Existiam sem dúvida em toda a parte forças maléficas, mas essas forças eram sempre vencidas. E quando Fabiano amansava brabo, evidentemente uma entidade protetora segurava-o na sela, indicava-lhe os caminhos menos perigosos, livrava-o dos espinhos e dos galhos.

Nem sempre as relações entre as criaturas haviam sido amáveis. Antigamente os homens tinham fugido à toa, cansados e famintos. Sinha Vitória, com o filho mais novo escanchado no quarto, equilibrava o baú de folha na cabeça; Fabiano levava no ombro a espingarda de pederneira; Baleia mostrava as costelas através do pêlo escasso. Ele, o menino mais velho, caíra no chão que lhe torrava os pés. Escurecera de repente, os xiquexiques e os mandacarus haviam desaparecido. Mal sentia as pancadas que Fabiano lhe dava com a bainha da faca de ponta.

Naquele tempo o mundo era ruim. Mas depois se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido. No jirau da cozinha arrumavam-se mantas de carne seca e pedaços de toicinho. A sede não atormentava as pessoas, e à tarde; aberta a porteira, o gado miúdo corria para o bebedouro. Ossos e seixos transformavam-se às vezes nos entes que povoavam as moitas, o morro, a serra distante e os bancos de macambira.

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vente, o som dos galhos que rangiam na catanga, roçando-se. Agora tinha tido a idéia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de Sinha Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso.

- Inferno, inferno.

Tutti i luoghi che conosceva erano buoni: il recinto delle capre, la stalla, il porcile, il patio, l'abbeveratoio – un mondo dove c'erano esseri reali, la famiglia del vaccaro e gli animali della fazenda. Inoltre c'era una serra lontana e azzurra, una collina che la cagnolina visitava, cacciando prede, sentieri quasi indistinguibili nella *catinga*, cespugli e ciuffi d'erba della boscaglia, banche impenetrabili di *macambira* - e lì si trovava una popolazione di pietre vive e piante, che si comportavano come delle persone. Questi mondi vivevano in pace, a volte sparivano i confini, gli abitanti di entrambi i lati, si capivano perfettamente e si aiutavano. Senza dubbio da tutte e due le parti c'erano forze del male, ma queste forze erano sempre state sconfitte. E quando Fabiano domava un cavallo selvaggio, sicuramente c'era un'entità che lo proteggeva e lo teneva in sella, gli indicava i sentieri meno pericolosi e lo liberava da spine e rami.

Non sempre il rapporto tra le diverse creature era stato amichevole. In tempi passati gli uomini erano fuggiti senza meta stanchi e affamati. Donna Vittoria con il figlio minore coricato nella stanza, si posizionava il baule di lamiera sulla testa e lo teneva in equilibrio; Fabiano portava in spalla il fucile; Baleia mostrava le costole attraverso il pelo rado. Lui, il figlio maggiore, era caduto sulla terra che bruciava i piedi. Improvvisamente si era fatto buio, i *xiquexiques* e i *mandacarus* erano scomparsi. Sentiva appena i colpi che Fabiano gli dava con il fodero del coltello.

In quel momento il mondo era cattivo. Ma poi tutto tornava al suo posto, o per meglio dire le cose cattive non erano mai esistite. Nella dispensa della cucina c'erano pezzi di carne secca e pezzi di lardo. La sete non tormentava le persone, e nel pomeriggio aperto il cancello, il piccolo gregge correva all'abbeveratoio. Ossa e ciottoli a volte si trasformavano negli esseri che popolavano i cespugli, le colline, il bosco distante e le banche di *macambira*.

Dato che non sapeva parlare correttamente, il ragazzo balbettava espressioni complicate, ripeteva alcune sillabe, imitava i versi degli animali, il rumore del vento, il suono dei rami scricchiolanti nella *catinga*, che si spezzavano. Ora gli era venuta voglia di imparare una parola che sicuramente doveva essere importante perché faceva parte del vocabolario di Donna Terta. L'avrebbe ripetuta e insegnata al fratello e alla cagnolina. Baleia lo avrebbe guardato impassibile ma il fratello lo avrebbe ammirato invidioso.

- Inferno, inferno.

Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. E resolvera discutir com Sinha Vitória. Se ela houvesse dito que tinha ido ao inferno, bem. Sinha Vitória impunha-se, autoridade visível e poderosa. Se houvesse feito menção de qualquer autoridade invisível e mais poderosa, muito bem. Mas tentara convencê-la dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo. Achava as pancadas naturais quando as pessoas grandes se zangavam, pensava até que a zanga delas era a causa única dos cascudos e puxavantes de orelhas. Esta convicção tornava-o desconfiado, fazia-o observar os pais antes de se dirigir a eles. Animara-se a interrogar Sinha Vitória porque ela estava bem-disposta. Explicou isto à cachorrinha com abundância de gritos e gestos.

Baleia detestava expansões violentas: estirou as pernas, fechou os olhos e bocejou. Para ela os pontapés eram fatos desagradáveis e necessários. Só tinha um meio de evitá-los, a fuga. Mas às vezes apanhavam-na de surpresa, uma extremidade de alpercata batia-lhe no traseiro - saía latindo, ia esconder-se no mato, com desejo de morder canelas. Incapaz de realizar o desejo, aquietava-se. Efetivamente a exaltação do amigo era desarrazoada. Tornou a estirar as pernas e bocejou de novo. Seria bom dormir.

O menino beijou-lhe o focinho úmido, embalou-a. A alma dele pôs-se a fazer voltas em redor da serra azulada e dos bancos de macambira. Fabiano dizia que na serra havia tocas de suçaranas. E nos bancos de macambira, rendilhados de espinhos, surgiam cabeças chatas de jararacas.

Esfregou as mãos finas, esgaravatou as unhas sujas. Pensou nas figurinhas abandonadas junto ao barreiro, mas isto lhe trouxe a recordação da palavra infeliz. Diligenciou afastar do espírito aquela curiosidade funesta, imaginou que não fizera a pergunta, não recebera portanto o cascudo.

Levantou-se. Via a janela da cozinha, o cocó de Sinha Vitória, e isto lhe dava pensamentos maus. Foi sentar-se debaixo de outra árvore, avistou a serra coberta de nuvens. Ao escurecer a serra misturava-se com o céu e as estrelas andavam em cima dela. Como era possível haver estrelas na terra?

A cadelinha chegou-se aos pulos, cheirou-o, lambeu-lhe as mãos e acomodou-se. Como era possível haver estrelas na terra?

Non credeva che un così bel nome servisse ad indicare una cosa brutta. E decise di parlarne con Donna Vittoria. Se lei avesse detto che era andata all'inferno, bene. Donna Vittoria si imponeva, era un'autorità potente che lui conosceva. Se avesse menzionato una qualsiasi autorità invisibile e più potente, molto bene. Ma aveva cercato di convincerlo dandogli uno schiaffo e questo gli sembrava assurdo. Pensava che essere picchiati fosse normale quando gli adulti era scocciati, pensava che la rabbia fosse l'unica ragione per cui riceveva schiaffi e tirate d'orecchie. Questa convinzione lo insospettiva, faceva sì che osservasse bene i genitori prima di avvicinarsi a loro. Aveva preso coraggio di chiedere a Donna Vittoria solo perché l'aveva vista ben disposta. Spiegò il tutto alla cagnolina con molti gesti e grida.

Baleia detestava manifestazioni così violente: stirò le zampe, chiuse gli occhi e sbadigliò. Per lei i calci erano sgradevoli ma inevitabili. Aveva solo un metodo per evitarli, la fuga. Ma a volte riuscivano a prenderla di sorpresa, la picchiavano con un sandalo, allora usciva latrando, andava a nascondersi nella boscaglia, con la voglia di mordicchiare bastoncini. Non riuscendo a fare quello che voleva, si calmava. In effetti l'esaltazione del piccolo amico era irragionevole. Si stirò un'altra volta le zampette e sbadigliò un'altra volta. Era meglio mettersi a dormire.

Il ragazzo le baciò il musetto umido, la cullò. La sua mente cominciò a vagare sulle montagne blu e bianche di *macambira*. Fabiano diceva che nel bosco c'erano dei puma. E sulle rive dei *macambira*, reti di spine, dove dai fori spuntavano serpenti.

Si strofinò le piccole mani, si pulì le unghie sporche. Pensò alle costruzioni abbandonate nel porcile, ma questo pensiero riportò alla memoria la parola sventurata. Cercò di togliersi dalla testa quella funesta curiosità, immaginò di non aver fatto la domanda e di conseguenza non aver ricevuto lo schiaffo.

Si alzò in piedi. Vide la finestra della cucina, la crocchia di Donna Vittoria, e questo gli fece pensare delle brutte cose. Andò a sedersi sotto un altro albero, vide le montagne ricoprirsi di nuvole. Al tramonto le colline si mescolavano con il cielo e le stelle stavano in cima. Come era possibile avere stelle sulla Terra?

La piccola Baleia gli arrivò ai piedi, lo annusò, gli leccò le mani e si accomodò.

Come era possibile ci fossero le stelle sulla terra?

Entristeceu. Talvez Sinhá Vitória dissesse a verdade. O inferno devia estar cheio de jararacas e suçuaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões de orelhas e pancadas com bainha de faca.

Apesar de ter mudado de lugar, não podia livrar-se da presença de Sinhá Vitória. Repetiu que não havia acontecido nada e tentou pensar nas estrelas que se acendiam na serra. Inutilmente. Aquela hora as estrelas estavam apagadas.

Sentiu-se fraco e desamparado, olhou os braços magros, os dedos finos, pôs-se a fazer no chão desenhos misteriosos. Para que Sinhá Vitória tinha dito aquilo?

Abraçou a cachorrinha com uma violência que a descontentou. Não gostava de ser apertada, preferia saltar e espojar-se. Farejando a panela, franzia as ventas e reprovava os modos estranhos do amigo. Um osso grande subia e descia no caldo. Esta imagem consoladora não a deixava.

O menino continuava a abraçá-la. E Baleia encolhia-se para não magoá-lo, sofria a carícia excessiva. O cheiro dele era bom, mas estava misturado com emanções que vinham da cozinha. Havia ali um osso. Um osso graúdo, cheio de tutano e com alguma carne.

Si rattristò. Forse Donna Vittoria aveva detto la verità. L'inferno doveva essere pieno di vipere e puma, e le persone che vivevano là ricevevano schiaffi, tirate di orecchie e colpi con il fodero del coltello.

Pur essendosi spostato, non riusciva a liberarsi dalla presenza di Donna Vittoria. Si era ripetuto che non era successo niente e cercò di pensare alle stelle che illuminavano le colline. Inutilmente. A quell'ora le stelle erano spente.

Si sentiva debole e indifeso, si guardò le braccia magre, le dita sottili, si mise a disegnare figure misteriose sulla sabbia. Perché Donna Vittoria gli aveva risposto così?

Abbracciò la cagnolina con una violenza che non le fece piacere. Non le piaceva essere stretta, preferiva saltare e rotolarsi. Annusando la pentola, arricciò il naso, non approvava i modi strani dell'amico. Un grande osso galleggiava brodo. Questa immagine consolatoria non la abbandonava.

Il ragazzo continuava ad abbracciarla. E Baleia si raccoglieva e per non deluderlo subiva questa eccessiva dimostrazione d'affetto. Il suo profumo era buono, ma era mischiato agli odori che provenivano dalla cucina. Lì c'era un osso. Un grande osso, tutto midollo e con attaccata un po' di carne.

Capítulo VII - Inverno

A família estava reunida em torno do fogo, Fabiano sentado no pilão caído, Sinha Vitória de pernas cruzadas, as coxas servindo de travesseiros aos filhos. A cachorra Baleia, com o traseiro no chão e o resto do corpo levantado, olhava as brasas que se cobriam de cinza.

Estava um frio medonho, as goteiras pingavam lá fora, o vento sacudia os ramos das catingueiras, e o barulho do rio era como um trovão distante.

Fabiano esfregou as mãos satisfeito e empurrou os tições com a ponta da alpercata. As brasas estalaram, a cinza caiu, um círculo de luz espalhou-se em redor da trempe de pedras, clareando vagamente os pés do vaqueiro, os joelhos da mulher e os meninos deitados. - De quando em quando estes se mexiam, porque o lume era fraco e apenas aquecia pedaços deles. Outros pedaços esfriavam recebendo o ar que entrava pelas rachaduras das paredes e pelas gretas da janela. Por isso não podiam dormir. Quando iam pegando no sono, arrepiavam-se, tinham precisão de virar-se, chegavam-se à trempe e ouviam a conversa dos pais. Não era propriamente conversa, eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. As vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto.

Fabiano tornou a esfregar as mãos e iniciou uma história bastante confusa, mas como só estavam iluminadas as alpercatas dele, o gesto passou despercebido. O menino mais velho abriu os ouvidos, atento. Se pudesse ver o rosto do pai, compreenderia talvez uma parte da narração, mas assim no escuro a dificuldade era grande. Levantou-se, foi a um canto da cozinha, trouxe de lá uma braçada de lenha. Sinha Vitória aprovou este ato com um rugido, mas Fabiano condenou a interrupção, achou que o procedimento do filho revelava falta de respeito e estirou o braço para castigá-lo. O pequeno escapuliu-se, foi enrolar-se na saia da mãe, que se pôs francamente do lado dele.

- Hum! hum! Que brabeza!

Capitolo VII - Inverno

La famiglia si era riunita intorno al fuoco, Fabiano seduto sopra il pilone caduto, Donna Vittoria con le gambe incrociate, le cosce che fungevano da cuscino ai figli. La cagna Baleia, seduta a terra guardava le braci che si ricoprivano di cenere.

Faceva un freddo terribile, fuori le grondaie gocciolavano, il vento scuoteva i rami delle *catingueiras*, e il rumore del fiume somigliava a quello di un tuono in lontananza.

Fabiano si sfregò le mani soddisfatto e smosse le braci con la punta del sandalo. Le braci si assestarono, cadde della cenere a terra, un cerchio di luce si diffuse intorno al sottopentola di pietra, illuminando vagamente i piedi del vaccaro, le ginocchia della moglie e i bambini stesi a terra. Di tanto in tanto si muovevano, perché il fuoco era debole e riusciva a scaldarli solo in parte.

Altre braci si raffreddavano a causa dell'aria che entrava dalle crepe dei muri e dagli spifferi delle finestre. Ecco perché non riuscivano a dormire. Quando stavano per addormentarsi, rabbrivivano, si avvicinavano al sottopentola e ascoltavano la conversazione dei genitori. Non era esattamente una conversazione, erano più delle singole frasi, alternate, piene di ripetizioni e incongruenze. Alle volte un verso gutturale dava energia al discorso ambiguo. In verità nessuno di loro prestava attenzione alle parole dell'altro: parlavano delle immagini che gli venivano in mente, e le immagini si susseguivano, deformavano, non c'era nessun modo di padroneggiarle. Dato che il discorso era povero, cercavano di colmare la carenza parlando a voce alta.

Fabiano si strofinò un'altra volta le mani e iniziò a raccontare una storia piuttosto confusa, ma dato che solo i suoi sandali erano illuminati, il gesto passò inosservato. Il ragazzo più grande aprì le orecchie, attento. Se avesse potuto vedere il volto del padre, forse sarebbe riuscito a comprendere parte della storia, ma così al buio aveva grosse difficoltà. Si alzò, andò in un angolo della cucina, e riportò da lì una bracciata di legna da ardere. Donna Vittoria approvò il gesto con una sorta di ruggito, ma Fabiano non apprezzò l'interruzione, pensò che il gesto del figlio mostrasse una mancanza di rispetto e allungò il braccio per punirlo. Il piccolo riuscì a divincolarsi, riuscì a ripararsi nella gonna di sua madre, che si schierò dalla sua parte.

- Hmm! Hmm! Che coraggio!

Aquele homem era assim mesmo, tinha o coração perto da goela.

- Estourado.

Remexeu as brasas com o cabo da quenga de coco, arrumou entre as pedras achas de angico molhado, procurou acendê-las. Fabiano ajudou-a: suspendeu a tagarelice, pôs-se de quatro pés e soprou os carvões, enchendo muito as bochechas. Uma fumarada invadiu a cozinha, as pessoas tossiram, enxugaram os olhos. Sinha Vitória manejou o abano, e passado um minuto as labaredas espirraram entre as pedras.

O círculo de luz aumentou, agora as figuras surgiam na sombra, vermelhas.

Fabiano, visível da barriga para baixo, ia-se tornando indistinto daí para cima, era um negrume que vagos clarões cortavam. Desse negrume saiu novamente a parolagem mastigada.

Fabiano estava de bom humor. Dias antes a enchente havia coberto as marcas postas no fim da terra de aluvião, alcançava as catingueiras, que deviam estar submersas. Certamente só apareciam as folhas, a espuma subia, lambendo ribanceiras que se desmoronavam.

Dentro em pouco o despotismo de água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. Por enquanto a inundação crescia, matava bichos, ocupava grotas e várzeas. Tudo muito bem. E Fabiano esfregava as mãos. Não havia o perigo da seca imediata, que aterrorizara a família durante meses. A catinga amarelecera, avermelhara-se, o gado principiara a emagrecer e horríveis visões de pesadelo tinham agitado o sono das pessoas. De repente um traço ligeiro rasgara o céu para os lados da cabeceira do rio, outros surgiram mais claros, o trovão roncara perto, na escuridão da meia-noite rolaram nuvens cor de sangue. A ventania arrancara sucupiras e imburanas, houvera relâmpagos em demasia - e Sinha Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas. Mas aquela brutalidade findara de chofre, a chuva caíra, a cabeça da cheia aparecera arrastando troncos e animais mortos. A água tinha subido, alcançado a ladeira, estava com vontade de chegar aos juazeiros do fim do pátio. Sinha Vitória andava amedrontada. Seria possível que a água topasse os juazeiros? Se isto acontecesse, a casa seria invadida, os moradores teriam de subir o morro, viver uns dias no morro, como preás.

Quell'uomo era così, aveva il cuore in gola.

- Lo avete fatto arrabbiare.

Rimestò le braci con la buccia della noce di cocco, sistemò tra le pietre rami di *angico* bagnato, cercando di accenderle. Fabiano la aiutò: sospese le chiacchiere, si mise a quattro zampe e soffiò sulle braci, gonfiando molto le guance. Una vampata di fumo invase la cucina, le persone che erano lì tossirono, si asciugarono gli occhi. Donna Vittoria maneggiò la ventola, e dopo qualche minuto le fiamme avvamparono tra le pietre.

Il cerchio di luce aumentò, ora le figure si distinguevano nell'ombra, rossastre. Fabiano, visibile dalla pancia in giù, aveva tutta la parte superiore indistinta, immersa nei buoi, era un'oscurità che veniva dissipata solo da alcuni chiarori. Da quell'oscurità uscì nuovamente un discorso stentato.

Fabiano era di buon umore. Giorni prima il fiotto d'acqua aveva coperto i segni posti alla fine del terreno alluvionale, aveva raggiunto le *catingueiras*, che ora dovevano essere sommerse. Di sicuro si intravedevano solo le foglie, la schiuma saliva, lambendo l'argine che si sgretolava.

Di lì a poco l'irruenza dell'acqua sarebbe finita, ma Fabiano non pensava al futuro. Nel frattempo l'inondazione cresceva, uccideva gli animali, occupava grotte e pianure. Andava tutto molto bene. E Fabiano si strofinò le mani. Non c'era il pericolo immediato di siccità, che terrorizzava la famiglia da mesi. La *catinga* ingialliva, diventava rossa, il bestiame aveva cominciato a perdere peso e orribili visioni avevano agitato gli incubi di molte persone. Improvvisamente un leggero segno aveva solcato il cielo nei dintorni della foce del fiume, altri apparvero più chiari, il tuono russava vicino, nell'oscurità della mezzanotte scorrevano nubi color del sangue. Il vento aveva sradicato *sucupiras* e *imburanas*, c'erano troppi fulmini – e Donna Vittoria si era nascosta in camera con i figli, tappandosi le orecchie, arrotolandosi nelle coperte. Ma quella brutalità li aveva scossi, la pioggia cadeva, il fiume in piena sembrava portare tronchi e animali morti. L'acqua era salita, aveva raggiunto il pendio, aveva intenzione di giungere fino ai *juazeiros* che si trovavano alla fine del cortile. Donna Vittoria camminava spaventata. Era possibile che l'acqua arrivasse ai *juazeiros*? Se ci fosse arrivata, la casa sarebbe stata inondata, gli abitanti avrebbero dovuto risalire la collina, e restare lì alcuni giorni, come bestie.

Suspirava atijando o fogo com o cabo da quenga de coco. Deus não permitiria que sucedesse tal desgraça.

- An!

A casa era forte.

- An!

Os esteios de aroeira estavam bem fincados no chão duro. Se o rio chegasse ali, derrubaria apenas os torrões que formavam o enchimento das paredes de taipa. Deus protegeria a família.

- An!

As varas estavam bem amarradas com cipós nos esteios de aroeira. O arcabouço da casa resistiria à fúria das águas. E quando elas baixassem, a família regressaria. Sim, viveriam todos no mato, como preás. Mas voltariam quando as águas baixassem, tirariam do barreiro terra para vestir o esqueleto da casa.

- An!

Sinha Vitória moveu o abano com força para não ouvir o barulho do rio, que se aproximava. Seria que ele estava com intenção de progredir? O abano zumbia, e o rumor da enchente era um sopro, um sopro que esmorecia para lá dos juazeiros.

Fabiano contava façanhas. Começara moderadamente, mas excitara-se pouco a pouco e agora via os acontecimentos com exagero e otimismo, estava convencido de que praticara feitos notáveis. Necessitava esta convicção. Algum tempo antes acontecera aquela desgraça: o soldado amarelo provocara-o na feira, dera-lhe uma surra de facão e metera-o na cadeia. Fabiano passara semanas capiongo, fantasiando vinganças, vendo a criação definhar na catinga torrada. Se a seca chegasse, ele abandonaria mulher e filhos, coseria a facadas o soldado amarelo, depois mataria o juiz, o promotor e o delegado. Estivera uns dias assim murcho, pensando na seca e roendo a humilhação. Mas a trovoadá roncara, viera a cheia, e agora as goteiras pingavam, o vento entrava pelos buracos das paredes.

Fabiano estava contente e esfregava as mãos. Como o frio era grande, aproximou-as das labaredas. Relatava um fuzuê terrível, esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes.

Sospirò attizzando il fuoco con la buccia di cocco. Dio non avrebbe permesso una simile disgrazia.

- An!

La casa era forte.

- An!

I sostegni di lentisco erano ben fissati a terra. Se il fiume fosse arrivato fin lì, avrebbe abbattuto solo le zolle che formavano le mura di legno e fango. Dio li avrebbe protetti.

- An!

Le assi di legno erano ben piantate con delle liane nei sostegni di lentisco. Lo scheletro della casa avrebbe resistito alla furia dell'acqua. E quando questa fosse diminuita, la famiglia sarebbe ritornata a casa.

- An!

Donna Vittoria spostò la ventola con forza per non sentire il rumore del fiume, che si stava avvicinando. Aveva per caso intenzione di avanzare ulteriormente? La ventola ronzava, e la voce dell'alluvione era un soffio, un soffio che si dissolveva all'altezza dei *juazeiros*.

Fabiano raccontava di gesta lontane. Cominciò in maniera moderata, ma mano a mano si animò e ora vedeva i fatti con esagerazione e ottimismo, era convinto di aver compiuto delle gesta straordinarie. Aveva bisogno di questa convinzione. Qualche tempo prima lo aveva colpito una disgrazia: il soldato giallo lo aveva provocato al mercato, lo aveva pestato a sangue e lo aveva sbattuto in cella. Fabiano aveva trascorso intere settimane affliggendosi, fantasticando vendetta, guardando la vegetazione dissiparsi nella *catinga* incendiata. Se fosse arrivata la siccità, avrebbe abbandonato moglie e figli, avrebbe ferito a colpi di coltello il soldato giallo, per poi uccidere il giudice, il pubblico ministero e l'assessore. Erano state delle giornate così fiacche, pensando alla siccità e rodendo di umiliazione. Ma il temporale brontolava, era arrivata la piena, e ora le gocce cadevano, il vento entrava dalle crepe dei muri.

Fabiano era felice e si sfregò le mani. Poiché c'era tanto freddo si avvicinò alle fiamme. Stava raccontando di un terribile litigio e nel frattempo dimenticava le botte e la prigionia, si sentiva capace di compiere gesta formidabili.

O rio subia a ladeira, estava perto dos juazeiros. Não havia notícia de que os houvesse atingido - e Fabiano, seguro, baseado nas informações dos mais velhos, narrava uma briga de que saíra vencedor. A briga era sonho, mas Fabiano acreditava nela.

As vacas vinham abrigar-se junto à parede da casa, pegada ao curral, a chuva fustigava-as, os chocalhos batiam. Iriam engordar com o pasto novo, dar crias. O pasto cresceria no campo, as árvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria. Engordariam todos, ele Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia. Talvez Sinha Vitória adquirisse uma cama de lastro de couro. Realmente o jirau de varas onde se espichavam era incômodo.

Fabiano gesticulava. Sinha Vitória agitava o abano para sustentar as labaredas no angico molhado. Os meninos, sentindo frio numa banda e calor na outra, não podiam dormir e escutavam as lorotas do pai. Começaram a discutir em voz baixa uma passagem obscura da narrativa. Não conseguiram entender-se, arengaram azedos, iam se atacando. Fabiano zangou-se com a impertinência deles e quis puni- los. Depois moderou-se, repisou o trecho incompreensível utilizando palavras diferentes.

O menino mais novo bateu palmas, olhou as mãos de Fabiano, que se agitavam por cima das labaredas, escuras e vermelhas. As costas ficavam na sombra, mas as palmas estavam iluminadas e cor de sangue. Era como se Fabiano tivesse esfolado um animal. A barba ruiva e emaranhada estava invisível, os olhos azulados e imóveis fixavam-se nos tições, a fala dura e rouca entrecortava-se de silêncios. Sentado no pilão, Fabiano derreava-se, feio e bruto, com aquele jeito de bicho lerdo que não se agüenta em dois pés.

O menino mais velho estava descontente. Não podendo perceber as feições do pai, cerrava os olhos para entendê-lo bem. Mas surgira uma dúvida. Fabiano modificara a história - e isto reduzia-lhe a verossimilhança. Um desencanto. Estirou-se e bocejou. Teria sido melhor a repetição das palavras. Altercaria com o irmão procurando interpretá-las. Brigaria por causa das palavras - e a sua convicção encorparia. Fabiano devia tê-las repetido. Não. Aparecera uma variante, o herói tinha-se tornado humano e contraditório. O menino mais velho recordou-se de um brinquedo antigo, presente de seu Tomás da bolandeira. Fechou os olhos, reabriu-os, sonolento. O ar que entrava pelas rachas das paredes esfriava-lhe uma perna, um braço, todo o lado direito.

Il fiume risaliva la collina, era vicino ai *juazeiros*. Non era giunta voce che li avesse raggiunti - e Fabiano, sicuro, basandosi sulle informazioni dei saggi, raccontava di una lotta dalla quale sarebbe uscito vittorioso. La lotta era un sogno, ma Fabiano ci credeva.

Le mucche andavano a ripararsi vicino alla parete della casa, adiacente al recinto, la pioggia le sferzava, i campanacci suonavano. Sarebbero ingrassate con il nuovo pascolo, avrebbero partorito. L'erba sarebbe cresciuta nei campi, gli alberi sarebbero germogliati, il bestiame si sarebbe moltiplicato. Sarebbero ingrassati tutti, Fabiano, la moglie, i due figli e il cane Baleia. Forse Donna Vittoria avrebbe avuto il letto con il materasso di pelle. Il letto di assi di legno era veramente scomodo.

Fabiano gesticolava. Donna Vittoria agitava la ventola per aiutare le fiamme dell'*angico* bagnato. I bambini, sentivano freddo da un lato e caldo dall'altro, non riuscivano a dormire e intanto ascoltavano le storie del padre. Cominciarono a parlare a voce bassa di un passaggio della storia che per loro non era chiaro. Non riuscivano a capirsi, discutevano acidi, stavano per mettersi a litigare. Fabiano si scoccò davanti alla loro impertinenza e voleva punirli. Dopo si calmò, riprese il passaggio che non era chiaro usando parole diverse.

Il bambino più piccolo batté le mani, osservò le mani di Fabiano, che si agitavano sopra le fiamme, scure e rosse. I dorsi erano all'ombra, ma le palme erano illuminate e colore del sangue. Era come se Fabiano avesse macellato un animale. La barba ruvida e aggrovigliata era invisibile, gli occhi bluastri erano fissi immobili sui tizzoni, il tono duro e roco si intramezzava di silenzi. Seduto sul mortaio, Fabiano si incurvava, brutto e rozzo, con quel portamento animalesco, sciocco di chi non riesce a reggersi su due piedi.

Il figlio maggiore era infelice. Non riuscendo a capire la storia del padre, stringeva gli occhi per cercare di capire. Ma gli sorse un dubbio. Fabiano aveva cambiato la storia - e questo l'aveva resa meno verosimile. Un'illusione. Si stiracchiò e sbadigliò. Sarebbe stato meglio ripetere più volte le stesse parole. Avrebbe discusso con il fratello per cercare di capirle. Avrebbe litigato a causa di quelle parole - e si convinse della sua constatazione. Fabiano avrebbe dovuto ripeterle. No. Aveva deciso di cambiare, l'eroe era diventato umano e contraddittorio. Il ragazzo si ricordò di un vecchio gioco, un regalo del Signor Tommaso della macina. Chiuse gli occhi, li riaprì assonnato. L'aria che entrava dalle fessure nelle pareti gli infreddoliva una gamba, un braccio, tutto il lato destro.

Virou-se, os pedaços de Fabiano sumiram-se. O brinquedo se quebrara, o pequeno entristecera vendo as peças inúteis. Lembrou-se dos currais feitos de seixos miúdos, sob as catingueiras. Agora a lagoa estava cheia, tinha coberto os currais que ele construía. O barreiro também se enchera, atingia a parede da cozinha, as águas dele juntavam-se às da lagoa. Para ir ao quintal onde havia craveiros e panelas de losna, Sinha Vitória saía pela porta da frente, descia o copiar e atravessava a porteira de baraúna. Atrás da casa, as cercas, o pé de turco e as catingueiras estavam dentro da água. As goteiras pingavam, os chocalhos das vacas tiniam, os sapos cantavam. O som dos chocalhos era familiar, mas a cantiga dos sapos e o rumor das goteiras causavam estranheza. Tudo estava mudado. Chovia o dia inteiro, a noite inteira. As moitas e capões de mato onde viviam seres misteriosos tinham sido violados. Havia lá sapos. E a cantiga deles subia e descia, uma toada lamentosa enchia os arredores. Tentou contar as vozes, atrapalhou-se. Eram muitas, com certeza havia uma infinidade de sapos nas moitas e nos capões. Que estariam fazendo? Por que gritavam a cantoria gorgolejada e triste? Nunca vira um deles, confundia-os com os habitantes invisíveis da terra e dos bancos de macambira. Enrolou-se, acomodou-se, adormeceu, uma banda aquecida pelo fogo, a outra banda protegida pelas nádegas de Sinha Vitória.

O abano agitava-se, a madeira úmida chiava, o vulto de Fabiano iluminava-se e escurecia.

Baleia, imóvel, paciente, olhava os carvões e esperava que a família se recolhesse. Enfastiava-a o barulho que Fabiano fazia. No campo, seguindo uma rês, se esgoelava demais. Natural. Mas ali, a beira do fogo, para 'que tanto grito? Fabiano estava-se cansando à toa. Baleia se enjoava, cochilava e não podia dormir. Sinha Vitória devia retirar os carvões e a cinza, varrer o chão, deitar-se na cama de varas com Fabiano. Os meninos se arrumariam na esteira, por baixo do caritó, na sala. Era bom que a deixassem em paz. O dia todo espiava os movimentos das pessoas, tentando adivinhar coisas incompreensíveis. Agora precisava dormir, livrar-se das pulgas e daquela vigilância a que a tinham habituado. Varrido o chão com vassourinha, escorregaria entre as pedras, enroscar-se-ia, adormeceria no calor, sentindo o cheiro das cabras molhadas e ouvindo rumores desconhecidos, o tique- taque das pingueiras, a cantiga dos sapos, o sopro do rio cheio. Bichos miúdos e sem dono iriam visitá-la.

Si girò, i pezzi di Fabiano sparirono. Il giocattolo si era rotto, il piccolo si rattristò vedendo i piccoli pezzi inutili. Si ricordò dei recinti costruiti con piccoli pezzi di legno sotto le *catingueiras*. Ora lo stagno era pieno, aveva ricoperto i recinti che avevano costruito. Anche il porcile si era riempito, aveva raggiunto la parete della cucina, le sue acque si erano unite a quelle del laghetto. Per andare al cortile dove c'erano strumenti e pentole, Donna Victoria usciva dalla porta anteriore, scendeva la veranda e attraversava il cancello della *barauna*. Dietro la casa, i recinti, il *pé de turco* e *catingueiras* erano sommerse. Le gocce cadevano, i campanacci delle mucche suonavano, i rospi gracidavano. Il suono dei campanacci era familiare, ma la *catinga* dei rospi e il rumore delle gocce suscitavano una strana sensazione. Tutto era cambiato. Aveva piovuto tutto il giorno, tutta la notte. I cespugli e i ciuffi d'erba del bosco dove vivevano esseri misteriosi erano stati violati. Lì c'erano le rane. E la loro *catinga* saliva e scendeva, una melodia lamentosa riempiva la zona circostante. Provò a contare le voci, si ingarbugliò. Ce n'erano molte, di sicuro c'erano moltissime rane nei cespugli. Cosa stavano facendo? Perché gridavano una canzone gorgheggiata e triste? Non ne aveva mai vista una, le confondeva con gli abitanti invisibili della terra e con i banchi di *macambira*. Si rannicchiò, si sistemò, si addormentò, un lato riscaldato dal fuoco, l'altro lato protetto dal sedere di Donna Vittoria.

La ventola si agitava, il legno umido sibilava, il volto di Fabiano si illuminava e oscurava.

Baleia, immobile, paziente, guardava i carboni e aspettava che la famiglia si raccogliesse. La infastidiva il rumore che faceva Fabiano. Quando seguiva una mucca nel campo, gridava a voce troppo alta. Normale. Ma lì, accanto al fuoco, perché gridare così tanto? Fabiano si stava stancando per niente. Baleia si muoveva, sonnecchiava ma non riusciva a dormire. Donna Vittoria doveva togliere le braci e la cenere, spazzare il pavimento, e poi sdraiarsi sul letto di bastoni con Fabiano. I ragazzi si sarebbero sistemati sulla stuoia, sotto al *carito*, nella stanza. Era meglio che la lasciassero in pace. Durante il giorno spiava i movimenti delle persone, tentando di capire cose a lei incomprensibili. Ora aveva bisogno di dormire, sbarazzarsi delle pulci e di quell'osservare vigile alla quale si era abituata.

Varrido o chão com vassourinha, escorregaria entre as pedras, enroscar-se-ia, adormeceria no calor, sentindo o cheiro das cabras molhadas e ouvindo rumores desconhecidos, o tique- taque das pingueiras, a cantiga dos sapos, o sopro do rio cheio. Bichos miúdos e sem dono iriam visitá-la.

Spazzato il pavimento con la scopa, avrebbe pulito le fughe tra le pietre, si sarebbe avvolta, e addormentata al caldo, con l'odore delle capre bagnate e sentendo rumori sconosciuti, il ticchettio delle gocce, il canto delle rane, il respiro del fiume in piena. Piccoli animali selvaggi sarebbero andati a trovarla.

Capítulo VIII - Festa

Fabiano, Sinha Vitória e os meninos iam à festa de Natal na cidade. Eram três horas, fazia grande calor, redemoinhos espalhavam por cima das árvores amarelas nuvens de poeira e folhas secas.

Tinham fechado a casa, atravessado o pátio, descido a ladeira, e pezunhavam nos seixos como bois doentes dos cascos. Fabiano, apertado na roupa de brim branco feita por Sinha Terta, com chapéu de beata, colarinho, gravata, botinas de vaqueta e elástico, procurava erguer o espinhaço, o que ordinariamente não fazia. Sinha Vitória, enfronhada no vestido vermelho de ramagens, equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme. Teimava em calçar-se como as moças da rua - e dava topadas no caminho. Os meninos estreavam calça e paletó. Em casa sempre usavam camiSinhas de riscado ou andavam nus. Mas Fabiano tinha comprado dez varas de pano branco na loja e incumbira Sinha Terta de arranjar farpelas para ele e para os filhos. Sinha Terta achara pouca a fazenda, e Fabiano se mostrara desentendido, certo de que a velha pretendia furtar-lhe os retalhos. Em consequência as roupas tinham saído curtas, estreitas e cheias de emendas.

Fabiano tentava não perceber essas desvantagens. Marchava direito, a barriga para fora, as costas apumadas, olhando a serra distante. De ordinário olhava o chão, evitando as pedras, os tocos, os buracos e as cobras. A posição forçada cansou-o. E ao pisar a areia do rio, notou que assim não poderia vencer as três léguas que o separavam da cidade. Descalçou-se, meteu as meias no bolso, tirou o paletó, a gravata e o colarinho, roncou aliviado. Sinha Vitória decidiu imitá-lo: arrancou os sapatos e as meias, que amarrou no lenço. Os meninos puseram as chinelinhas debaixo do braço e sentiram-se à vontade.

A cachorra Baleia, que vinha atrás, incorporou-se ao grupo. Se ela tivesse chegado antes provavelmente Fabiano a teria enxotado. E Baleia passaria a festa junto às cabras que sujavam o copiar. Mas com a gravata e o colarinho machucados no bolso, o paletó no ombro e as botinas enfiadas num pau, o vaqueiro achou-se perto dela e acolheu-a.

Retomou a posição natural: andou cambaio, a cabeça inclinada. Sinha Vitória, os dois meninos e Baleia acompanharam-no. A tarde foi comida facilmente e ao cair da noite estavam na beira do riacho, à entrada da rua.

Capitolo VIII - Festa

Fabiano, Donna Vittoria e i ragazzi andarono alla festa di Natale in città. Erano le tre del pomeriggio, e faceva molto caldo, dei mulinelli spandevano sopra gli alberi gialli nuvole di polvere e foglie secche.

Avevano chiuso la casa, attraversato il cortile, disceso il pendio, zampettavano sui ciottoli come mucche che avevano male agli zoccoli. Fabiano, stretto nei vestiti di stoffa di lino mista a cotone bianca cuciti da Donna Terta, con un cappello de beota, colletto, cravatta, stivali di pelle bovina con l'elastico, cercava di raddrizzare la schiena, quello che di solito non faceva. Donna Vittoria, costretta in un vestito rosso di stracci, stava a malapena in equilibrio sulle scarpe con il tacco alto. Si incaponiva a portarle come le ragazze di città – e continuava a inciampare lungo la strada. I ragazzi esibivano giacca e pantaloni. A casa portavano sempre magliettine strappate o restavano nudi. Ma Fabiano aveva comprato dieci drappi di stoffa bianca al negozio e aveva commissionato a Donna Terta di cucire dei completi per lui e per i bambini. Donna Terta pensava che la stoffa fosse troppo poca, e Fabiano sembrava non capire, sicuro che la vecchia volesse rubargli i ritagli. Di conseguenza i vestiti erano corti, stretti e pieni di rattoppi.

Fabiano cercava di non notare questi particolari. Camminava a testa alta, con la pancia in fuori, la schiena bella dritta, scrutando le montagne lontane. Di solito guardava a terra, evitando le pietre, i ceppi, le buche e i serpenti. La postura forzata lo stancò. E quando fece un passo sulla sabbia del fiume, si accorse che così non sarebbe riuscito a percorrere le tre leghe che lo separavano dalla città. Si tolse le scarpe, si mise le calze in tasca, si tolse la giacca, la cravatta e il colletto, sospirò sollevato. Donna Vittoria decise di imitarlo: si tolse le scarpe e le calze, che legò al fazzoletto. I ragazzi si misero le scarpette sottobraccio e si sentivano a loro agio.

La cagnolina Baleia, che era dietro, entrò nel gruppo. Se fosse arrivata prima probabilmente Fabiano l'avrebbe calciata via. E Baleia avrebbe passato le feste con le capre che sporcavano il recinto. Ma con la cravatta e il collarino stropicciati in tasca, la sua giacca sulle spalle e gli stivali infilati su un bastone, il vaccaro se la trovò accanto e l'accolse.

Riprese la sua andatura abituale: camminò a gambe storte, la testa inclinata. Donna Vittoria, i due bambini e Baleia lo accompagnavano. Il pomeriggio era arrivato in fretta e al calare della notte erano in riva al torrente, all'ingresso della strada.

Aí Fabiano parou, sentou-se, lavou os pés duros, procurando retirar das gretas fundas o barro que lá havia. Sem se enxugar, tentou calçar-se - e foi uma dificuldade: os calcanhares das meias de algodão formaram bolos nos peitos dos pés e as botinas de vaqueta resistiram como virgens. Sinha Vitória levantou a saia, sentou-se no chão e limpou-se também. Os dois meninos entraram no riacho, esfregaram os pés, saíram, calçaram as chinelinhas e ficaram espiando os movimentos dos pais. Sinha Vitória aprontava-se e erguia-se, mas Fabiano soprava arreliado. Tinha vencido a obstinação de uma daquelas amaldiçoadas botinas; a outra emperrava, e ele, com os dedos nas alças, fazia esforços inúteis. Sinha Vitória dava palpites que irritavam o marido. Não havia meio de introduzir o diabo do calcanhar no tacão. A um arranco mais forte, a alça de trás rebentou-se, e o vaqueiro meteu as mãos pela borracha, energicamente. Nada conseguindo, levantou-se resolvido a entrar na rua assim mesmo, coxeando, uma perna mais comprida que a outra. Com raiva excessiva, a que se misturava alguma esperança, deu uma patada violenta no chão. A carne comprimiu-se, os ossos estalaram, a meia molhada rasgou-se e o pé amarrotado se encaixou entre as paredes de vaqueta. Fabiano soltou um suspiro largo de satisfação e dor. Em seguida tentou prender o colarinho duro ao pescoço, mas os dedos trêmulos não realizaram a tarefa. Sinha Vitória auxiliou-o: o botão entrou na casa estreita e a gravata amarrou-se. As mãos sujas, suadas, deixaram no colarinho manchas escuras.

- Está certo, grunhiu Fabiano.

Atravessaram a pinguela e alcançaram a rua. Sinha Vitória caminhava aos tombos, por causa dos saltos dos sapatos, e conservava o guarda-chuva suspenso, com o castão para baixo e a biqueira para cima, enrolada no lenço. Impossível dizer porque Sinha Vitória levava o guarda-chuva com biqueira para cima e o castão para baixo. Ela própria não saberia explicar-se, mas sempre vira as outras matutas procederem assim e adotava o costume.

Fabiano marchava teso.

Os dois meninos espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários. Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito.

Lì Fabiano si fermò, si sedette, si lavò i piedi callosi, cercando di togliere la sporcizia dalle profonde ferite. Senza asciugarsi, tentò di calzare le scarpe – e fu difficile: i calcagni delle calze formavano delle grinze sul dorso del piede e le scarpe faticavano ad entrare come vergini. Donna Vittoria sollevò la gonna, si sedette per terra e anche lei si asciugò. I due ragazzi entrarono nel torrente, si sfregarono i piedi, uscirono, indossarono le scarpette e restarono ad osservare i movimenti dei genitori. Donna Vittoria si preparò e si alzò ma Fabiano sbuffava di malumore. Era riuscito a vincere l'ostinazione di uno di quei maledetti stivali; l'altro era ostinato, e lui, con le dita sui lacci, stava facendo degli sforzi inutili. Donna Vittoria gli stava dando dei suggerimenti che lo irritavano. Non c'era modo di infilare quel dannato tallone nella scarpa. A ogni spinta più forte, la stoffa dietro si ripiegava, e il vaccaro mise energicamente le mani sulla gomma. Non c'era riuscito, si alzò e decise di entrare in strada così, zoppicando, una gamba più lunga dell'altra. Con eccessiva rabbia, che si mischiava ad un po' di speranza, diede un violento calcio a terra. La carne compressa, le ossa schioccarono, il calzino bagnato si strappò e il piede stropicciato si incassò tra le pareti degli stivali di pelle bovina. Fabiano fece un grosso sospiro di soddisfazione e dolore. Poi tentò di sistemarsi il collarino al collo, ma a causa delle dita tremanti non ci riusciva. Donna Vittoria lo aiutò: il nastro entrò nella stretta asola e la cravatta si sistemò. Le mani sporche, sudate, lasciavano sul collarino delle impronte scure.

- Va bene così, grugnì Fabiano.

Attraversarono la passerella e raggiunsero la strada. Donna Vittoria camminava barcollante a causa dei tacchi alti, e teneva l'ombrello in sospeso, con il manico in basso e la punta in su, avvolto nel fazzoletto. Impossibile dire perché Donna Vittoria tenesse così l'ombrello. Lei stessa non avrebbe saputo spiegarlo, ma aveva sempre visto le altre *matutas* portarlo così e si era abituata all'usanza.

Fabiano camminava teso.

I due ragazzi guardavano i lampioni e cercavano di indovinare i nomi di quelle cose straordinarie. Non erano curiosi, avevano paura, e per questo camminavano lentamente, temendo di attirare l'attenzione delle persone. Supponevano esistessero mondi diversi dalla fattoria, mondi meravigliosi nelle montagne tinte di azzurro. Questo quindi era strano.

Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os, homens iriam brigar. Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles andassem entre as barracas? Estavam acostumados a aguentar cascudos e puxões de orelhas. Talvez as criaturas desconhecidas não se comportassem como Sinha Vitória, mas os pequenos retraíam-se, encostavam-se às paredes, meio encandeados, os ouvidos cheios de rumores estranhos.

Chegaram à igreja, entraram. Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, inquieta. Na opinião dela, tudo devia estar no escuro, porque era noite, e a gente que andava no quadro precisava deitar-se. Levantou o focinho, sentiu um cheiro que lhe deu vontade de tossir. Gritavam demais ali perto e havia luzes em abundância, mas o que a incomodava era aquele cheiro de fumaça.

Os meninos também se espantavam. No mundo, subitamente alargado, viam Fabiano e Sinha Vitória muito reduzidos, menores que as figuras dos altares. Não conheciam altares, mas presumiam que aqueles objetos deviam ser preciosos. As luzes e os cantos extasiavam-nos. De luz havia, na fazenda, o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro de querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bendito de Sinha Vitória e o aboio de Fabiano. O aboio era triste, uma cantiga monótona e sem palavras que entorpecia o gado.

Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas acesas, constrangido na roupa nova, o pescoço esticado, pisando, em brasas. A multidão apertava-o mais que a roupa, embaraçava-o. De perneiras, gibão - e guarda-peito, andava metido numa caixa, como tatu, mas saltava no lombo de um bicho e voava na catinga. Agora não podia virar-se: mãos e braços roçavam-lhe o corpo. Lembrou-se da surra que levava e da noite passada na cadeia. A sensação que experimentava não diferia muito da que tinha tido ao ser preso. Era como se as mãos e os braços da multidão fossem agarrá-lo, subjugar-lo, espremê-lo num canto de parede. Olhou as caras em redor. Evidentemente as criaturas que se juntavam ali não o viam, mas Fabiano sentia-se rodeado de inimigos, temia envolver-se em questões e acabar mal a noite. Soprava e esforçava-se inutilmente por abanar-se com o chapéu. Difícil mover-se, estava amarrado.

Come potevano esserci così tante case e così tanta gente? Di sicuro gli uomini avrebbero litigato. Forse lì la gente era cattiva e non li avrebbero lasciati camminare tra le baracche? Erano abituati a ricevere schiaffi e tirate d'orecchie. Forse le creature sconosciute non si sarebbero comportate come Donna Vittoria, ma i piccoli si ritraevano e addossavano alle pareti, mezzi abbagliati, le orecchie piene di strani rumori.

Raggiunsero la Chiesa, entrarono. Baleia rimase a passeggiare sul marciapiede, guardando la strada, inquieta. Per lei, tutto doveva essere al buio, perché era notte, e le persone che camminavano per di lì dovevano andare a coricarsi. Sollevò il muso, sentì un odore che la fece tossire. Lì vicino urlavano troppo e c'era luce in abbondanza, ma quello che più la infastidiva era quell'odore di fumo.

I bambini si spaventavano. Nel mondo, che improvvisamente era diventato più grande, vedevano Fabiano e Donna Vittoria molto più piccoli, più piccoli delle figure degl'altari. Non sapevano cos'era un altare, ma presumevano che quegli oggetti dovevano essere preziosi. Le luci e i canti li entusiasmavano. C'era luce nella fazenda, il fuoco tra le pietre in cucina e il lampadario al cherosene appeso a un pezzo di legno che sporgeva dalla parete di fanghiglia; i canti, la benedizione di Donna Vittoria e il canto di Fabiano. Questo canto era triste, una melodia monotona e senza parole che accompagnava il bestiame.

Fabiano era silenzioso, guardava le immagini e le candele accese, costretto negli abiti nuovi, il collo allungato, pestando, andando a fuoco. La gente lo stringeva più dei vestiti, lo imbarazzava. Con i gambali, farsetto e proteggi petto camminava come se avesse una corazza, come un armadillo, ma quando saltava in groppa di un animale volava nella *catinga*. Ora non poteva girarsi: braccia e mani gli lambivano il corpo. Ricordava il pestaggio che aveva subito e la notte trascorsa in cella. La sensazione che provava non era molto diversa da quella che aveva provato quando era stato incarcerato. Era come se le mani e le braccia delle persone volessero afferrarlo, soggiogarlo, metterlo all'angolo. Guardò le facce che aveva intorno. Evidentemente le persone che lì si erano riunite non lo vedevano, ma Fabiano si sentiva circondato da nemici, temeva di essere coinvolto in dispute e di finire male la notte. Soffiava e si sforzava inutilmente per sventolarsi con il cappello. Era difficile muoversi. Era bloccato.

Lentamente conseguiu abrir caminho no povaréu, esgueirou-se até junto da pia de água benta, onde se deteve, receoso de perder de vista a mulher e os filhos. Ergueu-se nas pontas dos pés, mas isto lhe arrancou um grunhido: os calcanhares esfolados começavam a afligi-lo. Distinguiu o cocó de Sinha Vitória, que se escondia atrás de uma coluna. Provavelmente os meninos estavam com ela. A igreja cada vez mais se enchia. Para avistar a cabeça da mulher, Fabiano precisava esticar-se, voltar o rosto. E o colarinho furava-lhe o pescoço. As botinas e o colarinho eram indispensáveis. Não poderia assistir à novena calçado em alpercatas, a camisa de algodão aberta, mostrando o peito cabeludo. Seria desrespeito. Como tinha religião, entrava na igreja uma vez por ano. E sempre vira, desde que se entendera, roupas de festa assim: calça e paletó engomados, batinas de elástico, chapéu de baeta, colarinho e gravata. Não se arriscaria a prejudicar a tradição, embora sofresse com ela. Supunha cumprir um dever, tentava apumar-se. Mas a disposição esmorecia: o espinhaço vergava, naturalmente, os braços mexiam-se desengonçados.

Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. Por isso Fabiano se desviava daqueles viventes. Sabia que a roupa nova cortada e cosida por Sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisto.

- Preguiçosos, ladrões, faladores, mofinos.

Estava convencido de que todos os habitantes da cidade eram ruins. Mordeu os beiços. Não poderia dizer semelhante coisa. Por falta menor agüentara facão e dormira na cadeia. Ora, o soldado amarelo ... sacudiu a cabeça, livrou-se da recordação desagradável e procurou uma cara amiga na multidão.

Lentamente riuscì ad aprirsi la strada in quella moltitudine, riuscì ad arrivare fino all'acquasantiera, si fermò, temendo di perdere di vista la moglie e i figli. Si alzò in punta di piedi, ma questo gli strappò un ringhio: i talloni spellati cominciarono a fargli male. Distinse la crocchia di Donna Vittoria, che si nascondeva dietro una colonna. Probabilmente i ragazzi erano con lei. La Chiesa era sempre più piena. Per vedere la testa della moglie, Fabiano doveva allungarsi, girare la testa. E il collarino gli stringeva la gola. Gli stivali e il collarino erano indispensabili. Non poteva partecipare alla messa con i sandali, la camicia di cotone aperta, mostrando il petto villosa. Sarebbe stata una mancanza di rispetto. Siccome era religioso, entrava in Chiesa una volta l'anno. E era sempre andato, da quando aveva ricordi, vestito così: pantaloni e giacca inamidata, abiti elastici, cappello di panno, colletto e cravatta. Non avrebbe rischiato di sciupare la tradizione, nonostante quell'abbigliamento lo facesse soffrire. Ma le buone intenzioni andavano scemando, la schiena era molleggiata ovviamente, le braccia si toccavano sgangherate.

Confrontandosi con i tipi diversi di città, Fabiano riconosceva di essere inferiore. Per questo sospettava che gli altri si prendessero gioco di lui. Si accigliava e evitava le conversazioni. Parlavano con lui solo per rubargli tutto quello che aveva. I negozianti rubavano sulla quantità, sul peso e sul prezzo. Il capo ci riusciva con fatica e con calcoli incomprensibili. Dell'ultima volta che si erano incontrati era rimasta in lui una confusione di numeri, e Fabiano, con il cervello in fiamme, aveva lasciato l'ufficio dell'uomo bianco, sicuro di essere stato ingannato. Tutti lo danneggiavano. Gli impiegati, i commercianti e il proprietario lo lasciavano sul lastrico, e quelli che non facevano affari con lui si mettevano a ridere vedendolo passare per la strada, inciampando. Per quello Fabiano evitava quelle persone. Sapeva che gli abiti nuovi tagliati e cuciti da Donna Terta, il collarino, la cravatta, gli stivali e il cappello di panno lo rendevano ridicolo, ma cercava di non pensarci.

- Pigri, ladri, oratori, disgraziati.

Era convinto che tutte le persone di città fossero cattive. Si morse le labbra. Non avrebbe potuto dire cose del genere. Per una cosa minore era stato pestato e chiuso in cella. Ora il soldato giallo. Scosse la testa, si liberò del ricordo sgradevole e cercò un volto amico in mezzo alla folla.

Se encontrasse um conhecido, iria chamá-lo para a calçada, abraçá-lo, sorrir, bater palmas. Depois falaria sobre gado. Estremeceu, tentou ver o cocó de Sinha Vitória. Precisava ter cuidado para não se distanciar da mulher e dos filhos. Aproximou-se deles, alcançou-os no momento em que a igreja começava a esvaziar-se.

Saíram aos encontrões, desceram os degraus. Empurrado, machucado, Fabiano tornou a pensar no soldado amarelo. No quadro, ao passar pelo jatobá, virou o rosto. Sem motivo nenhum, o desgraçado tinha ido provocá-lo, pisar-lhe o pé. Ele se desviara, com bons modos. Como o outro insistisse, perdera a paciência, tivera um rompante. Consequência: facão no lombo e uma noite de cadeia.

Convidou a mulher e os filhos para os cavalinhos, arrumou-os, distraiu-se um pouco vendo-os rodar. Em seguida encaminhou-os as barracas de jogo. Coçou-se, puxou o lenço, desatou-o, contou o dinheiro, com a tentação de arriscá-lo no bozó. Se fosse feliz, poderia comprar a cama de couro cru, a sonho de Sinha Vitória. Foi beber cachaça numa tolda, voltou, pôs-se a rondar indeciso, pedindo com os olhos a opinião da mulher. Sinha Vitória fez um gesto de reprovação, e Fabiano retirou-se, lembrando-se do jogo que tivera em casa de seu Inácio, com o soldado amarelo. Fora roubado, com certeza fora roubado. Avizinhou-se da tolda e bebeu mais cachaça. Pouca a pouco ficou sem-vergonha.

- Festa é festa.

Bebeu ainda uma vez e empertigou-se, olhou as pessoas desafiando-as. Estava resolvido a fazer uma asneira. Se topasse o soldado amarelo, esbodegava-se com ele. Andou entre as barracas, emproado, atirando coices no chão, insensível às esfoladuras dos pés. Queria era desgraçar-se, dar um pano de amostra àquele safado. Não ligava importância à mulher e aos filhos, que o seguiam.

- Apareça um homem! berrou.

No barulho que enchia a praça ninguém notou a provocação. E Fabiano foi esconder-se por detrás das barracas, para lá dos tabuleiros de doces. Estava disposto a esbagaçar-se, mas havia nele um resto de prudência. Ali podia irritar-se, dirigir ameaças e desaforos a inimigos invisíveis. Impelido por forças opostas, expunha-se e acautelava-se.

Se avesse incontrato un conoscente, sarebbe andato a chiamarlo nel marciapiede, abbracciarlo, gli avrebbe sorriso e stretto la mano. Poi avrebbe parlato del bestiame. Rabbrividi, cercò di vedere la crocchia di Donna Vittoria. Doveva prestare attenzione per non allontanarsi troppo dalla moglie e dai figli. Si avvicinò a loro, li raggiunse nel momento in cui la chiesa aveva cominciato a svuotarsi.

Uscirono sgomitandosi, scesero le scale. Spinto, ferito, Fabiano tornò a pensare al soldato giallo. Nello spiazzo, passando attraverso il *jatobá* - si voltò. Senza alcun motivo, il disgraziato era andato a provocarlo, pestargli i piedi. Lui lo aveva evitato, con buone maniere. Ma l'altro insisteva, perse la pazienza, gli rispose male. Conseguenza: botte sulla schiena e una notte in cella.

Invitò la moglie e i figli a vedere i cavalli, si sistemò, si distrasse un po' guardandoli correre. Poi si incamminò verso le baracche d'azzardo. Si grattò, si tolse il fazzoletto, lo legò, contò il denaro, con la tentazione di giocarselo ai dadi. Se fosse stato fortunato, avrebbe potuto comprare il letto di pelle grezza, il sogno di Donna Vittoria. Stava bevendo cachaça in una bettola, tornò, cominciò a girare indeciso, chiedendo con gli occhi il parere della moglie. Donna Vittoria fece un gesto di disapprovazione e Fabiano si ritrasse, ricordando la partita che aveva fatto a casa del Signor Ignazio, con il soldato giallo. Era stato derubato, di sicuro era stato derubato. Si avvicinò alla bettola e riprese a bere più cachaça. Poco a poco stava diventando senza vergogna.

- Festa è festa.

Bevve ancora una volta e si raddrizzò, guardò la gente sfidandola. Era determinato a fare una sciocchezza. Se fosse incappato nel soldato giallo, si sarebbe sfidato con lui. Camminava tra le baracche, orgoglioso, sferrando calci a terra, insensibile alle abrasioni ai piedi. Quello che volevo era mettersi in imbarazzo, dare una lezione a quel bastardo. Non gli importava della moglie e i figli che lo seguivano.

- Mostrati un uomo! tuonò.

In mezzo al rumore che riempiva la piazza nessuno si era accorto della provocazione. E Fabiano andò a nascondersi dietro le tende, dietro le bancarelle di dolci. Era disposto a distruggersi, ma in lui era rimasto un residuo di prudenza. Lì poteva irritare, minacciare e prendere a parolacce i nemici invisibili. Spinto da sentimenti contrastanti, si esponeva e stava attento.

Sabia que aquela explosão era perigosa, temia que o soldado amarelo surgisse de repente, viesse plantar-lhe no pé a reiúna. O soldado amarelo, fulto de substância, ganhava fumaça na companhia dos parceiros. Era bom evitá-lo. Mas a lembrança dele tornava-se às vezes horrível. E Fabiano estava tirando uma desforra.

Estimulado pela cachaça, fortalecia-se:

- Cadê o valente? Quem é que tem coragem de dizer que eu sou feio? Apareça um homem.

Lançava o desafio numa fala atrapalhada, com o vago receio de ser ouvido. Ninguém apareceu. E Fabiano roncou alto, gritou que eram todos uns frouxos, uns capados, sim senhor. Depois de muitos berros, supôs que havia ali perto homens escondidos, com medo dele. Insultou-os:

- Cambada de...

Parou agoniado, suando frio, a boca cheia de água, sem atinar com a palavra. Cambada de quê? Tinha o nome debaixo da língua., E a língua engrossava, perra, Fabiano cuspiu, fixava na mulher e nos filhos uns olhos vidrados. Recuou alguns passos, entrou a engulhar. Em seguida aproximou-se - figura novamente das luzes, capengando, foi sentar-se na calçada de uma loja. Estava desanimado, bambo; o entusiasmo arrefecera. Cambada de que? Repetia a pergunta sem saber o que procurava. Olhou de perto a cara da mulher, não conseguiu distinguir-lhe os traços.

Sinha Vitória perceberia a atrapalhão dele? Havia ali outros matutos conversando, e Fabiano enjoou-os. Se não estivesse tão ansiado, arrotando, suando, brigaria com eles. A interrogação que lhe aperreava o espírito confuso juntou-se a ideia de que aquelas pessoas não tinham o direito de sentar-se na calçada. Queria que. o deixassem com a mulher, os filhos e a cachorrinha. Cambada de quê? Soltou um grito áspero, bateu palmas:

- Cambada de cachorros.

Descoberta a expressão teimosa, alegrou-se. Cambada de cachorros.

Evidentemente os matutos como ele não passavam de cachorros.

Sapeva che quella esplosione di rabbia era pericolosa, temeva che il soldato giallo sarebbe sorto improvvisamente, e venisse a pestargli i piedi con il tacco della calzatura. Il soldato giallo, privo di sostanza, vinceva fumo in compagnia del compagno di gioco. Era buona cosa evitarlo. Ma il suo ricordo tornava a volte terribile. E Fabiano si stava prendendo una rivincita. Stimolato dalla cachaça, si faceva forza:

- Dove è un uomo? Chi ha il coraggio di dire che sono brutto? Si presenti qui un uomo.

Lanciava la sfida con parole farfugliate, con la vaga paura di essere sentito. Non si presentò nessuno. E Fabiano ringhiò a voce alta, gridava che erano tutti degli stolti, dei senza palle, sì signore. Dopo molte grida, pensò che ci fossero degli uomini nascosti lì vicino, che avevano paura di lui. Li insultò:

- Branco di ...

Si fermò agonizzante, sudando freddo, la bocca piena d'acqua, senza capire una parola. Branco di che cosa? Aveva il nome sulla punta della lingua. E la lingua si gonfiava, cagna, Fabiano sputava, fissava la moglie e i figli con occhi vitrei. Indietreggiò di alcuni passi, cominciò ad ingoiare. Poi si avvicinò di nuovo alle luci, zoppicando, andò a sedersi su un marciapiede di un negozio. Era scoraggiato, debole; l'entusiasmo si era raffreddato. Branco di cosa? Ripeteva la domanda senza sapere ciò che stava cercando. Guardò da vicino il volto della moglie, non riuscì a riconoscere i suoi lineamenti. Donna Vittoria si sarebbe accorta del suo sbaglio? Li c'erano altri *matutos* che stavano parlando, e Fabiano era nauseato. Se non fosse stato così agognato, in preda alla rabbia, sudando, avrebbe litigato con loro. La domanda che vorticava nella sua mente confusa si unì all'idea che quelle persone non avevano il diritto di sedersi sul marciapiede. Voleva. Voleva che lo lasciassero solo con la moglie, i figli e la cagnolina. Branco di cosa? Emise un grido aspro, batté le mani:

- Branco di cani.

Scoperta l'espressione temeraria, era felice. Branco di cani. Naturalmente *matutos* come lui non potevano passare per cani.

Procurou com as mãos a mulher e os filhos, certificou-se de que eles estavam acomodados. Uma contração violenta no pescoço entortou-lhe o rosto, a boca encheu-se novamente de saliva. Pôs-se a cuspir. Serenou, respirou com força, passou os dedos por um fio de baba que lhe pendia de beijo. Estava era tonto, com uma zoada infeliz nos ouvidos. Ia jurar que mostrara valentia e correria perigo. Achava ao mesmo tempo que havia cometido uma falta. Agora estava pesado e com sono. Enquanto andara fazendo espalhafato, a cabeça cheia de aguardente, desprezara as esfoladuras dos pés. Mas esfriava, e as botinas de vaqueta magoavam-nos em demasia. Arrancou-as, tirou as meias, libertou-se do colarinho, da gravata e do paletó, enrolou tudo, fez um travesseiro, estirou-se no cimento, puxou para os olhos o chapéu de baeta. E adormeceu, com o estômago embrulhado.

Sinha Vitória achava-se em dificuldade: torcia-se para satisfazer uma precisão e não sabia como se desembaraçar. Podia esconder-se no fundo do quadro, por detrás das barracas, para lá dos tamboretas das doceiras. Ergueu-se meio decidida, tornou a acocorar-se. Abandonar os meninos, o marido naquele estado? Apertou-se e observou os quatro cantos com desespero, que a precisão era grande. Escapuliu-se disfarçadamente, chegou a esquina da loja, onde havia um magote de mulheres agachadas. E, olhando as frontarias das casas e as lanternas de papel, molhou o chão e os pés das outras matutas. Arrastou-se para junto da família, tirou do bolso o cachimbo de barro, atochou-o, acendeu-o, largou algumas baforadas longas de satisfação. Livre da necessidade, viu com interesse o formigueiro que circulava na praça, a mesa do leilão, as listas luminosas dos foguetes. Realmente a vida não era má. Pensou com um arrepio na seca, na viagem medonha que fizera em caminhos abrasados, vendo ossos e garranchos. Afastou a lembrança ruim, atentou naquelas belezas. Para a vida ser boa, só faltava à Sinha Vitória uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Suspirou, pensando na cama de varas em que dormia. Ficou ali de cócoras, cachimbando, os olhos e os ouvidos muito abertos para não perder a festa.

Cercò con le mani la moglie e i figli, si accertò che fossero comodi. Una contrazione violenta in gola gli distorse il volto, la bocca gli si riempì di nuovo di saliva. Iniziò a sputare. Si calmò, respirò profondamente, si passò le mani sul filo di barba che aveva sotto le labbra. Gli girava la testa, con un fastidioso ronzio nelle orecchie. Avrebbe giurato che aveva dimostrato il suo valore e che aveva corso un pericolo. E allo stesso tempo pensava di aver commesso un errore. Ora era stanco per il sonno. Dato che aveva dato scandalo, la testa piena di grappa, adesso lo infastidivano le abrasioni sui piedi. Ma si stava raffreddando, e gli stivali di pelle di mucca erano troppo dolorosi.

Se li strappò di dosso, si tolse i calzini, si liberò dal collarino, della cravatta e della giacca, appallottolò il tutto, ne fece un cuscino, disteso sul cemento, si mise sopra gli occhi il cappello di panno. E si addormentò, con lo stomaco che borbottava.

Donna Vittoria si trovava in difficoltà: si torceva per soddisfare l'impellenza ma non sapeva come togliersi dall'imbarazzo. Poteva nascondersi in fondo alla piazza, dietro alle bancarelle, vicino ai banchi di dolci. Si alzò risoluta, poi tornò ad accovacciarsi. Abbandonare i bambini, il marito in quello stato? Si strinse su sé stessa e osservò i quattro angoli con disperazione, dato che l'impellenza era grande. Sgattaiolò mascherandosi, raggiunto l'angolo del negozio, dove c'era un gruppo di donne accovacciate. E, guardando le facciate delle case e le lanterne di carta, bagnò il pavimento ed i piedi delle altre *matutas*. Si trascinò vicino alla famiglia, prese dalla tasca la pipa d'argilla, la bloccò, la accese, liberò alcuni lunghi sbuffi di fumo con soddisfazione. Libera dalla necessità, vide con interesse il formichiere che girava per la piazza, il tavolo dell'asta, i mucchi luminosi dei fuochi d'artificio. In verità la vita non era poi così male. Pensò con un brivido alla siccità, al viaggio tremendo che aveva fatto per sentieri brucianti, vedendo ossa e carcasse. Spazzò via il cattivo ricordo, si concentrò su quelle bellezze. Il brusio della folla era dolce, il nitrire carino dei cavalli non stancava. Affinché la vita potesse essere considerata bella, a Donna Vittoria mancava solo un letto uguale a quello del Signor Tommaso della macina.

Sospirò, pensando al letto di legno dove dormiva. Se ne stava lì accovacciata, fumando la pipa, con gli occhi e le orecchie aperte per non perdere la festa.

Os meninos trocavam impressões cochichando, aflitos com o desaparecimento da cachorra. Puxaram a manga da mãe. Que fim teria levado Baleia? Sinha Vitória levantou o braço num gesto mole e indicou vagamente dois pontos cardeais com o canudo do cachimbo. Os pequenos insistiram. Onde estaria a cachorrinha?

Indiferentes à igreja, às lanternas de papel, aos bazares, às mesas de jogo e aos foguetes, só se importavam com as pernas dos transeuntes. Coitadinha, andava por aí perdida aguentando pontapés.

De repente Baleia apareceu. Trepou-se na calçada, mergulhou entre as saias das mulheres, passou por cima de Fabiano e chegou-se aos amigos, manifestando com a língua e com o rabo um vivo contentamento. O menino mais velho agarrou-a. Estava segura. Tentaram explicar-lhe que tinham tido susto enorme por causa dela, mas Baleia não ligou importância à explicação. Achava é que perdiam tempo num lugar esquisito, cheio de odores desconhecidos. Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo, mas percebeu que não convenceria ninguém e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho dos seus donos.

A opinião dos meninos assemelhava-se à dela. Agora olhavam as lojas, as toldas, a mesa do leilão. E conferenciavam pasmados. Tinham percebido que havia muitas pessoas no mundo. Ocupavam-se em descobrir uma enorme quantidade de objetos. Comunicaram baixinho um ao outro as surpresas que os enchiam. Impossível imaginar tantas maravilhas juntas. O menino mais novo teve uma dúvida e apresentou-a timidamente ao irmão. Seria que aquilo tinha sido feito por gente? O menino mais velho hesitou, espiou as lojas, as toldas iluminadas, as moças bem vestidas. Encolheu os ombros. Talvez aquilo tivesse sido feito por gente. Nova dificuldade chegou-lhe ao espírito soprou-a no ouvido do irmão. Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O menino mais novo interrogou-o com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas. Não tinham sido feitas por gente. E os indivíduos que mexiam nelas cometiam imprudência. Vistas de longe, eram bonitas. Admirados e medrosos, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem.

I ragazzi si scambiavano pareri bisbigliando, afflitti dalla scomparsa della cagnolina. Tirarono la manica della madre. Che fine aveva fatto Baleia? Donna Vittoria alzò il braccio in un gesto morbido e indicò vagamente due punti cardinali con il manico della pipa. I piccoli insisterono. Dov'era la cagnolina? Indifferenti alla chiesa, alle lanterne di carta, alle bancarelle, ai fuochi d'artificio, ai i tavoli da gioco, si interessavano solo alle gambe dei passanti. Poveretta, camminava lì intorno, sperduta, prendendo calci.

Improvvisamente apparve Baleia. Salì sul marciapiede, si immerse nelle gonne delle donne, passò sopra Fabiano e giunse vicino agli amici, dimostrando con la lingua e la coda la contentezza. Il figlio maggiore l'afferrò. Era al sicuro. Cercarono di spiegarle che avevano preso uno spavento, ma Baleia non diede importanza alla spiegazione. Pensava che stavano perdendo tempo in un luogo spaventoso, pieno di odori sconosciuti. Voleva abbaiare, esprimere la sua contrarietà, ma capì che non avrebbe convinto nessuno e si stese, abbassò la coda e si arrese ai capricci dei suoi padroni.

Il pensiero dei bambini assomigliava ai suoi. Ora guardavano i negozi, le bancarelle, il tavolo dell'asta. E parlavano spaventati. Avevano capito che c'erano molte persone al mondo. Si intrattenevano cercando una grande quantità di oggetti. Parlavano a voce bassa, riempiendosi di un sentimento di sorpresa. Era impossibile immaginare così tante meraviglie insieme. Al bambino più piccolo sorse un dubbio e lo presentò timidamente al fratello. Quelle cose erano state costruite dagli uomini? Il fratello maggiore esitò, osservò i negozi, le bancarelle illuminate, le ragazze vestite bene. Alzò le spalle. Forse tutte quelle cose erano state costruite dagli uomini, gli venne in mente un altro dubbio e lo soffiò sull'orecchio del fratello. Molto probabilmente tutte quelle cose avevano un nome. Il più piccolo lo interrogò con gli occhi. Sì, sicuramente tutti gli oggetti preziosi che c'erano nell'altare della chiesa e negli scaffali dei negozi avevano un nome. Si misero a discutere riguardo a questa questione spinosa. Come riuscivano gli uomini a sapere così tante parole? Era impossibile, nessuno sarebbe riuscito a ricordarsi una così vasta gamma di parole. Non sapendo i nomi, le cose restavano distanti, misteriose. Non erano state costruite dagli uomini. E le persone che si interessavano a esse commettevano un'imprudenza. Viste da lontano, erano belle. Ammirati e impauriti, parlavano a voce bassa per non scatenare le strane forze che erano racchiuse negli oggetti.

Baleia cochilava, de quando em quando balançava a cabeça e franzia o focinho. A cidade se enchera de suores que a desconcertavam.

Sinha Vitória enxergava, através das barracas, a cama de seu Tomás da bolandeira, uma cama de verdade.

Fabiano roncava de papo para cima, as abas do chapéu cobrindo-lhe os olhos, o quengo sobre as botinas de vaqueta. Sonhava, agoniado, e Baleia percebia nele um cheiro que o tornava irreconhecível. Fabiano se agitava, soprando. Muitos soldados amarelos tinham aparecido, pisavam-lhe os pés com enormes reiúnas e ameaçavam-no com facões terríveis.

Baleia sonnecchiava, di quando in quando scuoteva la testa e arricciava il musetto. La città era piena di odori che la sconcertavano.

Donna Vittoria sognava, attraverso le bancarelle, il letto del Signor Tommaso della macina, un vero letto.

Fabiano russava dalla punta dei capelli ai piedi, la tesa del cappello gli copriva gli occhi, la testa sopra gli stivali di pelle di mucca. Sognava, agonizzante, e Baleia percepiva in lui un odore che lo rendeva irriconoscibile. Fabiano si agitava, soffiando. Erano apparsi molti soldati gialli, gli pestavano i piedi con grandi stivali e lo minacciavano con terribili spade.

Capítulo IX - Baleia

A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.

Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. Mas Baleia, sempre de mal a pior, roçava-se nas estacas do curral ou metia-se no mato, impaciente, enxotava os mosquitos sacudindo as orelhas murchas, agitando a cauda pelada e curta, grossa na base, cheia de moscas, semelhante a uma cauda de cascavel.

Então Fabiano resolveu matá-la. Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a, limpou-a com o saca-trapo e fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito.

Sinha Vitória fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça e não se cansavam de repetir a mesma pergunta:

- Vão bulir com a Baleia?

Tinham visto o chumbeiro e o polvarinho, os modos de Fabiano afligiam-nos, davam-lhes a suspeita de que Baleia corria perigo.

Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, rebolavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras.

Quiseram mexer na taramela e abrir a porta, mas Sinha Vitória levou-os para a cama de varas, deitou-os e esforçou-se por tapar-lhes os ouvidos prendeu a cabeça do mais velho entre as coxas e espalmou as mãos nas orelhas do segundo. Como os pequenos resistissem, aperreou-se e tratou de subjugá-los, resmungando com energia.

Ela também tinha o coração pesado, mas resignava-se: naturalmente a decisão de Fabiano era necessária e justa. Pobre da Baleia.

Escutou, ouviu o rumor do chumbo que se derramava no cano da arma, as pancadas surdas da vareta na bucha. Suspirou. Coitadinha da Baleia.

Os meninos começaram a gritar e a espernear. E como Sinha Vitória tinha relaxado os músculos, deixou escapar o mais taludo e soltou uma praga:

- Capeta excomungado.

Capitolo IX - Baleia

La cagnolina Baleia stava morendo. Era dimagrita, il pelo le cadeva in diversi punti, le costole in rilievo sul fondo roseo, dove macchie scure suppuravano e sanguinavano, coperte di mosche. Le piaghe e il gonfiore alla bocca le rendevano difficile bere e mangiare.

Per questo Fabiano aveva immaginato che avesse un principio di idrofobia e gli aveva messo al collo un rosario di sambuco e mais bruciato. Ma Baleia stava sempre peggio, si strofinava sullo steccato del porcile o si metteva nella boscaglia, impaziente, scacciava le mosche sbattendo le orecchie avvizzite, sbattendo la coda corta e senza pelo, grossa alla base, piena di mosche, simile alla coda di un serpente a sonagli.

Quindi Fabiano decise di ucciderla. Andò a cercare il fucile, lo fregò, lo pulì con il cava stracci e aveva intenzione di usarlo in modo che la cagnolina non soffrisse troppo.

Donna Vittoria si chiuse nella stanzetta, consolando i bambini spaventati, che prevedevano la disgrazia e non si stancavano di ripetere la stessa domanda:

- Potremo giocare con Baleia?

Avevano visto il proiettile di piombo e la polvere da sparo, gli atteggiamenti di Fabiano li affliggevano, gli facevano sospettare che Baleia fosse in pericolo.

Lei era un membro della famiglia: i tre giocavano insieme, per meglio dire non c'erano differenze tra loro, si rotolavano sulla sabbia del fiume e nel letame morbido che aumentava, minacciando di ricoprire lo stabbio degli ovini.

Volevano muoversi nella nottola e aprire la porta, ma Donna Vittoria li portò sul letto di legno, li stese e faticò per tappargli le orecchie, prese tra le cosce la testa del più grande e mise le mani nelle orecchie del minore. Siccome i bambini opposero resistenza si scoccò e tentò di sottometerli, borbottando con energia.

Anche lei aveva il cuore pesante, ma si rassegnava: ovviamente la decisione di Fabiano era necessaria e giusta. Povera Baleia.

I bambini cominciarono a gridare e scalcia. E siccome Donna Vittoria aveva rilassato i muscoli, si lasciò scappare il più grande e le sfuggì un imprecazione:

- Diavolo, disgraziato.

Na luta que travou para segurar de novo o filho rebelde, zangou-se de verdade.

Safadinho. Atirou um cocorote ao crânio enrolado na coberta vermelha e na saia de ramagens. Pouco a pouco a cólera diminuiu, e Sinha Vitória, embalando as crianças, enjoou-se da cadela achacada, gargarejou muxoxos e nomes feios. Bicho nojento, babão. Inconveniência deixar cachorro doido solto em casa. Mas compreendia que estava sendo severa demais, achava difícil Baleia endoidecer e lamentava que o marido não houvesse esperado mais um dia para ver se realmente a execução era indispensável.

Nesse momento Fabiano andava no copiar, batendo castanholas com os dedos.

Sinha Vitória encolheu o pescoço e tentou encostar os ombros às orelhas. Como isto era impossível, levantou os, braços e, sem largar o filho, conseguiu ocultar um pedaço da cabeça.

Fabiano percorreu o alpendre, olhando a baraúna e as porteiras, açulando um cão invisível contra animais invisíveis:

- Eco! eco!

Em seguida entrou na sala, atravessou o corredor e chegou à janela baixa da cozinha. Examinou o terreiro, viu Baleia coçando-se a esfregar as peladuras no pé de turco, levou a espingarda ao rosto. A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se mais alguns passos. Ao chegar as catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos traseiros e inutilizou uma perna de Baleia, que se pos a latir desesperadamente.

Ouvindo o tiro e os latidos, Sinha Vitória pegou-se à Virgem Maria e os meninos rolaram na cama, chorando alto. Fabiano recolheu-se.

E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às panelas de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés. Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-se para o chiqueiro das cabras. Demorou-se aí um instante, meio desorientada, saiu depois sem destino, aos pulos.

Nella lotta per rimettere al suo posto il figlio ribelle, si arrabbiò veramente. Mascalone. Tirò uno schiaffo sulla testa arrotolata sulla gonna rossa di stracci. Poco a poco la rabbia diminuì e Donna Vittoria, cullati i bambini, nauseata dalla cagnolina ammalata, borbottò imprecazioni e brutti appellativi. Animale schifoso, bavoso. Non era conveniente lasciare libero in casa un cane ammalato. Ma capiva che era troppo severa, le sembrava impossibile che Baleia si fosse ammalata e rimproverava al marito di non aver aspettato un giorno in più per accertarsi che l'esecuzione fosse inevitabile. In quel momento Fabiano stava camminando nella veranda, schioccando le dita come nacchere. Donna Vittoria raccolse il mento e cercò di stringere le spalle sulle orecchie. Dato che non ci riusciva, alzò le gonne e senza allontanare i figli riuscì a nascondere un pezzo di testa.

Fabiano percorse la tettoia, guardando la *barauna* e i cancelli, aizzando un cane invisibile dietro ad animali invisibili:

- Ecô! Ecô!

In seguito entrò nella stanza, attraversò il corridoio e arrivò alla finestra bassa della cucina. Esaminò il porcile, vide Baleia grattarsi rotolando le parti senza *pelo al pe de turco*, portò il fucile al volto. La cagnolina scrutò il padrone sfiduciata, si avvolse attorno al tronco, e cercò di evitarlo, fino a trovarsi sull'altro lato dell'albero, nascosta e restia, mostrando solo le pupille nere. Annoiato da questa manovra, Fabiano saltò la finestra, si ritirò lungo la recinzione del porcile, si fermò nel muro d'angolo e alzò nuovamente il fucile al volto. Dato che l'animale gli stava di fronte e non sembrava ben disposto, si avvicinò ancora di qualche passo. Quando arrivò alle *catigueiras*, cambiò la mira e schiacciò il grilletto. Il colpo raggiunse la zampa posteriore e mise fuori gioco una zampa di Baleia, che si mise a latrare disperatamente.

Sentendo lo sparo e i latrati, donna Vittoria si rivolse alla Vergine Maria e i bambini si rotolarono sul letto, piangendo ad alta voce. Fabiano si accovacciò.

Baleia fuggì di corsa, fece il giro del porcile, entrò nel giardinetto di sinistra, passò vicino ai garofani e ai vasi di spezie, si mise su un buco del muro e giunse al patio, correndo a tre piedi. Si diresse verso la veranda, ma temendo di incontrare Fabiano si allontanò verso il recinto della capre. Si fermò lì un istante, mezza disorientata, poi uscì verso il suo destino, senza meta.

Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo. Quis recuar e esconder-se debaixo do carro, mas teve medo da roda Encaminhou-se aos juazeiros. Sob a raiz de um deles havia uma barroca macia e funda. Gostava de espojar-se ali: cobria-se de poeira, evitava as moscas e os mosquitos, e quando se levantava, tinha folhas secas e gravetos colados as feridas, era um bicho diferente dos outros.

Caiu antes de alcançar essa cova arredada. Tentou erguer-se, endireitou a cabeça e estirou as pernas dianteiras, mas o resto do corpo ficou deitado de banda. Nesta posição torcida, mexeu-se a custo, ralando as patas, cravando as unhas no chão, Uma sede horrível queimava-lhe a garganta. Procurou ver as pernas e não as distinguiu: um nevoeiro impedia-lhe a visão. Pôs-se a latir e desejou morder Fabiano. Realmente não latia: uivava baixinho, e os uivos iam diminuindo, tornavam-se quase imperceptíveis.

Como o sol a encandeasse, conseguiu adiantar-se umas polegadas e escondeu-se numa nesga de sombra que ladeava a pedra.

Olhou-se de novo, aflita. Que lhe estaria acontecendo? O nevoeiro engrossava e aproximava-se.

Sentiu o cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha, fraco e havia nele partículas de outros viventes. Parecia que o morro se tinha distanciado muito. Arregaçou o focinho, aspirou o ar lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade.

Começou a arquejar penosamente, fingindo ladrar. Passou a língua pelos beiços torrados e não experimentou nenhum prazer. O olfato cada vez mais se embotava: certamente os preás tinham fugido.

Esqueceu-os e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, com um objeto esquisito na mão. Não conhecia o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas desagradáveis. Fez um esforço para desviar-se daquilo e encolher o rabo. Cerrou as pálpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.

Dietro al carro dei buoi perse la zampa posteriore. E perdendo molto sangue, camminò come le persone, a due zampe, trascinando con difficoltà la parte posteriore. Voleva tornare indietro e nascondersi sotto il carro, ma aveva paura della ruota. Si incamminò verso i *juazeiros*. Sopra la radice di uno di loro c'era un incavo grande e profondo. Le piaceva riposarsi lì: si copriva di polvere, evitava le mosche e le zanzare, e quando si alzava aveva foglie secche attaccate alla ferita, era un animale diverso dagli altri.

Cadde prima di raggiungere questo nascondiglio. Tentò di alzarsi, alzò la testa e si stirò le zampe anteriori, ma il resto del corpo restava a terra. In questa posizione storta, si mosse con fatica, grattando le zampe, scavando con le unghie il suolo, aggrappandosi ai sassolini. Infine scoraggiata si acquietò vicino alle pietre dove i bambini giocavano con i serpenti morti. Una sete terribile le bruciava la gola. Cercò di vedere le gambe ma non le distinse: una nebbia le impediva di vederle. Si mise a latrare e voleva mordere Fabiano. In verità non latrava: uggiolava piano, e i mugolii erano sempre più deboli, diventavano quasi impercettibili.

Come se il sole la incendiassero, riuscì ad avanzare alcuni pollici e si nascose su un lembo di un'ombra che stava a lato della pietra.

Si guardò di nuovo afflitta. Cosa le stava succedendo? La nebbia si ingrandiva e avvicinava sempre più.

Sentì il buon'odore delle prede che scendevano dalla collina, ma il profumo arrivava, debole e portava con sé particelle di altri esseri viventi. Sembrava che la collina si stesse allontanando di molto. Raccolse il musetto, ispirò lentamente l'aria, voleva risalire la collina per inseguire le prede, che saltavano e correvano in libertà.

Cominciò a ansimare penosamente, fingendo di abbaiare. Si passò la lingua sopra le labbra secche e non ne trasse alcun piacere. L'olfatto ogni volta si attenuava: di sicuro le prede erano fuggite.

Le dimenticò e le venne di nuovo voglia di mordere Fabiano, che le apparve davanti agli occhi mezzi vitrei, con un oggetto spaventoso tra le mani. Fece uno sforzo per evitarlo e raccolse la coda. Chiuse le palpebre pesanti e giudicò che la coda era raccolta. Non sarebbe riuscita a mordere Fabiano: era nata vicino a lui, in una cameretta, sopra il letto di legno, e aveva consumato la sua esistenza in sottomissione, abbaiando per riunire il bestiame quando il vaccaro batteva le mani.

O objeto desconhecido continuava a ameaçá-la. Conteve a respiração, cobriu os dentes, espiou o inimigo por baixo das pestanas caídas. Ficou assim algum tempo, depois sossegou. Fabiano e a coisa perigosa tinham-se sumido.

Abriu os olhos a custo. Agora havia uma grande escuridão, com certeza o sol desaparecera.

Os chocalhos das cabras tilintaram para os lados do rio, o fartum do chiqueiro espalhou-se pela vizinhança.

Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.

Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde Sinha Vitória guardava o cachimbo.

Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, cercava a criaturinha. Silêncio completo, nenhum sinal de vida nos arredores. O galo velho não cantava no poleiro, nem Fabiano roncava na cama de varas. Estes sons não interessavam Baleia, mas quando o galo batia as asas e Fabiano se virava, emanações familiares revelavam-lhe a presença deles. Agora parecia que a fazenda se tinha despovoado.

Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.

Provavelmente estava na cozinha, entre as pedras que serviam de trempe. Antes de se deitar, Sinha Vitória retirava dali os carvões e a cinza, varria com um molho de vassourinha o chão queimado, e aquilo ficava um bom lugar para cachorro descansar. O calor afugentava as pulgas, a terra se amaciava. E, findos os cochilos, numerosos preás corriam e saltavam, um formigueiro de preás invadia a cozinha.

L'oggetto sconosciuto continuava a minacciarla. Trattenne il respiro, scopri i denti, scrutò il nemico da sotto le ciglia pesanti. Rimase così per un po' di tempo, poi si calmò. Fabiano e la cosa paurosa diventavano un tutt'uno.

Aprì gli occhi a fatica. Ora c'era una grande oscurità, di sicuro il sole era sparito.

I campanacci delle capre suonavano sulle rive del fiume, il puzzo del porcile si espandeva nei dintorni.

Baleia si spaventò. Cosa ci facevano gli animali liberi di notte? Il suo dovere era alzarsi, condurli all'abbeveratoio. Arriccì il naso, cercando di distinguere i bambini. Era strana la loro assenza.

Non si ricordava di Fabiano. Era successo un disastro, ma Baleia non attribuiva a questo l'impotenza nella quale si trovava né si accorgeva che era libera da ogni responsabilità. Un'angustia le strinse il piccolo cuore. Doveva sorvegliare le capre: a quell'ora l'odore dei puma stava aleggiando sulle rive, doveva ispezionare. Gli argini rinforzati si allontanavano. Per fortuna i bambini dormivano sulle stuoie, sotto il *carito* dove Donna Vittoria teneva la pipa.

Una notte d'inverno, gelata e nevosa, si stava avvicinando alla creaturina. Silenzio profondo, nessun segno di vita nei dintorni. Il vecchio gallo non cantava nel pollaio, nemmeno Fabiano russava sul letto di legno. Questi suoni non interessavano Baleia, ma quando il gallo batteva le ali e Fabiano si girava, erano gesti famigliari che le facevano sentire la loro presenza. Adesso sembrava che la fazenda fosse diventata deserta.

Beleia respirava in fretta, la bocca aperta, la lingua penzoloni insensibile. Non sapeva quello che era successo. Lo scoppio, la botta che aveva preso dietro e il difficile viaggio fino al porcile, giunta alla fine del patio svanirono dalla sua mente.

Probabilmente era in cucina, tra le pietre che fungevano da focolare. Prima di stendersi, Donna Vittoria tirava via le braci e la cenere, spazzava con il fascio di una scopetta il suolo bruciato, e quello diventava un buon posto per riposare per un cane. Il calore faceva fuggire le pulci, la terra si calmava. E ridestatasi dal torpore, numerose prede correvano e saltavano, un formicaio di prede invase la cucina.

A tremura subia, deixava a barriga e chegava ao peito de Baleia. Do peito para trás era tudo insensibilidade e esquecimento. Mas o resto do corpo se arrepiava, espinhos de mandacaru penetravam na carne meio comida pela doença.

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente Sinha Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Il tremore saliva, lasciava la pancia e saliva al petto della cagnolina. Dal petto in giù era tutta insensibilità e oblio. Ma il resto del corpo rabbriviva, spine e *mandacarus* penetravano nella carne intaccata dalla malattia.

Baleia appoggiò la testa affaticata alla pietra. La pietra era fredda, sicuramente Donna Vittoria aveva lasciato che il fuoco si spegnesse molto presto.

Baleia voleva dormire. Si sarebbe svegliata felice, in un mondo pieno di prede. Avrebbe lambito le mani di Fabiano, un Fabiano enorme. I bambini avrebbero giocato con lei, avrebbero rotolato con lei in un patio enorme, un porcile enorme. Il mondo sarebbe rimasto pieno di prede, grasse, enormi.

Capítulo X - Contas

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito.

Se pudesse economizar durante alguns meses, levantaria a cabeça. Forjara planos. Tolice, quem é do chão não se trepa. Consumidos os legumes, roídas as espigas de milho, recorria a gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortes, Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engolia em seco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se: Aceitava o cobre e ouvia conselhos. Era bom pensar no futuro, criar juízo. Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchando. De repente estourava

- Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

Capitolo X - Conti

Fabiano riceveva come quota la quarta parte dei vitelli e la terza delle capre. Ma siccome non aveva un terreno da coltivare, seminava solo un pugno di fagioli e mais nei terreni incolti, e si cibava di animali, li macellava, non faceva in tempo nemmeno a ferrare un caprone o marcare l'orecchio di un capretto.

Se fossero riusciti a fare economia per alcuni mesi, sarebbe riuscito a risollevarla la testa. Avrebbe fatto progetti. Sciocchezze, chi appartiene alla terra non può cambiare. Lì consumavano. Legumi, spighe di grano mezze masticate, dava fondo alle riserve del padrone, vendeva a basso prezzo prodotti di ogni sorta. Brontolava, borbottava, cercava di cavarsela con le poche risorse che aveva, inghiottiva, mandava giù a vuoto. Era fiscale con il prossimo, in maniera da non poter essere derubato. Temeva di poter essere cacciato dalla fazenda. E si arrendeva. Accettava la paga e ascoltava i consigli. Era meglio pensare al futuro, metter su giudizio. Restava a bocca aperta, rosso, con il collo gonfio. E poi all'improvviso scoppiò:

- Parole. Il denaro va a cavallo e nessuno può vivere senza mangiare. Chi viene dalla terra non può cambiare.

Poco a poco il ferro del proprietario marchiava tutti gli animali di Fabiano. E quando non aveva più animali da vendere, il sertanejo si indebitava. Al momento del pagamento della quota, restava immobile, e quando si facevano i conti veniva pagato una sciocchezza.

Tanto questa volta come le altre. Fabiano sistemò il bestiame, si pentì della decisione presa, così lasciò il passaggio ancora bloccato e andò a consultare la moglie. Donna Vittoria mandò i bambini nella stalla, si sedette in cucina, si concentrò, stese sul pavimento semi di diversa specie, fece somme e sottrazioni. Il giorno seguente Fabiano tornò in città, ma al chiudere la trattativa vide che come al solito i calcoli di Donna Vittoria erano molto diversi da quelli del padrone. Reclamò e ottenne sempre la solita risposta: la differenza era dovuta agli interessi.

Non fu soddisfatto della risposta: doveva esserci uno sbaglio. Lui era un ignorante, sì signore, si vedeva che era un ignorante, ma la moglie aveva cervello. Di sicuro erano i conti del padrone ad essere sbagliati. Non riuscì ad individuare l'errore, così Fabiano perse le staffe. Aveva trascorso tutta la sua vita così, a dare quello che era suo ai privilegiati. Era giusto così? Lavorare come un mulo e non avere mai ottenuto la libertà.

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda. Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à-toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo. Na porta, virando-se, enganchou as rosetas das esporas, afastou-se tropeçando, os sapatões de couro cru batendo no chão como cascos.

Foi até a esquina, parou, tomou fôlego. Não deviam tratá-lo assim. Dirigiu-se ao quadro lentamente. Diante da bodega de seu Inácio virou o rosto e fez uma curva larga. Depois que acontecera aquela miséria, temia passar ali. Sentou-se numa calçada, tirou do bolso o dinheiro, examinou-o, procurando adivinhar quanto lhe tinham furtado. Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza.

- Ladroeira.

Nem lhe permitiam queixas. Porque reclamara, achara a coisa uma exorbitância, o branco se levantara furioso, com quatro pedras na mão. Para que tanto espalhafato?

- Hum! hum!

Recordou-se do que lhe sucedera anos atrás, antes da seca, longe. Num dia de apuro recorrera ao porco magro que não queria engordar no chiqueiro e estava reservado às despesas do Natal: matara-o antes de tempo e fora vendê-lo na cidade. Mas o cobrador da prefeitura chegara com o recibo e atrapalhara-o. Fabiano fingira-se desentendido: não compreendia nada, era bruto. Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto, tentara convencê-lo de que ali não havia porco, havia quartos de porco, pedaços de carne. O agente se aborrecera, insultara-o, e Fabiano se encolhera.

Il padrone si arrabbiò, non ammise l'insolenza, pensò fosse meglio che il vaccaro cercasse lavoro in un'altra fazenda.

A quel punto Fabiano abbassò il tiro, si intimidì. Bene, bene. Non doveva fare storie. Chiese scusa qualora avesse detto qualcosa di troppo. Era un ignorante, non era stato istruito. La sua non era insolenza, sapeva stare al proprio posto. Una capra. Era andato là per attaccare briga con gente ricca? Bruto, sì signore, ma sapeva rispettare il prossimo. Doveva essere stato un errore della moglie, probabilmente era un errore della moglie. I suoi conti lo avevano lasciato perplesso. Ma infine, siccome non sapeva leggere (sì signore era un rozzo), aveva creduto a sua moglie. Ma si scusava e giurò di non commettere più lo stesso errore. Il padrone si ammorbì, Fabiano si girò di spalle, il cappello tenuto in basso spazzando i mattoni del pavimento. Sulla porta, si girò, si agganciò le rosette degli speroni, si allontanò incespicando, gli stivali di pelle grezza che battevano al suolo come zoccoli.

Arrivato all'angolo, si fermò e prese un respiro. Non dovevano trattarlo così. Si diresse verso la piazza. Davanti alla bottega del Signor Ignazio si girò e fece la curva larga. Dopo il fattaccio, aveva paura di passare per di lì. Si sedette sul marciapiede, tirò fuori i soldi dalla tasca, li esaminò, cercando di capire quanti soldi gli avevano rubato. Non poteva dire a voce alta che quello era un furto, ma lo era. Prendevano il bestiame quasi gratis e ancora inventavano storie. Ma quali interessi! Era cattiveria.

- Un furto

Non gli era permesso reclamare. Il bianco si era alzato in piedi furioso, con quattro pietre in mano, perché si era lamentato pensando che fosse un'esagerazione. Perché tanto scalpore?

- Hum! Hum!

Si ricordò di quello che gli era successo anni fa, prima della siccità, lontano nel tempo. Nei giorni di magra era ricorso al porco magro che non voleva ingrassare che aveva nel porcile e che era stato riservato alle feste di Natale: lo aveva ucciso prima del tempo e era andato a venderlo in città. Ma l'esattore della prefettura arrivò con una ricevuta che lo ostacolava. Fabiano finse di non capire: non capiva niente, era un grezzo. Mentre l'altro gli spiegava che non poteva vendere il maiale, perché doveva pagare un'imposta, tentò di convincerlo che non c'era nessun maiale, c'erano pezzi di maiale, pezzi di carne. L'agente si era infastidito, lo aveva insultato, e Fabiano si era fatto piccolo.

Bem, bem. Deus o livrasse de história com o governo. Julgava que podia dispor dos seus troços. Não entendia de imposto.

- Um bruto, está percebendo?

Supunha que o cevado era dele. Agora se a prefeitura tinha uma parte, estava acabado. Pois ia voltar para casa e comer a carne. Podia comer a carne? Podia ou não podia? O funcionário batera o pé agastado e Fabiano se desculpara, o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo:

- Quem foi que disse que eu queria brigar? O melhor é a gente acabar com isso. Despedira-se, metera a carne no saco e fora vendê-la noutra rua, escondido.

Mas, atracado pelo cobrador, gemera no imposto e na multa. Daquele dia em diante não criara mais porcos. Era perigoso criá-los.

Olhou as cédulas arrumadas na palma, os níqueis e as pratas, suspirou, mordeu os beiços. Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia com a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos.

Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada!

Espalhou a vista pelos quatro cantos. Além dos telhados, que lhe reduziam o horizonte, a campina se estendia, seca e dura. Lembrou-se da marcha penosa que fizera através dela, com a família, todos esmolambados e famintos. Havia escapado, e isto lhe parecia um milagre. Nem sabia como tinham escapado. Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliaava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa.

- Um dia um homem faz besteira e se desgraça.

Pois não estavam vendo que ele era de carne e osso? Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família.

Bene, bene. Dio lo liberi da aver problemi con la legge. Pensava di poter disporre dei suoi pezzi di carne. Non capiva l'imposta fiscale.

- Un rozzo, lo capisce?

Supponeva che il grasso fosse suo. Ora se la prefettura se ne prendeva una parte, era finito. Allora sarebbe tornato a casa a mangiare la carne. Poteva mangiare carne? Poteva o non poteva? L'ufficiale batteva il piede infastidito e Fabiano si scusava, il cappello di pelle in mano, la schiena ricurva:

- Chi ha detto che volevo litigare? Forse è meglio finirla qua.

Si era congedato, aveva messo la carne in borsa e era andato a venderla in un'altra strada, nascosto. Ma, attaccato ancora una volta dall'esattore, gemette per l'imposta e la multa. Da quel giorno in poi non aveva più allevato maiali. Era rischioso allevarli.

Osservò le monete che aveva in mano, il nichel e il rame, sospirò, si morse un labbro. Non aveva il diritto di protestare. Abbassava la cresta. Se non l'avesse abbassata, avrebbe dovuto lasciare la terra, allontanarsi con la moglie, i figli piccoli e il legname. Ma dove? Eh? Dove avrebbe potuto portare moglie e figli? Non aveva niente.

Volse lo sguardo all'orizzonte. Oltre i tetti che gli riducevano il campo visivo, si estendeva la pianura, secca e arida. Si ricordò del viaggio penoso che aveva fatto attraverso essa, con la famiglia, pieni di stracci e affamati. Erano scappati, e già questo per loro era un miracolo. Non sapeva nemmeno come erano riusciti a fuggire.

Se avesse potuto cambiare zona, avrebbe urlato a squarciagola che lo derubavano. Apparentemente rassegnato, sentiva un odio profondo verso chiunque, la campagna, il padrone, i soldati e gli ufficiali della prefettura. In verità tutto era contro di lui. Ci era abituato, aveva una scorza molto dura, ma a volte si ammorbidiva. Non aveva la pazienza necessaria per sopportare tutte queste cose.

- Un uomo fa una sola stupidaggine e cade in disgrazia.

Non vedevano che era fatto di carne e ossa? Era obbligato a lavorare per gli altri, ovviamente, conosceva il suo posto. Bene. Era nato con questo scritto nel suo destino, nessuno aveva colpa se lui era nato sotto una cattiva stella. Che fare? Poteva cambiare il fato? Se gli avessero detto che poteva migliorare la situazione, si sarebbe spaventato. Era venuto al mondo per ammaestrare selvaggi, curare con le erbe, costruire recinzioni dall'inverno all'estate. Era destinato. Il padre era vissuto così, e anche il nonno. E prima non c'era stata famiglia con un lavoro diverso.

Cortar mandacaru, ensebar látégos - aquilo estava no sangue. Conformava-se, não pretendia mais nada. Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos? Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem com semelhantes porcarias.

Na palma da mão as notas estavam úmidas de suor. Desejava saber o tamanho da extorsão. Da última vez que fizera contas com o amo o prejuízo parecia menor. Alarmou-se. Ouvira falar em juro e em prazos. Isto lhe dera uma impressão bastante penosa: sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado. Sobressaltava-se escutando-as. Evidentemente só serviam para encobrir ladroeiras. Mas eram bonitas. As vezes decorava algumas e empregava-as fora do propósito. Depois esquecia-as. Para que um pobre da laia dele usar conversa de gente rica? Sinha Terta é que tinha uma ponta de língua terrível. Era: falava quase tão bem como as pessoas da cidade. Se ele soubesse falar como Sinha Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se. Não sabia. Nas horas de aperto dava para gaguejar, embaraçava-se como um menino, coçava os cotovelos, aperreado. Por isso esfolavam-no. Safados. Tomar as coisas de um infeliz que não tinha onde cair morto! Não viam que isso não estava certo? Que iam ganhar com semelhante procedimento?

Hem? Que iam ganhar?

- An!

Agora não criava porco e queria ver o tipo da prefeitura cobrar dele imposto e multa. Arrancavam-lhe a camisa do corpo e ainda por cima davam-lhe facão e cadeia. Pois não trabalharia mais, ia descansar.

Talvez não fosse. Interrompeu o monólogo, levou uma eternidade contando e recontando mentalmente o dinheiro. Amarrotou-o com força, empurrou-o no bolso raso da calça, meteu na casa estreita o botão de osso. Porcaria.

Levantou-se, foi até a porta de uma bodega, com vontade de beber cachaça.

Como havia muitas pessoas encostadas ao balcão, recuou. Não gostava de se ver no meio do povo. Falta de costume. As vezes dizia uma coisa sem intenção de ofender, entendiam outra, e lá vinham questões.

Tagliare *mandacarus*, costruire fruste – ce lo aveva nel sangue. Si adeguava. Non pretendeva niente, se gli avessero dato ciò che gli apparteneva, andava bene. Ma non era così. Era uno sfortunato, era come un cane, riceveva solo ossi. Perché gli uomini ricchi gli prendevano anche una parte di ossa? Era quasi nauseato dal fatto che persone importanti si occupassero di simili porcherie.

Le banconote che teneva in mano erano umide. Voleva sapere l'entità dell'estorsione. Rispetto l'ultima volta che aveva fatto i conti con il padrone il danno sembrava minore. Si allarmò. Aveva sentito parlare di imposte e interessi. Questo gli dava una brutta impressione: tutte le volte che gli uomini colti gli dicevano parole difficili, ne usciva logorato. Sobbalzava al sentirle. Evidentemente servivano solo per nascondere dei furti. Ma erano belle. A volte ne ripeteva qualcuna e la infilava in qualche frase a sproposito. Poi le dimenticava. Per quale motivo un poveretto del suo calibro parlava come la gente ricca? Donna Terta non aveva peli sulla lingua. Era così: parlava bene quasi come la gente di città. Se fosse riuscito a parlare come Donna Terta, avrebbe cercato lavoro in un'altra fazenda, avrebbe avuto di che arrangiarsi. Non sapeva. Al momento di parlare balbettava, si imbarazzava come un bambino, sbatteva i gomiti, cercando di prendere aria. Per questo lo spennavano. Maledetti. Prendere qualcosa a uno che non aveva nemmeno di che campare! Non vedevano che così non andava bene? Cosa avrebbero guadagnato da una simile azione? Eh? Cosa ne avrebbero guadagnato?

- An!

Adesso non allevava maiali e voleva vedere la prefettura coprirlo di imposte e multe. Gli toglievano la camicia di dosso e per di più lo pestavano e sbattevano in cella. Dopo non avrebbe lavorato, sarebbe andato a riposare. Forse non poteva. Interruppe il monologo, impiegò un'eternità contando e ricontando il denaro. Li sparpagliò, li mise nella tasca dei pantaloni, mise in tasca un misero osso. Porcheria.

Si alzò, andò fino alla porta di una bottega, voleva bere cachaça. Poiché c'erano molte persone appoggiate al bancone, indietreggiò. Non gli piaceva trovarsi in mezzo alla gente. Non era abituato. A volte diceva delle cose senza voler offendere, ne capivano un'altra, ne nascevano discussioni.

Perigoso entrar na bodega. O único vivente que o compreendia era a mulher. Nem precisava falar : bastavam os gestos. Sinha Terta é que se explicava como gente da rua. Muito bom uma criatura ser assim, ter recurso para se defender. Ele não tinha. Se tivesse, não viveria naquele estado.

Um perigo entrar na bodega. Estava com desejo de beber um quarteirão de cachaça, mas lembrava-se da última visita feita à venda de seu Inácio. Se não tivesse tido a ideia de beber, não lhe haveria sucedido aquele desastre. Nem podia tomar uma pinga descansado. Bem. Ia voltar para casa e dormir.

Saiu lento, pesado, capiongo, as rosetas das esporas silenciosas. Não conseguiria dormir. Na cama de varas havia um pau com um nó, bem no meio. Só muito cansaço fazia um cristão acomodar-se em semelhante dureza. Precisava fatigar-se no lombo de um cavalo ou passar o dia consertando cercas. Derreado, bambo espichava-se e roncava como um porco. Agora não lhe seria possível fechar os olhos. Rolaria a noite inteira sobre as varas, matutando naquela perseguição. Desejaria imaginar o que ia fazer para o futuro. Não ia fazer nada. Matar-se-ia no serviço e moraria numa casa alheia, enquanto o deixassem ficar. Depois sairia pelo mundo, iria morrer de fome na catinga seca.

Tirou do bolso o rolo de fumo, preparou um cigarro com a faca de ponta. Se ao menos pudesse recordar-se de fatos agradáveis, a vida não seria inteiramente má.

Deixara a rua. Levantou a cabeça, viu uma estrela, depois muitas estrelas. As figuras dos inimigos esmoreceram. Pensou na mulher, nos filhos e na cachorra morta. Pobre de Baleia. Era como se ele tivesse matado uma pessoa da família.

Era un pericolo entrare nel negozio. L'unico essere vivente che lo capiva era la moglie. Non aveva nemmeno bisogno di parlare: bastavano i gesti. Donna Terta era quella che parlava come la gente di città. Era meglio per una persona essere come lei, avere mezzi per difendersi. Lui non ce l'aveva. Se ci fosse riuscito, non sarebbe vissuto così. Era un pericolo metter piede nella bottega. Aveva voglia di bere un quartino di grappa, ma ancora ricordava l'ultima visita fatta alla bottega del Signor Ignazio. Se non avesse avuto l'idea di bere, non gli sarebbe successa quella disgrazia. Non poteva nemmeno bere una *pinga* riposando. Bene. Sarebbe tornato a casa a dormire.

Uscì lento, pesante, infelice, le rosette degli speroni silenziose. Non sarebbe riuscito a dormire. Nel letto c'era un bastone con un nodo, che stava al centro. Solo molta stanchezza avrebbe fatto riposare un povero cristiano su una durezza del genere. Doveva stancarsi in groppa al cavallo o passare il giorno a riparare recinzioni. Distrutto, stanco si buttava a dormire e russava come un maiale. Ora non sarebbe riuscito a chiudere occhio. Si sarebbe girato tutta la notte sulle tavole di legno, inveendo contro quella maledizione. Avrebbe voluto sapere cosa fare in futuro. Non avrebbe fatto niente. Si sarebbe ucciso a forza di lavoro in una casa non sua, per tutto il tempo in cui avrebbe prestato servizio. Dopo sarebbe andato in giro per il mondo, a morire di fame nella *catanga* secca.

Tirò fuori il rotolo di tabacco, preparò una sigaretta con il coltello. Se almeno avesse potuto ricordarsi qualcosa di gradevole, la vita non sarebbe stata così brutta.

Lasciò la strada. Alzò la testa, vide una stella, dopo molte stelle. Le immagini dei nemici se ne andarono. Pensò alla moglie, ai figli e alla cagnolina ormai morta. Povera Baleia. Era come se avesse ucciso un membro della famiglia.

Capítulo XI - O Soldado Amarelo

Fabiano meteu-se na vereda que ia desembocar na lagoa seca, torrada, coberta de catingueiras e capões de mato. Ia pesado, o alo cheio a tiracolo, muitos látegos e chocalhos pendurados num braço. O facão batia nos tocos.

Espiava o chão como de costume, decifrando rastros. Conheceu os da égua ruça e da cria, marcas de cascos grandes e pequenos. A égua ruça, com certeza. Deixara pêlos brancos num tronco de angico. Urinara na areia e o mijo desmanchara as pegadas, o que não aconteceria se se tratasse de um cavalo.

Fabiano ia desprecitado, observando esses sinais e outros que se cruzavam, de viventes menores. Corcunda, parecia farejar o solo e a catinga deserta animava-se, os bichos que ali tinham passado voltavam, apareciam-lhe diante dos olhos miúdos.

Seguiu a direção que a égua havia tomado. Andara cerca de cem braças quando o cabresto de cabelo que trazia no ombro se enganchou num pé de quipá. Desembaraçou o cabresto, puxou o facão, pôs-se a cortar as quipás e as palmatórias que interrompiam a passagem.

Tinha feito um estrago feio, a terra se cobria de palmas espinhosas. Deteve-se percebendo rumor de garranchos, voltou-se e deu de cara com o soldado amarelo que, um ano antes, o levara a cadeia, onde ele agüentara uma surra e passara a noite. Baixou a arma. Aquilo durou um segundo. Menos: durou uma fração de segundo. Se houvesse durado mais tempo, o amarelo teria caído esperneando na poeira, com o quengo rachado. Como o impulso que moveu o braço de Fabiano foi muito forte, o gesto que ele fez teria sido bastante para um homicídio se outro impulso não lhe dirigisse o braço em sentido contrário. A lâmina parou de chofre, junto à cabeça do intruso, bem em cima do boné vermelho. A princípio o vaqueiro não compreendeu nada. Viu apenas que estava ali um inimigo. De repente notou que aquilo era um homem e, coisa mais grave, uma autoridade. Sentiu um choque violento, deteve-se, o braço ficou irresoluto, bambo, inclinando-se para um lado e para outro.

O soldado, magrinho, enfezadinho, tremia. E Fabiano tinha vontade de levantar o facão de novo. Tinha vontade, mas os músculos afrouxavam. Realmente não quisera matar um cristão: procedera como quando, a montar brabo, evitava galhos e espinhos.

Capitolo XI – Il soldato giallo

Fabiano si mise a camminare sul sentiero che sbucava alla laguna secca, bruciata, piena di *catingueiras* e cespugli. Pesante con la bisaccia a tracolla, con tante fruste e campanacci che gli pendevano al braccio. Il coltello che batteva sui ceppi. Come al solito scrutava il terreno in cerca di tracce. Riconobbe quelle di una cavalla *egua* con il suo puledro, tracce di zoccoli grandi e piccoli. Una cavalla *egua*, di sicuro. Aveva lasciato del pelo bianco su un tronco di *angico*. Aveva urinato sulla sabbia e il liquido aveva coperto le tracce, quello che non sarebbe successo se fosse stato uno stallone.

Fabiano camminava incurante, osservando questi e quei segnali di animali più piccoli che si incrociavano. Triste, sembrava fiutare il terreno – e la *catanga* deserta si animava, gli animali che erano passati di lì tornavano, e gli apparvero davanti ai suoi piccoli occhi.

Prese la direzione che aveva preso la cavalla. Camminava circa da cento braccia quando la cavezza che portava in spalla si agganciò a un piede di *quipá*. Sbrogliò la cavezza, prese il coltello, si mise a tagliare i *quipas* e le liane che gli impedivano il passaggio.

Aveva fatto un macello, la terra era ricoperta di palme spinose. Si fermò sentendo un rumore di rami, si voltò e si trovò davanti il soldato giallo, un anno prima, lo aveva portato in cella, dove aveva trascorso la notte ed era stato picchiato a sangue. Abbassò l'arma. Durò tutto un secondo.

Meno: durò una frazione di secondo. Se fosse durato di più, il soldato giallo sarebbe caduto a gambe all'aria nella polvere, con il muso spaccato. Siccome l'istinto che fece muovere il braccio di Fabiano fu molto forte, questo avrebbe potuto essere abbastanza forte da commettere un omicidio se un istinto opposto non gli avesse fatto muovere il braccio dall'altro lato. La lama apparve all'improvviso, vicino alla testa dell'intruso, ben sopra il berretto rosso dell'uniforme. All'inizio il vaccaro non capì più niente. Vide solo che lì c'era un nemico. All'improvviso notò che quello era un uomo, e cosa ancora più grave, un rappresentante della legge. Sentì un colpo violento, si fermò, il braccio rimase in sospenso, molle, ondeggiando da un lato e dall'altro.

Il soldato magrino, rachitico, tremava. E Fabiano desiderava alzare ancora una volta il coltello. Voleva, ma aveva i muscoli rilassati. In realtà non voleva uccidere una persona: procedeva come quando montando un cavallo selvaggio, evitava spine e rami.

Ignorava os movimentos que fazia na sela. Alguma coisa o empurrava para a direita ou para a esquerda. Era essa coisa que ia partindo a cabeça do amarelo. Se ela tivesse demorado um minuto, Fabiano seria um cabra valente. Não demorara. A certeza do perigo surgira e ele estava indeciso, de olho arregalado, respirando com dificuldade, um espanto verdadeiro no rosto barbudo coberto de suor, o cabo do facão mal seguro entre os dois dedos úmidos.

Tinha medo e repetia que estava em perigo, mas isto lhe pareceu tão absurdo que se pôs a rir. Medo daquilo? Nunca vira uma pessoa tremer assim. Cachorro. Ele não era dunga na cidade? Não pisava os pés dos matutos, na feira? Não botava gente na cadeia? Sem-vergonha, mofino.

Irritou-se. Porque seria que aquele safado batia os dentes como um caititu? Não via que ele era incapaz de vingar-se? Não via? Fechou a cara. A idéia do perigo ia-se sumindo. Que perigo? Contra aquilo nem precisava facão, bastavam as unhas. Agitando os chocalhos e os látégos, chegou a mão esquerda, grossa e cabeluda, à cara do polícia, que recuou e se encostou a uma catingueira. Se não fosse a catingueira, o infeliz teria caído.

Fabiano pregou nele os olhos ensangüentados, meteu o facão na bainha. Podia matá-lo com as unhas. Lembrou-se da surra que levava e da noite passada na cadeia. Sim senhor. Aquilo ganhava dinheiro para maltratar as criaturas inofensivas. Estava certo? O rosto de Fabiano contraía-se, medonho, mais feio que um focinho. Hem? Estava certo? Bulir com as pessoas que não fazem mal a ninguém. Porque? Sufocava-se, as rugas da testa aprofundavam-se, os pequenos olhos azuis abriam-se demais, numa interrogação dolorosa.

O soldado encolhia-se, escondia-se por detrás da árvore. E Fabiano cravava as unhas nas palmas calosas. Desejava ficar cego outra vez. Impossível readquirir aquele instante de inconsciência. Repetia que a arma era desnecessária, mas tinha a certeza de que não conseguiria utilizá-la - e apenas queria enganar-se. Durante um minuto a cólera que sentia por se considerar impotente foi tão grande que recuperou a força e avançou para o inimigo.

A raiva cessou, os dedos que feriam a palma descerraram-se - e Fabiano estacou desajeitado, como um pato, o corpo amolecido.

Non si rendeva conto dei movimenti che faceva quando era in sella. Alcune istinti lo spingevano a muoversi a destra altri a sinistra. Era questa sensazione che si stava facendo strada nella sua mente. Se questa fosse durata ancora un minuto, Fabiano sarebbe stato una capra coraggiosa. Non era durata. Sorse la consapevolezza del pericolo – e lui era indeciso, con gli occhi spalancati, respirando a fatica, la paura nello sguardo barbuto ricoperto di sudore, il manico del coltello tremante tra due dita umide.

Aveva paura e si ripeteva che era in pericolo, ma questo gli parve talmente assurdo che si mise a ridere. Paura di quello? Non aveva mai visto una persona tremare così. Cane. Lui non era un *dunga* di città? Non pestava i piedi ai *matutos*, durante il mercato?

Non sbatteva la gente in cella? Senza vergogna, disgraziato.

Si irritò. Perché quel mascalzone batteva i denti come un damerino? Non vedeva che era incapace di vendetta? Non lo vedeva? Chiuse gli occhi. L'idea del pericolo andava scemando. Quale pericolo? Contro quello non c'era bisogno del coltello, bastavano le unghie. Agitando le fruste e i campanacci, la mano sinistra, grande e villosa, arrivò alla faccia dell'ufficiale, che si ritrasse e si addossò a una *catingueira*. Se non ci fosse stata la *catingueira*, lo sfortunato sarebbe caduto.

Fabiano lo inchiodò con gli occhi assetati di sangue, ripose il coltello nel fodero. Poteva ucciderlo con le unghie. Si ricordò delle botte ricevute e la notte passata in cella. Sì signore. Quello guadagnava denaro per maltrattare inoffensive creature. Ne era certo? Il volto di Fabiano si contrasse, terribile, più brutto di un grugno. Hem? Ne era sicuro? Litigare con chi non faceva del male a nessuno. Perché? Stava soffocando, le rughe del volto si facevano più profonde, i piccoli occhi azzurri si spalancavano, in una domanda dolorosa.

Il soldato si ritirava, si nascondeva dietro un albero. E Fabiano conficcava le unghie sul palmo calloso. Voleva diventare cieco un'altra volta. Ma era impossibile ritrovarsi in quell'istante di incoscienza. Si ripeteva che non era necessaria l'arma, ma era sicuro che non sarebbe riuscito ad usarla – voleva solo illudersi. In un minuto la rabbia che provava contro il suo senso di impotenza fu così grande che recuperò le forze e avanzò verso il nemico.

Cessò la rabbia, le dita che si ferivano i palmi delle mani si sciolsero – e Fabiano si puntellò goffo, come una papera, il corpo molleggiato.

Grudando-se à catingueira, o soldado apresentava apenas um braço, uma perna e um pedaço da cara, mas esta banda de homem começava a crescer aos olhos do vaqueiro. E a outra parte, a que estava escondida, devia ser maior. Fabiano tentou afastar a idéia absurda:

- Como a gente pensa coisas bestas!

Alguns minutos antes não pensava em nada, mas agora suava frio e tinha lembranças insuportáveis. Era um sujeito violento, de coração perto da goela. Não, era um cabra que se arreliaava algumas vezes - e quando isto acontecia, sempre se dava mal. Naquela tarde, por exemplo, se não tivesse perdido a paciência e xingado a mãe da autoridade, não teria dormido na cadeia depois de agüentar zinco no lombo. Dois excomungados tinham-lhe caído em cima, um ferro batera-lhe no peito, outro nas costas, ele se arrastara tiritando como um frango molhado. Tudo porque se esquentara e dissera uma palavra inconsideradamente. Falta de criação. Tinha lá culpa? O sarapatel se formara, o cabo abrira caminho entre os feirantes que se apertavam em redor:

- "Toca pra frente".

Depois surra e cadeia, por causa de uma tolice. Ele, Fabiano, tinha sido provocado. Tinha ou não tinha? Salto de reiúna em cima da alpercata. Impacientara-se e largara o palavrão. Natural, xingar a mãe de uma pessoa não vale nada, porque todo o mundo vê logo que a gente não tem a intenção de maltratar ninguém. Um ditério sem importância. O amarelo devia saber isso. Não sabia. Saíra-se com quatro pedras na mão, apitara. E Fabiano comera da banda podre.

- "Desafasta".

Deu um passo para a catingueira. Se ele gritasse agora "Desafasta", que faria o polícia? Não se afastaria, ficaria colado ao pé de pau. Uma lazeira, a gente podia xingar a mãe dele. Mas então... Fabiano estirava o beíço e rosnava. Aquela coisa arriada e achacada metia as pessoas na cadeia, dava-lhes surra. Não entendia. Se fosse uma criatura de saúde e muque, estava certo. Enfim apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até sentiria orgulho ao recordar-se da aventura. Mas aquilo... Soltou uns grunhidos. Porque motivo o governo aproveitava gente assim? Só se ele tinha receio de empregar tipos direitos. Aquela cambada só servia para morder as pessoas inofensivas. Ele, Fabiano, seria tão ruim se andasse fardado? Iria pisar os pés dos trabalhadores e dar pancada neles? Não iria.

Incollatosi alla *catingueira*, mostrava solo un braccio, una gamba e metà della faccia, ma questa parte agli di Fabiano cominciava ad ingrandirsi. E l'altra parte quella che restava nascosta, doveva essere ancora più grande. Fabiano tentò di allontanare l'idea assurda.

- Sto pensando a delle stupidaggini

Alcuni minuti prima non pensava a niente, ma adesso sudava freddo e si ricordava eventi insopportabili. Era un soggetto violento, con il cuore in gola. No era una capra che alle volte si stuzzicava – e in questi casi aveva sempre la peggio. Quella sera, per esempio, se non avesse perso la pazienza e offeso la madre dell'ufficiale, non avrebbe dormito in cella dopo esser stato preso a bastonate sulla schiena. Due maledetti gli erano saltati addosso, un ferro gli batteva sul petto e l'altro sulla schiena, lui si trascinava battendo i denti come un pollo bagnato. Tutto perché era scoppiato e aveva detto una parola non appropriata. Mancanza di inventiva. Era colpevole? Ormai era scoppiato un guazzabuglio, il capo si era creato un varco tra le persone che gli si stringevano addosso:

- "Mani in alto".

Dopo le botte e la prigione, tutto a causa di una sciocchezza. Lui, Fabiano, lo aveva provocato. Lo aveva fatto o no? Il tacco dello stivale sopra il piede di Fabiano. Si era spazientito e gli era sfuggita la parolaccia. Ovvio, offendere la madre di una persona è uno sciocchezza, perché tutti sanno che non si aveva veramente intenzione di offendere. Una parola senza valore. Il soldato avrebbe dovuto saperlo. Non lo sapeva. Si era spazientito e aveva detto la parolaccia. Era uscito con quattro sassi in mano, aveva fischiato.

- Avvicinati

Fece un passo verso la *catingueira*. Se lui adesso avesse gridato avvicinati cosa avrebbe fatto l'ufficiale? Non si sarebbe avvicinato, sarebbe rimasto con i piedi incollati a terra. Una disgrazia, si poteva offendere sua madre. Ma allora ... Fabiano storciva la bocca e borbottava. In fin dei conti, essere incarcerati dalle forze dell'ordine non è così disdicevole, e Fabiano sarebbe riuscito a essere orgoglioso ricordando quella avventura. Ma quello ... grugnì. Perché il governo si approfittava così delle persone? Poteva farlo solo se aveva paura di usare mezzi adeguati. Quella farsa serviva a colpire gente inoffensiva. Lui, Fabiano sarebbe stato cattivo se avesse indossato la divisa? Avrebbe pestato i piedi ai lavoratori e li avrebbe picchiati? Non lo avrebbe fatto.

Aproximou-se lento, fez uma volta, achou-se em frente do polícia, que embasbacou, apoiado ao tronco, a pistola e o punhal inúteis. Esperou que ele se mexesse. Era uma lazeira, certamente, mas vestia farda e não ia ficar assim, os olhos arregalados, os beijos brancos, os dentes chocalhando como bilros. Ia bater o pé, gritar, levantar a espinha, plantar-lhe o salto da reiúna em cima da alpercata. Desejava que ele fizesse isso. A idéia de ter sido insultado, preso, moído por uma criatura mofina era insuportável. Mirava-se naquela covardia, via-se mais lastimoso e miserável que o outro.

Baixou a cabeça, coçou os pêlos ruivos do queixo. Se o soldado não puxasse o facão, não gritasse, ele Fabiano, seria um vivente muito desgraçado.

Devia sujeitar-se àquela tremura, àquela amarelidão? Era um bicho resistente, calejado. Tinha nervo, queria brigar, metera-se em espalhafatos e saíra de crista levantada. Recordou-se de lutas antigas, em danças com fêmea e cachaça. Uma vez, de lambedeira em punho, espalhara a negrada. Aí Sinha Vitória começara a gostar dele. Sempre fora reimoso. Iria esfriando com a idade? Quantos anos teria? Ignorava, mas certamente envelhecia e fraquejava. Se possuísse espelhos, veria rugas e cabelos brancos. Arruinado, um caco. Não sentira a transformação, mas estava-se acabando.

O suor umedeceu-lhe as mãos duras. Então? Suando com medo de uma peste que se escondia tremendo? Não era uma infelicidade grande, a maior das infelicidades? Provavelmente não se esquentaria nunca mais, passaria o resto da vida assim mole e ronceiro. Como a gente muda! Era. Estava mudado. Outro indivíduo, muito diferente do Fabiano que levantava poeira nas salas de dança. Um Fabiano bom para agüentar facão no lombo e dormir na cadeira.

Virou a cara, enxergou o facão de rasto. Aquilo nem era facão, não servia para nada. Ora não servia!

- Quem disse que não servia?

Era um facão verdadeiro, sim senhor, movera-se como um raio cortando palmas de quipá. E estivera a pique de rachar o quengo de um sem-vergonha. Agora dormia na bainha rota, era um troço inútil, mas tinha sido uma arma. Se aquela coisa tivesse durado mais um segundo, o polícia estaria morto.

Si avvicinò lentamente, fece un giro su sé stesso, si trovò di fronte all'ufficiale, che si ritrasse, appoggiato al tronco, la pistola e il pugnale inutili. Aspettò che si muovesse. Era una disgrazia, ovvio, ma portava la divisa e non poteva rimanere così, gli occhi spalancati, le labbra bianche, e i denti che sbattevano come fuselli. Avrebbe battuto i piedi, gridato, si sarebbe alzato in piedi, gli avrebbe sbattuto il tacco dello stivale sul sandalo. Desiderava lo facesse. L'idea di esser stato insultato, imprigionato, distrutto da una creatura così debole e insopportabile. Si specchiava in quella vigliaccheria, vedendosi ancora più miserabile e codardo.

Abbassò la testa, si grattò i peli ispidi del mento. Se il soldato non avesse impugnato il coltello, non avesse gridato, lui, Fabiano, sarebbe stato sfortunato.

Doveva domare quel brivido, quella giallitudine? Era un animale resistente, incallito. Aveva coraggio, voleva attaccar briga, voleva buttarsi nella mischia e uscirne a testa alta. Si ricordò di alcuni vecchi litigi, in sale da ballo piene di donne e cachaça. Una volta, impugnando una *lambedeira*, aveva sconfitto un gruppo di neri. Dopo quel fatto si conquistò l'amore di Donna Vittoria. Era sempre stato un attaccabrighe. Si sarebbe raffreddato con l'età? Quanti anni aveva? Lo ignorava, ma di certo invecchiava e si indeboliva. Se avesse avuto uno specchio, avrebbe visto rughe e capelli bianchi. Rovinato, un *caco*. Non aveva sentito il cambiamento, ma questo stava terminando.

Il sudore gli inumidì le mani dure. E quindi? Sudando con il timore di un mascalzone che si nascondeva tremando? Non era una tristezza, la delusione più grande? Probabilmente non si sarebbe più infervorato, avrebbe passato il resto della vita molle e lento. Come cambia le gente! Lo era. Era cambiato. Un'altra persona, molto diversa dal Fabiano che faceva faville nelle sale da ballo. Un Fabiano capace di sopportare un coltello che gli colpiva i lombi e a dormire su una sedia.

Girò la testa, scorse in tralice il coltello. Quello non era nemmeno un coltello, non serviva a nulla. Ora non serviva.

- Chi aveva detto che non serviva?

Era un coltello vero, sì signore, si era mosso come un fulmine tagliando palme di *quiipa*. E era stato sul punto di ferire il volto di un mascalzone. Ora riposava sul fodero rotto, era un pezzo inutile, ma era stato un'arma. Se fosse durato un secondo in più, il poliziotto sarebbe morto.

Imaginou-o assim, caído, as pernas abertas, os bugalhos apavorados, um fio de sangue empastando-lhe os cabelos, formando um riacho entre os seixos da vereda. Muito bem! Ia arrastá-lo para dentro da catinga, entregá-lo aos urubus. E não sentiria remorso. Dormiria com a mulher, sossegado, na cama de varas. Depois gritaria aos meninos, que precisavam criação. Era um homem, evidentemente.

Aprumou-se, fixou os olhos nos olhos do polícia, que se desviaram. Um homem. Besteira pensar que ia ficar murcho o resto da vida. Estava acabado? Não estava. Mas para que suprimir aquele doente que bambeava e só queria ir para baixo? Inutilizar-se por causa de uma fraqueza fardada que vadiava na feira e insultava os pobres! Não se inutilizava, não valia a pena inutilizar-se. Guardava a sua força.

Vacilou e coçou a testa. Havia muitos bichinhos assim ruins, havia um horror de bichinhos assim fracos e ruins. Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanalhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.

- Governo é governo.

Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo.

Lo immaginò così, caduto, a gambe aperte, i grandi occhi spaventati, una scia di sangue che gli impastava i capelli, che formava un rigagnolo tra i sassolini del sentiero. Molto bene! Lo avrebbe inseguito dentro la *catanga* e consegnato agli *urubus*! E non avrebbe provato alcun rimorso. Avrebbe dormito con la moglie, inquieto, nel letto di legno. Poi avrebbe sgridato i bambini, che dovevano essere educati. Era un uomo, era evidente...

Si sbrigò, guardò fisso negli occhi dell'ufficiale, che distolse lo sguardo. Un uomo. Una bestemmia dire che sarebbe stato molle e tranquillo per il resto della vita. Era un uomo finito? No. Ma per quale motivo uccidere quel poveretto che aveva paura e voleva solo andare verso sud? Diventare inutile a causa di un debole in uniforme che vagabondava al mercato e insultava i poveri! Mosse e scosse la testa. C'erano molti animaletti così deboli e cattivi, provava disgusto per quegli animaletti. Si allontanò, inquieto. Vedendolo come un essere ridicolo e ordinario, l'ufficiale prese coraggio, avanzò, con passo fermo, chiese indicazioni. E Fabiano si tolse il cappello di pelle.

- La legge è legge.

Si tolse il cappello di pelle, si chinò e gli indicò la strada.

Capítulo XII - O Mundo Coberto de Penas

O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o sul. O casal agoniado sonhava desgraças. O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado.

Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando. Foi sentar-se no banco do copiar, examinou o céu limpo, cheio de claridades de mau agouro, que a sombra das arribações cortava. Um bicho de penas matar o gado! Provavelmente Sinha Vitória não estava regulando.

Fabiano estirou o beijo e enrugou mais a testa suada: impossível compreender a intenção da mulher. Não atinava. Um bicho tão pequeno! Achou a coisa obscura e desistiu de aprofundá-la. Entrou em casa, trouxe o aió, preparou um cigarro, bateu com o fuzil na pedra, chupou uma tragada longa. Espiou os quatro cantos, ficou alguns minutos voltado para o norte, coçando o queixo.

- Chi! Que fim de mundo!

Não permaneceria ali muito tempo. No silêncio comprido só se ouvia um rumor de asas.

Como era que Sinha Vitória tinha dito? A frase dela tornou ao espírito de Fabiano e logo a significação apareceu. As arribações bebiam a água. Bem. O gado curtia sede e morria. Muito bem. As arribações matavam o gado. Estava certo. Matutando, a gente via que era assim, mas Sinha Vitória largava tiradas embaraçosas. Agora Fabiano percebia o que ela queria dizer. Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de Sinha Vitória. Uma pessoa como aquela valia ouro. Tinha idéias, sim senhor, tinha muita coisa no miolo. Nas situações difíceis encontrava saída. Então! Descobrir que as arribações matavam o gado! E matavam. Aquela hora o mulungu do bebedouro, sem folhas e sem flores, uma barrancharia pelada, enfeitava-se de penas.

Capitolo XII – Il mondo pieno di disgrazie

L'albero di *mulungu* dell'abbeveratoio si era ricoperto di storni. Brutto segno, probabilmente il sertão avrebbe preso fuoco. Arrivavano in gruppi, si appollaiavano sugli alberi lungo la sponda del fiume, si riposavano, bevevano, e siccome nei dintorni non c'era cibo proseguivano il loro viaggio verso sud. La coppia agonizzante sognava disgrazie. Il sole asciugava i pozzi, e quei gruppi di uccelli migratori finivano il resto dell'acqua, volevano uccidere il bestiame.

Lo disse Donna Vittoria, ma Fabiano brontolò, aggrottò la fronte e trovò l'idea strana. Uccelli che uccidevano buoi e capre, che ricordi! Guardò la moglie abbattuto, pensò che stesse perdendo la ragione. Andò a sedersi sulla panchina nella veranda, scrutò il cielo limpido, pieno di un chiarore funesto, squarciato solo dall'ombra degli stormi. Un animale del malaugurio che uccideva! Probabilmente Donna Vittoria non stava scherzando!

Fabiano arricciò le labbra e corrugò ancor di più la fronte sudata: era impossibile capire quello che diceva la moglie. Non capiva proprio. Un animale così piccolo! Trovò l'idea ambigua e preferì non pensarci su. Entrò in casa, portò la bisaccia, si preparò una sigaretta, sfregò l'acciarino sulle pietre per accenderla, aspirò a fondo. Si guardò in giro, restò un momento rivolto verso nord, si grattò il mento:

- Chissà! Che finimondo!

Non sarebbero rimasti lì ancora a lungo. Nel profondo silenzio si sentiva solo lo sbattere d'ali. Cosa aveva detto Donna Vittoria? Il pensiero espresso dalla moglie tornò in mente a Fabiano e subito comprese. Gli stormi bevevano l'acqua. Bene. Il bestiame avrebbe sofferto la sete e sarebbe morto. Era sicuro. Blaterando si era accorto che sarebbe successo di sicuro, ma Donna Vittoria aveva espresso un'idea imbarazzante. Adesso Fabiano capiva quello che voleva dire. Si dimenticò dell'infelicità incombente, e rise ammirato dall'astuzia di Donna Vittoria. Una persona come lei valeva oro. Aveva idee, sì signore, aveva molte idee che le frullavano nel cervello. Trovava una via di scampo dalle questioni spinose. Eh già! Capire che gli stormi uccidevano il bestiame. E lo facevano veramente. A quell'ora il *mulungo* dell'abbeveratoio, senza foglie e senza fiori, rami secchi nudi, si sarebbe ricoperto di pena.

Desejou ver aquilo de perto, levantou-se, botou o aió a tiracolo, foi buscar o chapéu de couro e a espingarda de pederneira. Desceu o copiar, atravessou o pátio, avizinhou-se da ladeira pensando na cachorra Baleia. Coitadinha. Tinham-lhe aparecido aquelas coisas horríveis na boca, o pêlo caíra, e ele precisara matá-la. Teria procedido bem? Nunca havia refletido nisso. A cachorra estava doente. Podia consentir que ela mordesse os meninos? Podia consentir? Loucura expor as crianças à hidrofobia. Pobre da Baleia. Sacudiu a cabeça para afastá-la do espírito. Era o diabo daquela espingarda que lhe trazia a imagem da cadelinha. A espingarda, sem dúvida. Virou o rosto defronte das pedras do fim do pátio, onde Baleia aparecera fria, inteiriçada, com os olhos comidos pelos urubus.

Alargou o passo, desceu a ladeira, pisou a terra de aluvião, aproximou-se do bebedouro. Havia um bater doido de asas por cima da poça de água preta, a garrancheira do mulungu estava completamente invisível. Pestes. Quando elas desciam do sertão, acabava-se tudo. O gado ia finar-se, até os espinhos secariam.

Suspirou. Que havia de fazer? Fugir de novo, aboletar-se noutra lugar, recomeçar a vida. Levantou a espingarda, puxou o gatilho sem pontaria. Cinco ou seis aves caíram no chão, o resto se espantou, os galhos queimados surgiram nus. Mas pouco a pouco se foram cobrindo, aquilo não tinha fim.

Fabiano sentou-se desanimado na ribanceira do bebedouro, carregou lentamente a espingarda com chumbo miúdo e não socou a bucha, para a carga espalhar-se e alcançar muitos inimigos. Novo tiro, novas quedas, mas isto não deu nenhum prazer a Fabiano. Tinha ali comida para dois ou três dias; se possuísse munição, teria comida para semanas e meses.

Examinou o polvarinho e o chumbeira, pensou na viagem, estremeceu. Tentou iludir-se, imaginou que ela não se realizaria se ele não a provocasse com idéias ruins. Reacendeu o cigarro, procurou distrair-se falando baixo. Sinha Terta era pessoa de muito saber naquelas beiradas. Como andariam as contas com o patrão? Estava ali o que ele não conseguiria nunca decifrar. Aquele negócio de juro engolia tudo, e afinal o branco ainda achava que fazia favor. O soldado amarelo...

Volle vedere il tutto di persona. Si mise la borraccia a tracolla e andò a prendere il cappello di pelle e il fucile. Discese la veranda, attraversò il patio, si avvicinò al pendio pensando a Baleia. Poverina. Le si erano formate pustole terribili in bocca, le era caduto il pelo, e lui era stato obbligato ad ucciderla. Aveva fatto bene? Non ci aveva mai riflettuto. La cagnolina era ammalata. Poteva lasciare che mordesce i bambini? Poteva permettere una cosa simile? Era una pazzia esporre i bambini all'idrofobia. Povera Baleia. Scosse la testa per allontanarla dalla mente. Era il diavolo di quel fucile che gli riportava alla mente la cagnolina. Rivolse lo sguardo sulle pietre che si trovavano a fine patio, dove Baleia era apparsa fredda, una carcassa, con gli occhi mangiati dagli *urubus*.

Allungò il passo, scese giù per il pendio, pestò il suolo alluvionale, si avvicinò all'abbeveratoio. C'era uno sbatter d'ali impazzito sopra all'acqua nera, i rami del *mulungo* erano praticamente invisibili. Maledetti. Quando loro arrivavano nel *sertão* tutto finiva. Il bestiame si sarebbe ridotto e perfino le spine si sarebbero seccate.

Sospirò. Cosa doveva fare? Fuggire nuovamente, stabilirsi da un'altra parte, ricominciare un'altra vita. Alzò il fucile, spinse il grilletto senza prendere la mira, rideva. Cinque o sei uccelli caddero al suolo, il restò si spaventò, i rami bruciati apparvero nudi. Ma a poco a poco si sarebbero ricoperti, tutto quello non sarebbe finito.

Fabiano si sedette sconsolato sul bordo dell'abbeveratoio, caricò lentamente il fucile con un piccolo proiettile, per sparare e colpire i nemici. Nuovo sparo, nuove cadute, ma tutto questo non gli procurò alcun piacere. Lì aveva cibo per due o tre giorni: se avesse avuto munizioni avrebbe avuto cibo per settimane e mesi.

Esaminò la polvere da sparo e i piombini, pensò al viaggio, rabbrividì. Tentò di illudersi, dicendo che non sarebbe successo se la moglie non l'avesse provocato con le sue cattive idee. Riaccese la sigaretta, cercò di distrarsi parlando a bassa voce. Donna Terta era una saggia da quelle parti. Come sarebbe andato a finire il giorno di paga? Era quello che lui non sarebbe mai riuscito a decifrare. Quella storia degli interessi, aveva l'amaro in bocca, e in fin dei conti gli altri pensavano pure di fargli un favore. Il soldato giallo...

Fabiano, encaiporado, fechou as mãos e deu murros na coxa. Diabo. Esforçava-se por esquecer uma infelicidade, e vinham outras infelicidades. Não queria lembrar-se do patrão nem do soldado amarelo. Mas lembrava-se, com desespero, enroscando-se como uma cascavel assanhada. Era um infeliz, era a criatura mais infeliz do mundo. Devia ter ferido naquela tarde o soldado amarelo, devia tê-lo cortado a facão. Cabra ordinário, mofino, encolhera-se e ensinara o caminho. Esfregou a testa suada e enrugada. Para que recordar vergonha? Pobre dele. Estava então decidido que viveria sempre assim? Cabra safado, mole. Se não fosse tão fraco, teria entrado no cangaço e feito misérias. Depois levaria um tiro de emboscada ou envelheceria na cadeia, cumprindo sentença, mas isto não era melhor que acabar-se numa beira de caminho, assando no calor, a mulher e os filhos acabando-se também. Devia ter furado o pescoço do amarelo com faca de ponta, devagar. Talvez estivesse preso e respeitado, um homem respeitado, um homem. Assim como estava, ninguém podia respeitá-lo. Não era homem, não era nada. Agüentava zinco no lombo e não se vingava.

- Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha, Fabiano. Mata o soldado amarelo. Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado amarelo e os que mandam nele.

Como gesticulava com furor, gastando muita energia, pôs-se a resfolegar e sentiu sede. Pela cara vermelha e queimada o suor corria, tornava mais escura a barba ruiva. Desceu da ribanceira, agachou-se à beira da água salobra, pôs-se a beber ruidosamente nas palmas das mãos. Uma nuvem de arribações voou assustada. Fabiano levantou-se, um brilho de indignação nos olhos.

- Miseráveis.

A cólera dele se voltava de novo contra as aves. Tornou a sentar-se na ribanceira, atirou muitas vezes nos ramos do mulungu, o chão ficou todo coberto de cadáveres. Iam ser salgados, estendidos em cordas. Tencionou aproveitá-los como alimento na viagem próxima. Devia gastar o resto do dinheiro em chumbo e pólvora, passar um dia no bebedouro, depois largar-se pelo mundo. Seria necessário mudar-se? Apesar de saber perfeitamente que era necessário, agarrou-se a esperanças frágeis. Talvez a seca não viesse, talvez chovesse.

Fabiano, appollaiato, serrò le mani e si colpì la coscia con i pugni. Diavolo. Si sforzò di dimenticare la sua infelicità e subentrarono altre preoccupazioni. Non voleva ricordare il padrone e nemmeno il soldato giallo. Ma li ricordava, con disperazione, arrabbiandosi come un serpente a sonagli. Era un infelice, era la creatura più infelice al mondo. Quella sera avrebbe dovuto ferire il soldato giallo, avrebbe dovuto ferirlo con il coltello. Era una capra qualsiasi, un codardo, si era intimidito e gli aveva dato indicazioni. Si strofinò la fronte sudata e corrugata. Perché ricordare la vergogna? Povero. Era quindi deciso a vivere così per sempre? Un caprone, un debole. Se non fosse stato così debole si sarebbe dato al banditismo e avrebbe fatto razzie. Poi gli avrebbero sparato durante un imboscata oppure sarebbe invecchiato in galera scontando la pena, ma questo non era peggio che finire sul ciglio della strada, a morire dal caldo, con moglie e figli moribondi. Dovrebbe aver stretto le mani attorno al collo del soldato giallo con la canna del fucile lentamente. Forse sarebbe stato incarcerato e rispettato, un uomo rispettato, un uomo. Così com'era adesso nessuno poteva rispettarlo. Non era un uomo, era una nullità. Sopportava le botte e non si vendicava.

- Fabiano, figlio mio, abbi coraggio. Vergognati, Fabiano. Uccidi il soldato giallo. I soldati gialli sono dei disgraziati che meritano di morire. Uccidi il soldato giallo e i suoi superiori.

Dato che stava gesticolando furiosamente, stava sprecando molta energia, si mise a riprendere fiato e sentì sete. Il sudore gli correva giù per il viso rosso e scottato, che rendeva la sua barba più scura. Scese l'argine, si accovacciò a riva dell'acqua salubre, si mise a bere rumorosamente con le mani a coppa. Una nuvola di stormi volò spaventata. Fabiano si alzò con un luccichio di indignazione negli occhi

- Miserabili

La sua collera era ancora una volta rivolta agli uccelli. Tornò a sedersi sulla riva, sparò molte volte tra i rami del *mulungo*, il suolo si ricoprì di cadaveri. Sarebbero stati salati e appesi a delle corde. Aveva intenzione di usarli come cibo durante il suo prossimo viaggio. Doveva spendere i risparmi in proiettili di piombo e polvere da sparo, trascorrere un giorno all'abbeveratoio e poi partire per il mondo. Era necessario spostarsi? Nonostante sapesse che era necessario, si aggrappò a questa fragile speranza. Forse se non fosse arrivata la siccità, se avesse piovuto.

Aqueles malditos bichos é que lhe faziam medo. Procurou esquecê-los. Mas como poderia esquecê-los se estavam ali, voando-lhe em torno da cabeça, agitando-se na lama, empoleirados nos galhos, espalhados no chão, mortos? Se não fossem eles, a seca não existiria. Pelo menos não existiria naquele momento: viria depois, seria mais curta. Assim, começava logo - e Fabiano sentia-a de longe. Sentia-a como se ela já tivesse chegado, experimentava adiantadamente a fome, a sede, as fadigas imensas das retiradas. Alguns dias antes estava sossegado, preparando látegos, consertando cercas. De repente, um risco no céu, outros riscos, milhares de riscos juntos, nuvens, o medonho rumor de asas a anunciar destruição. Ele já andava meio desconfiado vendo as fontes minguaem. E olhava com desgosto a brancura das manhãs longas e a vermelhidão sinistra das tardes. Agora confirmavam-se as suspeitas.

- Miseráveis.

As bichas excomungadas eram a causa da seca. Se pudesse matá-las, a seca se extinguiria. Mexeu-se com violência, carregou a espingarda furiosamente. A mão grossa, cabeluda, cheia de manchas e descascada, tremia sacudindo a vareta.

- Pestes.

Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado. Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou. Coitada de Sinha Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha. Uma pessoa de tanto juízo marchar na terra queimada, esfoliar os pés nos seixos, era duro. As arribações matavam o gado. Como tinha Sinha Vitória descoberto aquilo. Difícil. Ele, Fabiano, espremendo os miolos. Não diria semelhante frase. Sinha Vitória fazia contas direito: sentava-se na cozinha, consultava montes de sementes de várias espécies, correspondentes a mil-réis, tostões e vinténs. E acertava. As contas do patrão eram diferentes, arranjadas a tinta e contra o vaqueiro, mas Fabiano sabia que elas estavam erradas e o patrão queria enganá-lo. Enganava. Que remédio? Fabiano, um desgraçado, um cabra, dormia na cadeia e aguentava zinco no lombo. Podia reagir? Não podia. Um cabra.

Erano quei maledetti animali che gli facevano paura. Cercò di dimenticarli. Ma come poteva dimenticarli se erano lì, che gli volavano sopra la testa, agitandosi sul fango, appollaiati sui rami, sparsi al suolo morti? Se non esistessero, non ci sarebbe nemmeno la siccità. O per lo meno non sarebbe esistita in quel momento: sarebbe venuta in seguito, sarebbe stata più corta. La sentiva come se fosse già arrivata, sentiva già i morsi della fame, la fatica del viaggio. Alcuni giorni prima era inquieto, mentre preparava i frustini e riparava le recinzioni. All'improvviso un pericolo nel cielo, migliaia di pericoli, nuvole, il terribile rumore dello sbatter d'ali ad annunciare la distruzione. E già stava perdendo fiducia vedendo scarseggiare le materie prime. Guardava con disgusto il chiarore delle lunghe mattinate e il rossore sinistro dell'imbrunire. Ora tutti i suoi sospetti si stavano concretizzando.

- Miserabili

Gli animali che migravano erano la causa della siccità. Se fosse riuscito ad ucciderli, la siccità sarebbe finita. Si rimestò con violenza, prese il fucile con furia. La mano grande, villosa, piena di grinze tremava scuotendo la canna del fucile

- Parassiti

Era impossibile porre fine a quella piaga. Allungò lo sguardo sulla pianura, si trovò solo. Solo in un mondo pieno di sofferenze e uccelli che lo avrebbero mangiato. Pensò alla moglie e trasse un sospiro. Povera Donna Vittoria, ancora una volta in aperta campagna a trasportare il baule di lamina. Una persona così intelligente costretta a vagare per la terra bruciata, a scuoiarsi i piedi sulla strada piena di pietrisco, era duro. Gli stormi di uccelli uccidevano il bestiame. Come aveva fatta a capirlo Donna Vittoria. Era difficile. Lui, Fabiano anche spremendo le meningi non sarebbe giunto a una simile conclusione. Donna Vittoria faceva bene i suoi calcoli: si sedeva in cucina, consultava molti semi di diverso tipo, che corrispondevano ai soldi. E controllava. I conti del padrone erano diversi, fatti per ledere il vaccaro, ma Fabiano sapeva che erano sbagliati e che il padrone voleva ingannarlo. Lo ingannava. Che soluzione c'era? Fabiano un povero disgraziato, una capra, passava la notte in cella a prendere frustate sulla schiena. Poteva reagire? No, non poteva. Una capra.

Mas as contas de Sinha Vitória deviam ser exatas. Pobre de Sinha Vitória. Não conseguiria nunca estender os ossos numa cama, o único desejo que tinha. Os outros não se deitavam em camas? Receando magoá-la, Fabiano concordava com ela, embora aquilo fosse um sonho. Não poderiam dormir como gente. E agora iam ser comidos pelas arribações.

Desceu da ribanceira, apanhou lentamente os cadáveres, meteu-os no aió, que ficou cheio, empanzinado. Retirou-se devagar. Ele, Sinha Vitória e os dois meninos comeriam as arribações.

Se a cachorra Baleia estivesse viva, iria regalar-se. Porque seria que o coração dele se apertava? Coitadinha da cadela. Matara-a forçado, por causa da moléstia. Depois voltara aos lântegos, às cercas, às contas embaraçadas do patrão. Subiu a ladeira, avizinhou-se dos juazeiros. Junto a raiz de um deles a pobrezinha gostava de espojar-se, cobrir-se de garranchos e folhas secas. Fabiano suspirou, sentiu um peso enorme por dentro. Se tivesse cometido um erro? Olhou a planície torrada, o morro onde os preás saltavam, confessou às catingueiras e aos alastrados que o animal tivera hidrofobia, ameaçara as crianças. Matara-o por isso.

Aqui as ideias de Fabiano atrapalharam-se: a cachorra misturou-se com as arribações, que não se distinguiam da seca. Ele, a mulher e os dois meninos seriam comidos. Sinha Vitória tinha razão : era atilada e percebia as coisas de longe. Fabiano arregalava os olhos e desejava continuar a admirá-la. Mas o coração grosso, como um cururu, enchia-se com a lembrança da cadela. Coitadinha, magra, dura, inteiriçada, os olhos arrancados pelos urubus.

Diante dos juazeiros, Fabiano apressou-se, Sabia lá se a alma de Baleia andava por ali, fazendo visagem?

Chegou-se a casa, com medo. Ia escurecendo, e àquela hora ele sentia sempre uns vagos terrores. Ultimamente vivia esmorecido, mofino, porque as desgraças eram muitas. Precisava consultar sinha Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara injustiça matando a cachorra. Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinha Vitória pensaria como ele.

Ma i calcoli di Donna Vittoria erano giusti. Non sarebbe riuscita a stendersi su un vero letto, l'unico grande desiderio che aveva. Gli altri non si stendevano su letti? Temendo di ferirla, Fabiano le dava ragione, nonostante quello fosse solo un miraggio. Non potevano dormire come le persone vere. E ora sarebbero stati mangiati dagli stormi.

Discese il pendio, raccolse lentamente i cadaveri. Li mise nella sua sacca, che si riempì fino all'orlo. Tornò indietro lento. Lui, donna Vittoria e i bambini avrebbero mangiato gli stormi.

Se Baleia fosse stata ancora viva, si sarebbe donata. Perché gli si stringeva il cuore? Povera cagnolina. Era stato costretto ad ucciderla, a causa della malattia. Poi il suo pensiero tornò alle fruste, le recinzioni, i conti sbagliati del padrone. Sali l'argine e si avvicinò ai *juazeiros*. Alla poverina piaceva riposarsi vicino a le radici di uno di quelli, ricoprirsi di erbacce e foglie secche. Fabiano sospirò, si sentiva un peso sullo stomaco. E se avesse commesso un errore? Guardò la pianura secca, la collina dove saltellavano le prede, confessò alla *catingueira* e *alastrados* che lei aveva l'idrofobia, era una minaccia per i bambini. L'aveva uccisa per questo. In quel momento le idee di Fabiano si confusero: il ricordo della cagnolina si confuse con gli stormi, che s sua volta non riusciva a distinguere dalla siccità. Lui la moglie e i due bambini sarebbero stati mangiati. Donna Vittoria aveva ragione: era astuta e capiva le cose prima del tempo. Fabiano spalancò gli occhi e desiderò continuare ad ammirarla. Ma il grande cuore, come un rospo, si riempiva con il ricordo della cagnetta. Poverina, magra, dura, marcia, gli occhi mangiati dagli *urubus*.

Davanti ai *juazeiros*, Fabiano si affrettò, forse la anima di Baleia vagava lì intorno, facendo le smorfie?

Raggiunse la casa, con paura. Stava per calare la notte e a quell'ora sentiva sempre una sorta di paura. Ultimamente viveva incerto, misero, perché c'erano molte disgrazie. Doveva consultare Donna Vittoria, organizzare il viaggio, liberarsi degli stormi, spiegarsi, convincersi che non aveva fatto un errore a uccidere la cagnolina. Doveva abbandonare quei posti maledetti. Donna Vittoria gli avrebbe dato ragione.

Capítulo XIII - Fuga

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinha Vitória benzia-se tremendo, manjava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.

Saíram de madrugada. Sinha Vitória meteu o braço pelo buraco da parede e fechou a porta da frente com a taramela. Atravessaram o pátio, deixaram na escuridão o chiqueiro e o curral, vazios, de porteiras abertas, o carro de bois que apodrecia, os juazeiros. Ao passar junto às pedras onde os meninos atiravam cobras mortas, Sinha Vitória lembrou-se da cachorra Baleia, chorou, mas estava invisível e ninguém percebeu o choro.

Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos - os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupa, Sinha Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás, de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro. Caminharam bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse.

Fizeram alto. E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os -a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério?

Capitolo XIII - Fuga

La vita alla fazenda era diventata difficile. Donna Vittoria si faceva il segno della croce tremando, sgranava il rosario, muoveva le perle recitando preghiere disperate. Raccolto sulla panchina della veranda, Fabiano osservava la *catinga* gialla, dove le foglie secche si frantumavano, distrutte dai mulinelli e gli arbusti si torcevano, neri, bruciati. Nel cielo azzurro gli ultimi stormi erano scomparsi. Poco a poco gli animali morivano, divorati dai parassiti. E Fabiano resisteva chiedendo a Dio un miracolo.

Ma quando la fazenda rimase deserta, vide che tutto era perso, organizzò il viaggio con la moglie, uccise il vitello moribondo che avevano, salò la carne, si allontanò con la famiglia, senza accomiarsi dal padrone. Non avrebbe mai potuto liquidare quel debito spropositato. Gli restava solo il partire per il mondo, come un nero che fugge.

Sarebbero partiti all'alba. Donna Vittoria mise il braccio dentro il buco della parete e chiuse la porta principale con la spranga. Attraversarono il patio, avrebbero lasciato nell'oscurità lo stabbio dei buoi e quello degli ovini, vuoti, con i cancelli aperti, il carro di buoi che marciva, i *juazeiros*. Passando vicino ai massi dove i bambini gettavano serpenti morti, Donna Vittoria si ricordò della cagnolina Baleia, pianse, ma non si vedeva bene e nessuno si accorse del pianto.

Scesero il pendio, guadarono il fiume secco, andarono in direzione sud. Con l'aria fresca dell'alba, camminarono per un bel po', in silenzio, quattro ombre sul stretto sentiero coperto da piccole pietre – i bambini davanti, portavano sacchi di vestiti, Donna Vittoria sopra la testa il baule di lamiera dipinta e la zucca contente acqua, Fabiano dietro, con la roncola, il coltello, la bisaccia allacciata alla cinta, la sacca a tracolla, il fucile sulla spalla, il sacco di provviste nell'altra. Camminarono per ben tre leghe prima che sorgesse il sole.

Si fermarono un attimo. Fabiano appoggiò a terra parte del carico, guardò il cielo, le mani a visiera sulla fronte. Si era trascinato fin lì nell'incertezza che quello fosse realmente un trasloco. Si era attardato e aveva rimproverato i bambini, che si avvantaggiavano, gli aveva consigliato di risparmiare le forze. La verità era che non voleva allontanarsi dalla fazenda. Il viaggio gli sembrava senza senso, non ci credeva. Si era preparato lentamente, lo rinviava, lo riorganizzava, e si era deciso a partire solo quando tutto era andato definitivamente perduto. Poteva continuare a vivere in un cimitero?

Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se. Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias:" o chiqueiro e o curral, que precisavam conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas. E os pés dele esmoreciam, as alpercatas calavam-se na escuridão. Seria necessário largar tudo? As alpercatas chiavam de novo no caminho coberto de seixos.

Agora Fabiano examinava o céu, a barra que tingia o nascente, e não queria convencer-se da realidade. Procurou distinguir qualquer coisa diferente da vermelhidão que todos os dias espiava, com o coração aos baques. As mãos grossas, por baixo da aba curva do chapéu, protegiam-lhe os olhos contra a claridade e tremiam.

Os braços penderam, desanimados.

- Acabou-se.

Antes de olhar o céu, já sabia que ele estava negro num lado, cor de sangue no outro, e ia tornar-se profundamente azul. Estremeceu como se descobrisse uma coisa muito ruim.

Desde o aparecimento das arribações vivia desassossegado. Trabalhava demais para não perder o sono. Mas no meio do serviço um arrepio corria-lhe no espinhaço, à noite acordava agoniado e encolhia-se num canto da cama de varas, mordido pelas pulgas, conjecturando misérias.

A luz aumentou e espalhou-se na campina. Só aí principiou a viagem. Fabiano atentou na mulher e nos filhos, apanhou a espingarda e o saco dos mantimentos, ordenou a marcha com uma interjeição áspera.

Afastaram-se rápidos; como se alguém os tangesse, e as alpercatas de Fabiano iam quase tocando os calcanhares dos meninos. A lembrança da cachorra Baleia picava-o, intolerável. Não podia livrar-se dela. Os mandacarus e os alastrados vestiam a campina,, espinho, só espinho. E Baleia aperreava-o. Precisava fugir daquela vegetação inimiga.

Os meninos corriam. Sinha Vitória procurou com a vista o rosário de contas brancas e azuis arrumado entre os peitos, mas, com o movimento que fez, o baú de folha pintada ia caindo. Aprumou-se e endireitou o baú, remexeu os beiços numa oração.

Niente lo legava a quella terra dura, avrebbe trovato un luogo migliore dove essere sepolto. Era quello che diceva Fabiano, pensando a cose che non gli appartenevano: lo stabbio degli ovini e dei bovini, che avevano bisogno di manutenzione, o il cavallo da soma; buon compagno, la giumenta saura, le *catingueiras*, i vasi delle spezie, le pietre in cucina, il letto di assi di legno. E i suoi piedi sparivano, i sandali si zittivano nell'oscurità. Era proprio necessario allontanarsi da tutto? I sandali scricchiolavano nuovamente nel sentiero coperto di piccoli sassi.

Ora Fabiano scrutava il cielo, il sole che illuminava il levante, non voleva credere alla realtà. Cercò di distinguere qualcosa di diverso dal rossore che tutti i giorni scrutava, con il cuore che batteva forte. Le mani grandi, sotto la tesa del cappello, gli proteggevano gli occhi dal chiarore e tremavano.

Le braccia penzolavano, inanimate.

- È finita.

Prima di guardare il cielo, sapeva già che era scuro da un lato, color del sangue dall'altro, e sarebbe diventato blu profondo. Sussultò come se avesse scoperto una cosa molto brutta.

Dalla comparsa degli stormi viveva inquieto. Lavorava troppo per riuscire a dormire. Nel bel mezzo del lavoro un brivido gli correva lungo la schiena, la notte si svegliava agonizzante e si raccoglieva in un angolo del letto di assi, tormentato dalle pulci, immaginando disgrazie.

La luce aumentò e si sparse nella pianura. Solo lì cominciò il viaggio. Fabiano osservò la moglie e i figli, prese il fucile e il sacco delle provviste, ordinò di marciare con una interiezione aspra.

Si erano allontanati velocemente, come se qualcuno li stesse inseguendo, i sandali di Fabiano stavano quasi per toccare i talloni dei figli. Il ricordo della cagnolina Baleia lo pungeva in una maniera intollerabile. Non poteva liberarsene. Gli uccelli e gli *alastrados* rivestivano la pianura, spine, solo spine. E Baleia lo perseguitava. Doveva fuggire da quella vegetazione ostile.

I bambini correvano. Donna Vittoria cercò con gli occhi il rosario dai grani bianchi e azzurri tastandosi il petto, ma con questo movimento, il baule di lamiera dipinta quasi cadde. Si raddrizzò e raddrizzò il baule, mosse le labbra in una preghiera.

Deus Nosso Senhor protegeria os inocentes. Sinha Vitória fraquejou, uma ternura imensa encheu-lhe o coração. Reanimou-se, tentou libertar-se dos pensamentos tristes e conversar com o marido por monossílabos. Apesar de ter boa ponta de língua, sentia um aperto na garganta e não poderia explicar-se. Mas achava-se desamparada e miúda na solidão, necessitava um apoio, alguém que lhe desse coragem. Indispensável ouvir qualquer som. A manhã, sem pássaros, sem folhas e sem vento, progredia num silêncio de morte. A faixa vermelha desaparecera, diluíra-se no azul que enchia o céu. Sinha Vitória precisava falar. Se ficasse calada, seria como um pé de mandacaru, secando, morrendo. Queria enganar-se, gritar, dizer que era forte, e a quentura medonha, as árvores transformadas em garranchos, a imobilidade e o silêncio não valiam nada. Chegou-se a Fabiano, amparou-o e amparou-se, esqueceu os objetos próximos, os espinhos, as arribações, os urubus que farejavam carniça. Falou no passado, confundiu-o com o futuro. Não poderiam voltar a ser o que já tinham sido?

Fabiano hesitou, resmungou, como fazia sempre que lhe dirigiam palavras incompreensíveis. Mas achou bom que Sinha Vitória tivesse puxado conversa. Ia num desespero, o saco da comida e o aió começavam a pesar excessivamente. Sinha Vitória fez a pergunta, Fabiano matutou e andou bem meia légua sem sentir. A princípio quis responder que evidentemente eles eram o que tinham sido; depois achou que estavam mudados, mais velhos e mais fracos. Eram outros, para bem dizer. Sinha Vitória insistiu. Não seria bom tornarem a viver como tinham vivido, muito longe? Fabiano agitava a cabeça, vacilando. Talvez fosse, talvez não fosse.

Cochicharam uma conversa longa e entrecortada, cheia de mal-entendidos e repetições. Viver como tinham vivido, numa casinha protegida pela bolandeira de seu Tomás. Discutiram e acabaram reconhecendo que aquilo não valeria a pena, porque estariam sempre assustados, pensando na seca. Aproximavam-se agora dos lugares habitados, haveriam de achar morada. Não andariam sempre à toa, como ciganos. O vaqueiro ensombrava-se com a idéia de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar. Sinha Vitória tentou sossegá-lo dizendo que ele poderia entregar-se a outras ocupações, e Fabiano estremeceu, voltou-se, estirou os olhos em direção à fazenda abandonada.

Dio nostro Signore avrebbe protetto gli innocenti. Donna Vittoria era sposata, un'immensa tenerezza le riempì il cuore. Riprese coraggio, si liberò dai pensieri tristi e parlò con il marito a monosillabi. Nonostante avesse la lingua sciolta, sentiva un nodo in gola e non riusciva a spiegarsi. Ma si sentiva abbandonata e piccola nella sua solitudine, aveva bisogno di un appoggio, qualcuno che le desse coraggio. Le era indispensabile qualsiasi suono. Alla mattina, senza passeri, senza foglie e senza vento, procedeva in un silenzio di tomba. Il fascio di luce rossa era sparita, si era diluita con l'azzurro che riempiva il cielo. Donna Vittoria aveva bisogno di parlare. Se fosse stata zitta, sarebbe stata come un ceppo di *mandacaru*, che si stava seccando, che stava morendo. Voleva sbagliarsi, gridare, dire che era forte, la calura terribile, gli alberi trasformati in sterpi, l'immobilità e il silenzio non valevano niente. Raggiunse Fabiano, gli si appoggiò contro, si dimenticò degli oggetti che aveva intorno, le spine, gli stormi, gli *urubu* che si nutrivano di carcasse. Parlò al passato, lo confuse con il futuro. Non avrebbe potuto tornare ad essere quello che era già stata?

Fabiano esitò, brontolò, come faceva sempre quando gli rivolgevano parole incomprensibili. Ma trovò un bene che Donna Vittoria avesse iniziato la conversazione. Camminava nella disperazione, il sacco delle vivande e la bisaccia stavano diventando troppo pesanti. Inizialmente volle risponderle che erano quelli che erano stati; poi pensò che erano cambiati, più vecchi e più deboli. Erano altri, per meglio dire. Donna Vittoria insistette. Non sarebbe forse stato un bene tornare a vivere come avevano vissuto, in un posto lontano? Fabiano scuoteva la testa, vacillando. Forse era così, forse no. Conversarono bisbigliando per un po' con alcuni intramezzi, pieni di malintesi e ripetizioni. Vivere come avevano vissuto, in una casetta protetta dalla macina del Signor Tommaso. Avevano discusso e finirono riconoscendo che non ne sarebbe valsa la pena, perché avrebbero sempre avuto paura, pensando alla siccità. Adesso si stavano avvicinando a luoghi abitati, là avrebbero trovato delle abitazioni. Non sarebbero sempre andati a caso, come zingari. Il vaccaro si era adombrato all'idea che forse si stavano dirigendo in una zona dove non ci sarebbe stato bestiame. Donna Vittoria tentò di consolarlo dicendo che avrebbe potuto occuparsi di altre mansioni, e Fabiano sussultò, allungò lo sguardo in direzione della fazenda abbandonata.

Recordou-se dos animais feridos e logo afastou a lembrança. Que fazia ali virado para trás? Os animais estavam mortos. Encarquilhou as pálpebras contendo as lágrimas, uma grande saudade espremeu-lhe o coração, mas um instante depois vieram-lhe ao espírito figuras insuportáveis: o patrão, o soldado amarelo, a cachorra Baleia inteiriçada junto às pedras do fim do pátio.

Os meninos sumiam-se numa curva do caminho. - Fabiano adiantou-se para alcançá-los. Era preciso aproveitar a disposição deles, deixar que andassem à vontade. Sinha Vitória acompanhou o marido, chegou-se aos filhos. Dobrando o cotovelo da estrada, Fabiano sentia distanciar-se um pouco dos lugares onde tinha vivido alguns anos; o patrão, o soldado amarelo e a cachorra Baleia esmoreceram no seu espírito.

E a conversa recomeçou. Agora Fabiano estava meio otimista. Endireitou o saco da comida, examinou o rosto carnudo e as pernas grossas da mulher. Bem. Desejou fumar. Como segurava a boca do saco e a coronha da espingarda, não pôde realizar o desejo. Temeu arriar, não prosseguir na caminhada. Continuou a tagarelar, agitando a cabeça para afugentar uma nuvem que, vista de perto, escondia" o patrão, o soldado amarelo e a cachorra Baleia. Os pés calosos, duros como cascos, metidos em alpercatas novas, caminhariam meses. Ou não caminhariam? Sinha Vitória achou que sim. Fabiano agradeceu a opinião dela e gabou-lhe as pernas grossas, as nádegas volumosas, os peitos cheios. As bochechas de Sinha Vitória avermelharam-se e Fabiano repetiu com entusiasmo o elogio. Era. Estava boa, estava taluda, poderia andar muito. Sinha Vitória riu e baixou os olhos. Não era tanto como ele dizia não. Dentro de pouco tempo estaria magra, de seios bambos. Mas recuperaria carnes. E talvez esse lugar para onde iam fosse melhor que os outros onde tinham estado. Fabiano estirou o beço, duvidando. Sinha Vitória combateu a dúvida. Porque não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira? Fabiano franziu a testa: lá vinham os despropósitos. Sinha Vitória insistiu e dominou-o. Porque haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. Podiam viver escondidos, como bichos? Fabiano respondeu que não podiam.

- O mundo é grande.

Si ricordò degli animali feriti e subito allontanò questo ricordo. Cosa ci faceva lì a rivangare il passato? Gli animali erano morti. Serrò le palpebre trattenendo le lacrime, una grande nostalgia gli assalì il cuore, ma un istante dopo gli vennero in mente figure insopportabili: il padrone, il soldato giallo, la cagnolina Baleia sepolta insieme alle pietre in fondo al patio.

I bambini si fermarono a una curva del sentiero. Fabiano allungò il passo per raggiungerli. Era necessario approfittare della loro buona lena, lasciare che andassero avanti a volontà. Donna Vittoria accompagnò il marito, raggiunse i figli. Oltrepassando la curva a gomito del sentiero, Fabiano sentiva che si stava un po' allontanando dai luoghi dove aveva vissuto per alcuni anni; il padrone, il soldato giallo e la cagnetta Baleia sbiadivano dalla sua anima.

E la conversazione riprese. Adesso Fabiano era un po' più ottimista. Raddrizzò il sacco delle vivande, osservò il viso tondo e le gambe grosse della moglie. Bene. Volle fumare. Siccome la bocca del sacco era chiusa e c'era il calcio del fucile, non poté farlo. Aveva paura di interrompere il cammino, non proseguire il viaggio. Continuò a chiacchierare, scuotendo la testa per sfuggire a una nuvola che, vista da vicino, nascondeva il padrone, il soldato giallo e la cagnolina Baleia. I piedi callosi, duri come gli zoccoli, messi dentro a dei sandali nuovi, avrebbero camminato per mesi. O non avrebbero camminato? Donna Vittoria pensava di sì. Fabiano le fu grato e lodò le gambe grosse, le natiche e i seni gonfi. Donna Vittoria arrossì e Fabiano ripeté gli elogi con entusiasmo. Lo era. Era bella, era forte, avrebbe potuto camminare per molto tempo. Donna Vittoria rise e abbassò gli occhi. Non era proprio come diceva lui. Entro pochi mesi sarebbe stata magra, con il seno floscio. Ma avrebbe recuperato carne. E forse il luogo dove stavano andando sarebbe stato migliore degli altri dove erano stati. Fabiano storse la bocca, dubitando. Donna Vittoria lottò contro quel dubbio. Perché non avrebbero potuto essere persone, avere un letto uguale a quello del Signor Tommaso della macina? Fabiano corrugò la fronte: ecco che arrivavano gli spropositi. Donna Vittoria insistette e lo dominò. Perché avrebbero dovuto essere sempre dei disgraziati, fuggendo dal bosco come animali? Con certezza esistevano al mondo cose straordinarie. Potevano vivere nascosti, come animali? Fabiano rispose che non potevano.

- Il mondo è grande.

Realmente para eles era bem pequeno, mas afirmavam que era grande - e marchavam, meio confiados, meio inquietos. Olharam os meninos, que olhavam os montes distantes, onde havia seres misteriosos. Em que estariam pensando? zumbiu

Sinha Vitória. Fabiano estranhou a pergunta e rosou uma objeção. Menino é bicho miúdo, não pensa. Mas Sinha Vitória renovou a pergunta - e a certeza do marido abalou-se. Ela devia ter razão. Tinha sempre razão. Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem.

- Vaquejar, opinou Fabiano.

Sinha Vitória, com uma careta enjoada, balançou a cabeça negativamente, arriscando-se a derrubar o baú de folha. Nossa Senhora os livrasse de semelhante desgraça. Vaquejar, que idéia! Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os sertanejos na mata. Então eles eram bois para morrer tristes por falta de espinhos? Fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes.

Fabiano ouviu os sonhos da mulher, deslumbrado, relaxou os músculos, e o saco da comida escorregou-lhe no ombro. Aprumou-se, deu um puxão à carga. A conversa de Sinha Vitória servira muito: haviam caminhado léguas quase sem sentir. De repente veio a fraqueza. Devia ser fome. Fabiano ergueu a cabeça, piscou os olhos por baixo da aba negra e queimada do chapéu de couro. Meio-dia, pouco mais ou menos. Baixou os olhos encandeados, procurou descobrir na planície. uma sombra ou sinal de água. Estava realmente com um buraco no estômago. Endireitou o saco de novo e, para conservá-lo em equilíbrio, andou pendido, um ombro alto, outro baixo. O otimismo de Sinha Vitória já não lhe fazia mossa. Ela ainda se agarrava a fantasias. Coitada. Armar semelhantes planos, assim bamba, o peso do baú e da cabaça enterrando-lhe o pescoço no corpo.

Foram descansar sob os garranchos de uma quixabeira, mastigaram punhados de farinha e pedaços de carne, beberam na cuia uns goles de água. Na testa de Fabiano o suor secava, misturando-se a poeira que enchia as rugas fundas, embebendo-se na correia do chapéu. A tontura desaparecera, o estômago sossegara. Quando partissem, a cabaça não envergaria o espinhaço de Sinha Vitória.

In verità per loro era piccolo, ma dicevano che era grande – e camminavano, più fiduciosi, meno inquieti. Guardarono i bambini, che osservavano le montagne lontane, dove c'erano esseri misteriosi. A cosa stavano pensando? Mormorò Donna Vittoria. Fabiano trovò strana la domanda e borbottò un'obiezione. Il bambino è un animale piccolo, non pensa. Ma Donna Vittoria rinnovò la domanda – e la sicurezza del marito vacillò. Doveva avere ragione lei. Aveva sempre ragione. Ora voleva sapere cosa avrebbero fatto i figli una volta cresciuti.

- Il vaccaro, pensò Fabiano.

Donna Vittoria, con una smorfia di disgusto, scosse la testa in segno di diniego, rischiando di far cadere il baule di lamiera. Nostra Signora la salvasse da una simile disgrazia. Vaccaro, che idea! Sarebbero arrivati in una terra lontana, avrebbero dimenticato la *catinga* dove c'erano colline, pietrisco, fiumi secchi, spine, *urubus*, animali moribondi, persone moribonde. Non sarebbero tornati mai più, avrebbero resistito alla nostalgia che affligge i *sertanejos* nella foresta. Allora loro erano buoi che sarebbero morti tristi per la mancanza di spine? Si sarebbero stabiliti in luoghi molto lontani, avrebbero adottato usi e costumi diversi.

Fabiano ascoltò i sogni della moglie, abbagliato, rilassò i muscoli, e il sacco dei viveri gli scivolò sulla spalla. Si raddrizzò, diede un colpo al sacco. Il discorso di Donna Vittoria era servito a molto: avevano camminato per leghe quasi senza accorgersene. All'improvviso arrivò la stanchezza. Doveva essere la fame. Fabiano alzò la testa, strizzò gli occhi sotto la tesa nera e bruciata del cappello di pelle. Mezzogiorno, poco più poco meno. Abbassò gli occhi abbagliati, cercò di trovare nella pianura una zona d'ombra o un poça d'acqua. Aveva veramente un buco nello stomaco. Raddrizzò di nuovo il sacco per tenerlo in equilibrio, camminava storto, una spalla alta l'altra bassa. L'ottimismo di Donna Vittoria non gli faceva più effetto. Lei era ancora ancorata alle fantasie. Povera. Ordire piani simili, così stanca, il peso del baule e della zucca che le incassavano la gola sul petto.

Si fermarono a riposare sotto alcuni rami secchi di una *quixambeira*, masticarono manciate di farina e pezzi di carne, bevvero nella ciotola alcuni sorsi d'acqua. Nella testa di Fabiano il sudore si seccava, mischiandosi alla polvere che riempiva le profonde rughe, inzuppando la tesa del cappello. L'intontimento sparì e lo stomaco si acquietò. Quando sarebbero partiti, la zucca non avrebbe incurvato la schiena di Donna Vittoria.

Instintivamente procurou no descampado indício de fonte. Um friozinho agudo arrepiou-o. Mostrou os dentes sujos num riso infantil. Como podia ter frio com semelhante calor? Ficou um instante assim besta, olhando os filhos, a mulher e a bagagem pesada. O menino mais velho esbrugava um osso com apetite. Fabiano lembrou-se da cachorra Baleia, outro arrepio correu-lhe a espinha, o riso besta esmoreceu.

Se achassem água ali por perto, beberiam muito, sairiam cheios, arrastando os pés. Fabiano comunicou isto a Sinha Vitória e indicou uma depressão do terreno. Era um bebedouro, não era? Sinha Vitória estirou o beijo, indecisa, e Fabiano afirmou o que havia perguntado. Então ele não conhecia aquelas paragens? Estava a falar variedades? Se a mulher tivesse concordado, Fabiano arrefeceria, pois lhe faltava convicção; como Sinha Vitória tinha dúvidas, Fabiano exaltava-se, procurava incutir-lhe coragem. Inventava o bebedouro, descrevia-o, mentia sem saber que estava mentindo. E Sinha Vitória excitava-se, transmitia-lhe esperanças. Andavam por

lugares conhecidos. Qual era o emprego de Fabiano? Tratar de bichos, explorar os arredores, no lombo de um cavalo. E ele explorava tudo. Para lá dos montes afastados havia outro mundo, um mundo temeroso; mas para cá, na planície, tinha de cor plantas e animais, buracos e pedras.

Os meninos deitaram-se e pegaram no sono. Sinha Vitória pediu o binga ao companheiro e acendeu o cachimbo. Fabiano preparou um cigarro. Por enquanto estavam sossegados. O bebedouro indeciso tornara-se realidade. Voltaram a cochichar projetos, as fumaças do cigarro e do cachimbo misturaram-se. Fabiano insistiu nos seus conhecimentos topográficos, falou no cavalo de fábrica. Ia morrer na certa, um animal tão bom. Se tivesse vindo com eles, transportaria a bagagem. Algum tempo comeria folhas secas, mas além dos montes encontraria alimento verde. Infelizmente pertencia ao fazendeiro - e definhava, sem ter quem lhe desse a ração. Ia morrer o amigo, lazarento e com esparavões, num canto de cerca, vendo os urubus chegarem banzeiros, saltando, os bicos ameaçando-lhe os olhos. A lembrança das aves medonhas, que ameaçavam com os bicos pontudos os olhos de criaturas vivas, horrorizou Fabiano. Se elas tivessem paciência, comeriam tranqüilamente a carniça. Não tinham paciência aquelas pestes vorazes que voavam lá em cima, fazendo curvas.

- Pestes.

Voavam sempre, não se podia saber donde vinha tanto urubu.

D'istinto cercò nello sterrato una fonte d'acqua. Un venticello forte lo fece rabbrivire. Mostrò i denti sporchi in un sorriso infantile. Come poteva avere freddo con una calura simile. Rimase un momento così intontito, guardando i figli, la moglie e i bagagli pesanti. Il figlio maggiore rosicchiava un osso con appetito. Fabiano si ricordò di Baleia, un altro brivido gli corse lungo la schiena, il sorriso ebete sbiadì.

Se avessero trovato dell'acqua lì vicino, avrebbero bevuto a lungo, sarebbero partiti pieni, strascicando i piedi. Fabiano lo disse a Donna Vittoria e indicò una depressione del terreno. Era un abbeveratoio, vero? Donna Vittoria storse la bocca, indecisa, e Fabiano ripeté la domanda. Forse lui non conosceva quei dintorni? Stava dicendo stupidaggini? Se la moglie gli avesse dato ragione, Fabiano si sarebbe scoraggiato, dato che gli mancava convinzione; siccome Donna Vittoria aveva dei dubbi, Fabiano si animava, cercava di infondergli coraggio. Immaginava l'abbeveratoio, lo descriveva, mentiva senza sapere di farlo. E Donna Vittoria si eccitava, gli trasmetteva speranza. Camminavano per lande conosciute. Qual era il lavoro di Fabiano? Occuparsi degli animali, esplorare i dintorni, in groppa a un cavallo. E lui esplorava tutto. Al di là dei monti lontani c'era un altro mondo, un mondo temerario; ma qua, nella pianura, c'erano i colori di piante e animali, buchi e pietre.

I bambini si stesero e cedettero al sonno. Donna Vittoria chiese l'accendino al compagno e accese un falò. Fabiano preparò una sigaretta. Per quanto fossero inquieti, l'abbeveratoio immaginario stava diventando realtà. Tornarono a bisbigliare progetti, il fumo della sigaretta e del falò si mescolavano. Fabiano insistette sulle sue conoscenze topografiche, parlò del cavallo da soma. Sarebbe sicuramente morto, un animale così bello. Se fosse andato con loro, avrebbe trasportato i bagagli. Per un po' di tempo avrebbe mangiato foglie secche, ma al di là delle montagne avrebbe trovato foraggio verde. Infelicamente apparteneva al padrone – e deperiva, senza dargli l'opportunità di avere ragione. L'amico sarebbe morto, moribondo e con sparaguagno, in un angolo lì vicino, vedendo gli *urubus* arrivare a balzi, saltando, i becchi che gli minacciano gli occhi. Il ricordo di quegli uccelli terribili, che minacciavano con becchi appuntiti gli occhi delle creature ancora vive, lo riempì di orrore. Quelle bestie voraci che volavano in cerchio sopra le loro teste non avevano pazienza.

- Maledetti

Volavano sempre, non si poteva sapere da dove venissero tanti *urubus*.

- Pestes.

Olhou as sombras movediças que enchiam a campina. Talvez estivessem fazendo círculos em redor do pobre cavalo esmorecido num canto de cerca. Os olhos de Fabiano se umedeceram. Coitado do cavalo. Estava magro, pelado, faminto. e arredondava uns olhos que pareciam de gente

- Pestes.

O que indignava Fabiano era o costume que os miseráveis tinham de atirar bicadas aos olhos de criaturas que já não se podiam defender. Ergueu-se, assustado, como se os bichos tivessem descido do céu azul e andassem ali perto, num vôo baixo, fazendo curvas cada vez menores em torno do seu corpo, de Sinha Vitória e dos meninos.

Sinha Vitória percebeu-lhe a inquietação na cara torturada e levantou-se também, acordou os filhos, arrumou os picuás. Fabiano retomou o carregamento. Sinha Vitória desatou-lhe a correia presa ao cinturão, tirou a cuia e emborcou-a na cabeça do menino mais velho, sobre uma rodilha de molambos. Em cima pôs uma trouxa. Fabiano aprovou o arranjo, sorriu, esqueceu os urubus e o cavalo. Sim senhor. Que mulher! Assim ele ficaria com a carga aliviada e o pequeno teria um guarda-sol. O peso da cuia era uma insignificância, mas Fabiano achou-se leve, pisou rijo e encaminhou-se ao bebedouro. Chegariam lá antes da noite, beberiam, descansariam, continuariam a viagem com o luar. Tudo isso era duvidoso, mas adquiria consistência. E a conversa recomeçou, enquanto o sol descambava.

- Tenho comido toicinho com mais cabelo, declarou Fabiano desafiando o céu, os espinhos e os urubus.

- Não é? murmurou Sinha Vitória sem perguntar, apenas confirmando o que ele dizia.

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos freqüentariam escolas, seriam diferentes deles. Sinha Vitória esquentava-se. Fabiano ria, tinha desejo de esfregar as mãos agarradas a boca do saco e à coronha da espingarda de pederneira.

- Maledetti

Osservò le ombre che si muovevano per la pianura. Forse stavano facendo cerchi attorno al povero cavallo che stava morendo in un angolo lì intorno. Era magro, senza pelo, affamato, sgranava gli occhi come un essere umano.

- Maledetti

Quello che indignava Fabiano era l'abitudine che i miserabili avevano di beccare gli occhi delle creature che non si potevano più difendere. Si alzò, spaventato, come se gli animali fossero scesi dal cielo azzurro e fossero andati lì vicino, volando bassi, facendo cerchi sempre più piccoli intorno al suo corpo, quello di Donna Vittoria e dei bambini.

Donna Vittoria intuì la sua inquietudine dal viso torturato e anche lei si alzò, svegliò i figli, sistemò i fagotti. Fabiano riprese il carico. Donna Vittoria gli sfregò la cinghia appesa al cinturone, levò la bisaccia e la rovesciò sopra la testa del figlio maggiore, sopra al fagotto di stracci. In cima ci mise un altro fagotto. Fabiano approvò la sistemazione, sorrise, dimenticò gli *urubus* e il cavallo. Sì signore. Che moglie! Così avrebbe portato un carico alleggerito e il piccolo avrebbe avuto un parasole. Il peso della ciotola era insignificante, ma Fabiano si trovò leggero, passò fermo e si incamminò verso l'abbeveratoio. Sarebbero arrivati prima che si facesse notte, avrebbero bevuto, si sarebbero riposati, avrebbero continuato il viaggio al chiaro di luna. Era tutto incerto, ma acquistava consistenza. E riprese la conversazione, mentre il sole tramontava.

- Ho affrontato sfide più difficili, dichiarò Fabiano sfidando il cielo, le spine egli *urubus*.

- È vero, giusto? Mormorò Donna Vittoria senza chiedere, confermando quello che diceva.

Poco a poco una nuova vita, ancora confusa, si stava abbozzando, quello che sembrava difficile a Fabiano, cresciuto libero nel bosco. Avrebbero coltivato un pezzo di terra. Si sarebbero trasferiti in una città, i bambini avrebbero frequentato la scuola, sarebbero stati diversi da loro. Donna Vittoria si riscaldava. Fabiano rideva, aveva voglia di sfregare le mani attaccate alla bocca del sacco e al calcio del fucile.

Não sentia a espingarda, o saco, as pedras miúdas que lhe entravam nas alpercatas, o cheiro de carniças que empestavam o caminho. As palavras de Sinha Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de Sinha Vitória, as palavras que Sinha Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinha Vitória e os dois meninos.

Non sentiva il fucile, il sacco e le piccole pietre che gli entravano nei sandali, il fetore delle carcasse che impestavano il cammino. Le parole di Donna Vittoria lo incantavano. Sarebbero andati avanti, avrebbero raggiunto una terra sconosciuta. Fabiano era contento e credeva in quella terra, perché non sapeva dov'era né com'era. Si ripeteva tranquillo le parole di Donna Vittoria, le parole che mormorava perché aveva fiducia in lui. E andavano verso sud, immersi in quel sogno. Una grande città, piena di persone forti. I bambini a scuola, imparando cose difficili e indispensabili. Loro due anziani, finendo come due cani, finendo come Baleia. Cosa avrebbero fatto? Si attardarono, paurosi. Sarebbero arrivati in una terra sconosciuta e civilizzata, sarebbero rimasti chiusi in essa, e il *sertão* avrebbe continuato a far arrivare gente. Il *sertão* avrebbe mandato alla città uomini forti, rozzi come Fabiano, Donna Vittoria e i due figli.

5.Glossário

Alastrado: altro nome con il quale si indica il xiquexique.

Alforjes: sacco chiuso da entrambe le estremità con un'apertura nel mezzo in maniera tale da formare due borse. Si porta sulle spalle per distribuire il peso su due lati.

Angico: nome con il quale chiamano molti alberi della famiglia delle leguminose, che hanno tutte lo stesso tipo di legno.

Baraúna: è un albero di leguminosa che fornisce un legno scuro e molto resistente, solitamente viene usata nelle proprietà agricole.

Caboclas: è il nome con il quale in Brasile si definiscono le persone nate da una coppia mista formata da un indigeno e un bianco europeo, termine che viene usato anche per indicare l'abitante del sertão che ha modi grezzi.

Cachaça: nome della grappa tipica brasiliana fatta con il distillato della canna da zucchero.

Cangaceiro: il nome con il quale chiamano i banditi della zona.

Caritó: posto che si trova nelle case sertanejas dove si mettono i piatti e utensili della cucina.

Catinga: una vegetazione presente solo in Brasile formata da alberi di media grandezza, arbusti e cactus, generalmente le piante che la compongono hanno le spine.

Catingueira: è il nome popolare con cui chiamano alcuni alberi tipici della regione.

Ecô: il verso che fanno i vaccari per radunare il bestiame.

Fazendeiro: nome con il quale in Brasile si indicano i grandi proprietari terrieri.

Galinha pedres: una particolare razza di gallina.

Imbu: è il frutto di un albero che si chiama imbuzeiro tipico del sertão, questo frutto è piccolo e rotondo di colore verde o giallo, ha una consistenza acquosa, è importante per le sue proprietà nutrizionali infatti contiene molte vitamine. L'albero può raggiungere anche sette metri di altezza, ha il tronco corto e il cespuglio a forma di grande ombrello.

Imburanas: piccola pianta della famiglia Bursera Leptophloeus, con il suo legno si costruiscono tavoli e mobili.

Ixé: esclamazione

Jatobá: albero di origine brasiliana.

Lambedeira: coltello lungo e appuntito che si usa nel nordeste.

Macambira: è una pianta che fa parte della famiglia Bromelia Lacinosa, hanno foglie molto grandi bordate di spine che coprono aree abbastanza vaste, sono tipiche delle regioni calde e aride.

Mandacaru: è una pianta che fa parte della famiglia dei Cactus, raggiunge i cinque metri di altezza.

Mato: vegetazione di piccoli cespugli che sorge su terreni aridi, alle volte viene usato per indicare il suolo arido dove crescono queste piante.

Matuto: sinonimo di sertanejo.

Mucunha: è il nome popolare di una tipologia di riso.

Mulungu: nome di due alberi tipici brasiliani, la loro caratteristica è quella di perdere completamente le foglie durante la fioritura. La differenza tra i due è nella colorazione dei fiori che sono rossi in uno, e giallo arancione nell'altro.

Pé de turco: specie di arbusto tipico della regione.

Picuá: un particolare tipo di cesto.

Pinga: bicchierino di cachaça.

Quixambeira: nome tecnico Sideroxylon obtusifolium, è un albero che raggiunge anche i 15 metri di altezza, è tipica della regione perché nasce sulla terra secca e argillosa

Rapadura: zucchero in pezzo

Retirantes: sertanejos che da soli o in gruppo si spostano per fuggire dalla siccità.

Sertão: zona molto secca quasi desertica che si trova a Nord Est del Brasile.

Sertanejo: abitante del sertão nordestino.

Sucupira: una pianta di media grandezza, con foglie appuntite e fiori azzurri, il frutto è un legume con dei piccoli semi all'interno.

Taquiri: uccello simile alla cicogna.

Urubu: volatili di piccola taglia che si trovano principalmente sul continente americano che si nutrono di animali morti o in putrefazione.

Xiquexique: pianta con spine tipica del nordeste brasiliano che funge come cibo per il bestiame durante i periodi di siccità.

6. Características e dificuldades técnicas da tradução

A capacidade de traduzir é o resultado da experiência linguística e da habilidade da nossa mente de passar de uma identidade linguística-cultural para uma outra. O aprendizado de uma língua não significa somente apreender os mecanismos desta língua e as regras gramaticais, necessitamos associar o léxico àquela cultura para colher a essência do que se esconde detrás de cada palavra, este processo revela-se necessário para compreender verdadeiramente a cultura e a sociedade. O tradutor tem que estudar o projeto da tradução, estabelecer uma hierarquia, individualizar as diferentes possibilidades.

Para construir uma tradução é fundamental primeiramente ler o texto com muita atenção, estudar e analisar a sua estrutura e compreender a mensagem que o autor quer transmitir ao leitor, a primeira leitura consente compreender o significado. Durante a segunda leitura começa-se uma tradução mental e escrita muito simples, onde se insere tudo o material mental na língua de chegada. Em segundo lugar se deixa descansar a primeira tradução e depois começa-se a trabalhar a partir desta valorando as diferentes possibilidades antes de escolher a solução melhor para o contexto da língua de chegada.

Depois de um estudo aprofundado da obra temos que ler e estudar livros que falam das técnicas da tradução, existem muitas teorias sobre a tradução e para interpretar o texto original é fundamental para um tradutor conhecer as maiores teorias sobre o argumento; ter uma panorâmica sobre os diferentes pensamentos ajuda o tradutor melhorar a própria competência. O estudo da teoria da tradução reforça a capacidade de escolher e aplicar as técnicas para produzir mais de uma versão na língua de chegada, monitorando e mudando cada vez algo para obter uma tradução melhor.

A dificuldade de uma tradução interlinguística, ou seja uma interpretação do prototexto (texto de partida) com signos linguístico de uma outra língua, não compreende somente a capacidade de transferir um texto em uma outra língua mas também a projeção da cultura em um outro contexto cultural, esta visão da tradução que se difundiu com a *cultural studies* dos anos 80 é a linha de pensamento que decidi seguir para minha tradução porque neste romance a ambientação cultural é parte integrante da história.

.Acostar-se à tradução de um dos romances mais importantes da literatura brasileira não foi fácil, considerando também a sua natura de romance regionalista onde o autor utiliza uma linguagem típica da região nordestina. Esta linguagem particular não

permite uma tradução linear porque não é possível encontrar as palavras italianas que correspondam àquele termo específico. Em primeiro lugar foi necessário buscar o significado destas palavras porque na maioria das vezes os dicionários não têm a definição dos regionalismos, em segundo lugar necessitava-se distinguir as palavras em dois grupos: as palavras que tinham de qualquer maneira uma correspondência em italiano e os termos que não tinham nenhuma correspondência e não resultavam intaduzível. Para a segunda categoria decidi de não traduzir as palavras que não tinham uma precisa correspondência na língua italiana explicando os seus significados com um pequeno glossário colocado antes da tradução de maneira que o leitor possa compreender desde o início o contexto. A explicação não foi colocada nas notas a pé de página como costuma ser nas traduções porque o texto que tratei está cheio de palavras e expressões que pertencem a cultura específica nordestina que não se podem traduzir e a leitura ficaria pesada com umas presenças massivas de notas no fundo da página. A presença de um glossário fica mais interessantes para as pessoas porque este glossário apresenta todas as palavras e expressões necessárias pela compreensão do texto mais é possível consultá-lo também separadamente à leitura. O pequeno glossário contém na maioria dos casos a explicação de regionalismos que referem-se à vegetação do sertão.

O romance tem também uma estrutura sintática que não ajuda o trabalho do tradutor, o estilo seco quase sem adjetivos, a presença de frases curtas mas muitos incisivas, expressões típicas da zona, a causa da presença de todas essas características foi difícil conseguir transmitir ao hipotético leitor italiano o mesmo efeito que a escritura do autor suscita no leitor português. A língua italiana famosa por seus períodos complexos e o uso da subordinação é uma língua que não se presta exatamente para esse tipo de tradução, por esta motivação a estrutura sintática do livro é complexa para um falante italiano. Não foi fácil manter essa estrutura seca porque na língua italiana esse estilo não resulta eficaz, mas no mesmo tempo queria manter essa estrutura porque é um dos recursos principais do autor de consequência decidi mudar somente as vezes a ordem que as palavras ocupavam na frase e transformar a coordenação em subordinação porque em italiano muitas frases coordenadas fragmentam o texto e obstaculizam a fluidez do discurso.

O autor na narrativa usa a figura da elipse ou seja omite algumas palavras que são fundamentais para a compreensão subentendendo o seu significado; embora no texto

original para o leitor seja fácil perceber a intenção do autor e o significado da frase, para o leitor italiano não resulta tão óbvio, assim foi necessário para facilitar a compreensão explicitar a palavra subentendida, além disso foi também indispensável inserir algumas palavras que facilitassem a compreensão do texto.

Outra complicação que encontrei ao longo da tradução foi a presença de muitas repetições, esta reiteração de algumas palavras ou expressões resultava pesada na tradução italiana e não dava o mesmo sentido de intensidade que transparecia do texto português, por este motivo foi necessário substituir algumas expressões com sinônimos e não foi difícil encontrar sinônimos destas palavras porque o italiano tem muitos adjetivos para exprimir a mesma ideia.

Como já expliquei antes a presença de períodos curtos e coordenados foi um problema porque a língua italiana utiliza muito a subordinação, pelo contrário o texto português apresenta principalmente a coordenação que em italiano resulta estranha por isso foi preciso mudar algumas frases coordenadas em subordinadas. Uma questão que se liga com a questão da coordenação e subordinação é o uso da pontuação, o texto está cheio de pontos e vírgulas, foi necessário tirar algumas vírgulas e substituí-las com frases subordinadas próprio porque a coordenação no texto italiano não alcança apresentar o texto numa maneira linear.

O tradutor tem que controlar o aspeto gramatical porque neste caso a gramática que utiliza o autor alagoano tem algumas peculiaridades que não podem-se transmitir em italiano, todo o romance está escrito em dois tempos verbais o pretérito imperfeito e pretérito perfeito. O uso prevalente do pretérito imperfeito não funciona no texto italiano porque o uso de imperfeito em italiano apresenta o presente histórico que não é a função que este tempo tem ao longo do romance, então foi necessário mudar alguns dos imperfeitos porque não conseguem ser adequados para a versão italiana, com o equivalente italiano do pretérito perfeito que resulta adequado para contar uma história.

Para mim foi um obstáculo também o uso de Seu e Sinha que não correspondem propriamente aos termos senhor e senhora e si no caso masculino pode funcionar também a tradução italiana de senhor, no caso feminino a tradução de senhora não pode ser usada porque não corresponde a ideia que quer dar o autor por isso buscar no panorama da linguagem italiana e encontrar o termo que corresponda no significado e também na

ambientação, porque sinha é um termo que identifica também a ideia de uma ambientação regionalista.

Em conclusão podemos dizer que a minha proposta de tradução do romance *Vidas Secas* foi um trabalho onde o leitor da língua de chegada, neste caso o italiano, tem um papel fundamental porque para mim é importante que embora os aspetos técnicos a tradução seja linear e fácil a compreender para as pessoas que lerão o texto traduzido.

Conclusão

A análise completa da obra de Graciliano Ramos e a tradução do romance *Vidas Secas* é a demonstração que o conceito de cultura e a experiência pessoal do autor são dois aspectos fundamentais para a elaboração de uma tradução.

Comecei esta tese com a biografia do autor, salientando alguns aspectos da sua infância que são importantes para a formação da sua obra literária. A vida do autor foi importante na criação do seu romance *Vidas Secas* porque foi a partir da sua infância no nordeste brasileiro que o autor desenvolveu a sua visão da sociedade brasileira. Depois da vida foi importante evidenciar o papel do autor no contexto literário da época, Graciliano Ramos foi um dos maiores expoentes do segundo modernismo brasileiro e podemos considerar a história contada no romance como a chave de leitura do pensamento dos intelectuais da época. Um pensamento que quebra a tradição e simpatiza com a vida dos pobres da sociedade, os nordestinos, os marginalizados, os desafortunados, uma figura que ao longo do romance se evoluciona e muda de qualquer forma a sua condição inicial.

A parte central da tese junto com a tradução do romance e a análise detalhada de toda a obra é o objetivo principal da minha tese, ao iniciar com compreender o contexto sociocultural do texto de partida para acabar analisando as estratégias linguísticas e lexicais do autor. Desde o início a escritura do autor apresentou-se como um sistema fragmentado e particular que oscila entre um português perfeito do ponto de vista estilístico e um português regional. A presença dos regionalismos acompanha o leitor até o final da obra como símbolo de uma sociedade pobre e oprimida que é a região do sertão, uma identificação que se relaciona não somente ao aspecto territorial mas também à condição social dos habitantes daquela zona. Quanto às escolhas linguísticas, é possível perceber a utilização de um vocabulário ligado ao sertão nordestino. palavras como: “aió”, “pederneira”, “alpercatas”, são utilizadas para fixar a narrativa que se passa no sertão. Tais escolhas conferem verossimilhança ao texto regional e possibilitam a reconstrução da realidade de forma ficcional. A língua, a palavra são os meios através dos quais o autor conta uma realidade brasileira salientando o aspecto de crítica. A denúncia de um governo que não se interessa das zonas pobres e que oprime a gente que não consegue defender-se.

De fato o romance conta a história de uma família sertaneja, que poderia ser qualquer família que vive no sertão, pondo as bases pelo futuro que atende a família que ao longo do romance consegue ter esperança para um futuro melhor, longe do sertão, um futuro que embora seja incerto leva esperança para a nossa família protagonista. Podemos afirmar que ao final das contas o romance de Graciliano Ramos não é somente uma história de denuncia e pobreza, mas a historia do percurso de conscentização das personagens a esperar por uma vida melhor, a esperança de poder mudar o próprio destino, uma história de esperança.

BIBLIOGRAFIA

- ABEL, Carlos Alberto dos Santos, *Graciliano Ramos: cidadão e artista*, Brasília, UNB, 1999.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento, *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*, São Paulo, EDUSP, 2001.
- BERTAZZOLI Raffaella, *La traduzione: teorie e metodi*, Roma, Carocci, 2006.
- BIZZARRI Edoardo (a cura di), *Siccià*, Milano, Nuova Accademia, 1963.
- BRITO, Mário da Silva, *História do modernismo brasileiro*, São Paulo, Civilização Brasileira, 1996.
- BRUNACCI, Maria Izabel, *Graciliano Ramos: um escritor personagem*, Belo Horizonte, Autêntica, 2008.
- BUENO, Luís, *Uma história do romance do 30*, São Paulo, Ed. UNICAMP, 2006.
- DIADORI Pierangela, *Teoria e tecnica della traduzione: strategie, testi e contesti*, Firenze, Le Monnier, 2012.
- DI SABATO Bruna e PERRI Antonio, *I confini della traduzione*, Padova, Libreriauniversitaria.it, 2014.
- ECO Umberto, *Dire quasi la stessa cosa. Esperienze di traduzione*, Milano, Bompiani, 2003.
- FAINI Paola, *Tradurre. Dalla teoria alla pratica*, Roma, Carocci Editore, 2003.
- JAKOBSON Roman, *Aspetti linguistici della traduzione*, in HELMANN L. (a cura di) *Saggi di linguistica generale*, Milano, Feltrinelli, 1994 (1987).
- MALARD Letícia, *Literatura e dissidência política*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.
- MENIN Roberto, *Teoria della traduzione e linguistica testuale*, Milano, Guerini, 1996.
- MORAES Denis de, *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*, São Paulo, Boitempo Editorial, 2012.
- MOUNIN Charles, *Teoria e storia della traduzione*, Torino, Einaudi, 2006.
- NEERGARD Siri (a cura di), *Teorie contemporanee della traduzione*, Milano, Bompiani, 1995.
- NEERGARD Siri (a cura di), *La teoria della traduzione nella storia*, Milano, Bompiani, 1993.

- OSIMO Bruno, *Manuale del traduttore, guida pratica con glossario*, Milano, Hoepli, 2011.
- POLITO, Andre Guilherme, *Michaelis Dicionario escolar italiano-português, português-italiano*, Melhoramentos, 2011.
- PRENCIPE Vittoria, *Traduzione come doppia comunicazione: un modello senso-testo per una teoria linguistica della traduzione*, Milano, Angeli, 2006.
- PUGGIONI Roberto, *Teoria e pratica della traduzione letteraria*, Roma, Bulzoni, 2006.
- RAMOS Clara, *Cadeia*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1992.
- RAMOS Graciliano, *Vidas Secas*, Rio de Janeiro, Record, 2014.
- RIBEIRO CASTAGNA Vanessa, *Dizionario italiano-portoghese*, Milano, Hoepli, 2012.
- SALOMON Laura, *Teoria della traduzione: storia, scienza, professione*, Milano, Vallardi, 2003.
- SCARPA Federica, *La traduzione specializzata, un approccio didattico professionale*, Milano, Hoepli, 2008.
- SPINELLI Vincenzo, CASASANTA Mario, *Dizionario completo Hoepli portoghese (brasiliiano)*, Milano, Hoepli, 2010.

SITOGRAFIA

www.academia.org.br

www.dicio.com.br

www.graciliano.org.br

www.michaelis.uol.com.br

www.priberam.pt

www.sinonimos.com.br

